

MULHERES MIL THOUSAND WOMEN MILLE FEMMES



DO SONHO À REALIDADE
MAKING DREAMS COME TRUE
DU RÊVE À LA RÉALITÉ





MULHERES MIL THOUSAND WOMEN MILLE FEMMES

DO SONHO À REALIDADE
MAKING DREAMS COME TRUE
DU RÊVE À LA RÉALITÉ

Mulheres Mil
Do sonho à realidade

Thousand Women
Making dreams come true

Mille Femmes
Du rêve à la réalité

Brasília, DF
Março de 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC)

Mulheres mil : do sonho à realidade = Thousand women : making dreams come true =
Mille femmes : du revê à la réalité. Organização: Stela Rosa. – Brasília : Ministério
da Educação ; 2011.

420 p. : il.

Títulos e textos em português, inglês e francês.
ISBN: 978-85-64124-03-5

1. Mulher. 2. Educação de jovens e adultos I. Rosa, Stela. II. Brasil. Ministério da
Educação

CDU 377:396.4

SUMÁRIO

7	Apresentação
11	Alagoas
21	Amazonas
31	Bahia
41	Ceará
51	Maranhão
61	Paraíba
71	Pernambuco
81	Piauí
91	Rio Grande do Norte
101	Rondônia
111	Roraima
121	Sergipe
131	Tocantins
141	Projetos por estado

SUMMARY

145	Presentation
149	Alagoas
159	Amazonas
169	Bahia
179	Ceará
189	Maranhão
199	Paraíba
209	Pernambuco
219	Piauí
229	Rio Grande do Norte
239	Rondônia
249	Roraima
259	Sergipe
269	Tocantins
279	Projects by State

TABLE DES MATIÈRES

283	Présentation
287	Alagoas
297	Amazonas
307	Bahia
317	Ceará
327	Maranhão
337	Paraíba
347	Pernambuco
357	Piauí
367	Rio Grande do Norte
377	Rondônia
387	Roraima
397	Sergipe
407	Tocantins
417	Projets par État

MULHERES MIL
DO SONHO À REALIDADE

THOUSAND WOMEN
MAKING DREAMS COME TRUE

MILLE FEMMES
DU RÊVE À LA RÉALITÉ

UMA HISTÓRIA DE MUITAS VOZES

Esta publicação traz a trajetória de uma ação pública, o Mulheres Mil, narrada em primeira pessoa. Quem conta a história são 27 mulheres, entre alunas e egressas que participaram do projeto piloto implantado nas regiões Norte e Nordeste do país, com a meta de beneficiar mil brasileiras. Ousado e inédito na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, o Mulheres Mil trouxe o desafio de trabalhar com recortes de exclusão: mulheres jovens e adultas, em situação de vulnerabilidade econômica e social, a maioria com baixa escolaridade e à margem do mundo do trabalho.

Em linhas gerais, o projeto teve como objetivos elevar a escolaridade, ofertar qualificação profissional e contribuir para a inserção dessas mulheres no mundo do trabalho. Saindo da linguagem objetiva, pode-se afirmar que também promoveu diversos outros impactos que por sua essência não são tão simples e óbvios de serem mensurados, tais como a descoberta da cidadania, o resgate da autoestima, a melhoria nas relações familiares e no convívio das comunidades, além do estímulo às mulheres a voltarem para os bancos escolares. Resumindo: pessoas que voltaram a acreditar em si mesmas.

A gestação do projeto começou em 2005 e contou com a visão inclusiva, a coragem e a ousadia de diversos atores brasileiros e canadenses. A primeira ação nasceu de uma parceria entre o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), na época Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica (Cefet), e os *colleges* canadenses. Lá foi realizado um projeto de extensão que ofereceu capacitação para camareira. O resultado foi tão impactante que o Canadá, por meio da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e da

Associação dos Colleges Comunitários Canadenses, e o Brasil, por intermédio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) e da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), resolveram construir um projeto para ampliar a ação para outros estados. Assim nasceu o Mulheres Mil, que, além do Rio Grande do Norte, foi estendido para mais 12 instituições. São elas os Institutos Federais de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Roraima, Rondônia, Sergipe e Tocantins.

As personagens da vida real participaram ou ainda participam dos cursos de qualificação que foram ofertados a partir de 2008. As áreas são diversas e buscam convergir para as habilidades das alunas e a vocação da região. Por isso foram oferecidos cursos de corte e costura, governança (camareira), alimentos, cuidador domiciliar e artesanato. Vale ressaltar que respeitar as aprendizagens não formais e contribuir para a (re)descoberta de talentos foi uma questão-chave na implantação do Mulheres Mil, e a contribuição valiosa dos *colleges* canadenses, que há décadas implantaram o processo de Reconhecimento da Aprendizagem Prévia (RAP), válida e certifica os conhecimentos acumulados no decorrer da vida.

Em nível nacional, a ação foi implantada pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec/MEC) e contou com a parceria da Assessoria Internacional do Gabinete do Ministro (AI/GM), da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica (Redenet), do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif), da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA/ACDI) e da Associação dos Colleges Comunitários do Canadá (ACCC) e Colleges parceiros.

Nos estados, os Institutos Federais (IFs) contaram com a participação de diversos parceiros governamentais e não governamentais, imprescindíveis na execução do projeto. Outras figuras fundamentais foram os professores, servidores e voluntários dos IFs e dos parceiros, que acolheram, realizaram as atividades de assistência às alunas e ministraram aulas. Com certeza, todos contribuíram diretamente nas mudanças significativas na vida dessas mulheres e seus familiares. Uma prova é que todas as entrevistadas, tanto para esta publicação quanto para o portal, desde 2008, falaram da importância das aulas e da convivência na instituição para sua formação profissional e cidadã.

Como tudo que é novo, o Mulheres Mil está em processo, construindo caminhos para fortalecer e expandir as pontes criadas entre comunidades, institutos e sociedade. Pontes essas que vão desde as mudanças nas formas de

acesso – pois aqui os IFs saíram dos seus muros e foram às comunidades – até a formatação de cursos, permanência na escola, articulações com as demais organizações que pudessem garantir as diversas demandas trazidas por essas alunas não tradicionais, tais como creches, Educação de Jovens e Adultos, e parcerias com o setor produtivo para garantir a inserção no mundo do trabalho. Por isso o caminho não é único e não há uma só fórmula. O desafio é estabelecer o diálogo e adaptar a metodologia desenvolvida no Mulheres Mil para as realidades, sem perder de vista os eixos estruturantes do projeto: Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável.

Os resultados também não são únicos, nem todas as histórias são tão exitosas quanto as publicadas. Mulheres ficaram no meio do caminho porque arranjaram trabalho, mudaram de moradia, não gostaram da capacitação ou não conseguiram conciliar o estudo com a vida. Há alunas que conquistaram uma vaga na área da qualificação e também há aquelas que estão atuando em áreas diferentes. Outras ainda estão em busca de uma colocação. Algumas voltaram a estudar, outras não. Há as que estão arriscando o caminho do empreendedorismo e há discussões na área de cooperativismo. Entretanto, há uma certeza: todas que concluíram a capacitação apontam que o projeto trouxe mudanças significativas em suas vidas.

Do ponto vista institucional, o saldo também é imensurável. De 2005 a março de 2011, houve intenso intercâmbio de conhecimento entre docentes e gestores brasileiros e canadenses, através de missões técnicas, cursos, *workshops* e reuniões de trabalho. Mais do que parceiros de uma cooperação internacional, Brasil e Canadá alcançaram, na Educação Profissional e Tecnológica, uma relação de respeito, confiança e cumplicidade, com auxílios mútuos e com diversos planos para um futuro próximo. Um dos resultados foi o estreitamento da relação entre Brasil e Canadá, e hoje as instituições vêm celebrando diversas parcerias. Em relação ao Mulheres Mil, a ideia é levar o projeto não só para outras instituições brasileiras, mas também para países que queiram adaptar um método de sucesso às demandas de sua população.

Para o Brasil, um fator importante é que os 13 Institutos Federais desenvolveram uma metodologia de acesso, permanência e êxito para mulheres que hoje pode ser expandida para as demais instituições e aplicada para as diversas comunidades e públicos que precisam do acesso à educação profissional. A disseminação dessa metodologia contará com o Centro de Referência do Mulheres Mil, sediado em Brasília, que será responsável pelo acompanhamento da expan-

são, pela promoção de capacitações de servidores da rede e de outras instituições, pelo desenvolvimento de pesquisa e pela produção de materiais.

Além de apresentar impactos e desdobramentos que podem ser contabilizados em números, ao implantar o Mulheres Mil, as instituições construíram ferramentas de visibilidade e acesso para um público que há décadas sequer ousava atravessar o portão de entrada de um IF. Por isso, mais do que um projeto, essa ação representou o comprometimento com a inclusão social e, conseqüentemente, contribuiu para a construção de um país mais justo e igualitário e para o alcance das *Metas do Milênio*, promulgadas pela Organização das Nações Unidas (ONU) e aprovadas por 191 países que se comprometeram com a promoção da igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres, a erradicação da extrema pobreza e da fome e a garantia da sustentabilidade ambiental.

A meta para os próximos anos continua sendo balizada pela ousadia. O objetivo é que o conhecimento acumulado alicerce a implantação do projeto para o restante do Brasil, transformando o Mulheres Mil em uma política permanente da Rede Federal, ofertada em cada uma das suas 366 unidades espalhadas nos 27 estados do país.

SEBASTIANA



QUITÉRIA



ELISÂNGELA



MARECHAL DEODORO



À margem, esta é a expressão que representa as condições em que vivem os moradores da Vila Santa Ângela, no município de Marechal Deodoro. As casas, muitas de taipa, ficam dois metros abaixo do nível da rodovia AL-101 Sul e constantemente acontecem atropelamentos e óbitos de moradores.

Invisíveis, as famílias não constam nas estatísticas oficiais quando são contabilizados os serviços básicos, tais como saneamento, escola, posto de saúde. Sem nenhuma associação de moradores organizada para reivindicar os direitos básicos, os carros, inclusive os do poder público, passam depressa demais. Não dá tempo de olhar para os lados.

Um aspecto marcante do grupo de Alagoas é a timidez. São mulheres que, mesmo jovens, têm longa trajetória de trabalho. Filhas de lavradores, algumas, durante o dia, iam para as usinas trabalhar no corte da cana ou ajudar os pais na roça e, à noite, estudavam no Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que ofertava educação para jovens e adultos entre os anos de 1964 e 1985.

A oferta de capacitação do Instituto Federal de Alagoas no setor de alimentos visa qualificá-las em atividades já desenvolvidas, que são a venda e o preparo de alimentos em bares e restaurantes – trabalho realizado nos finais de semana –, a retirada de caranguejo do mangue, a comercialização de cocadas nas estradas próximas a suas moradias e a atividade de empregada doméstica. Além disso, o IF celebrou uma parceria com o governo local para a oferta de elevação de escolaridade.

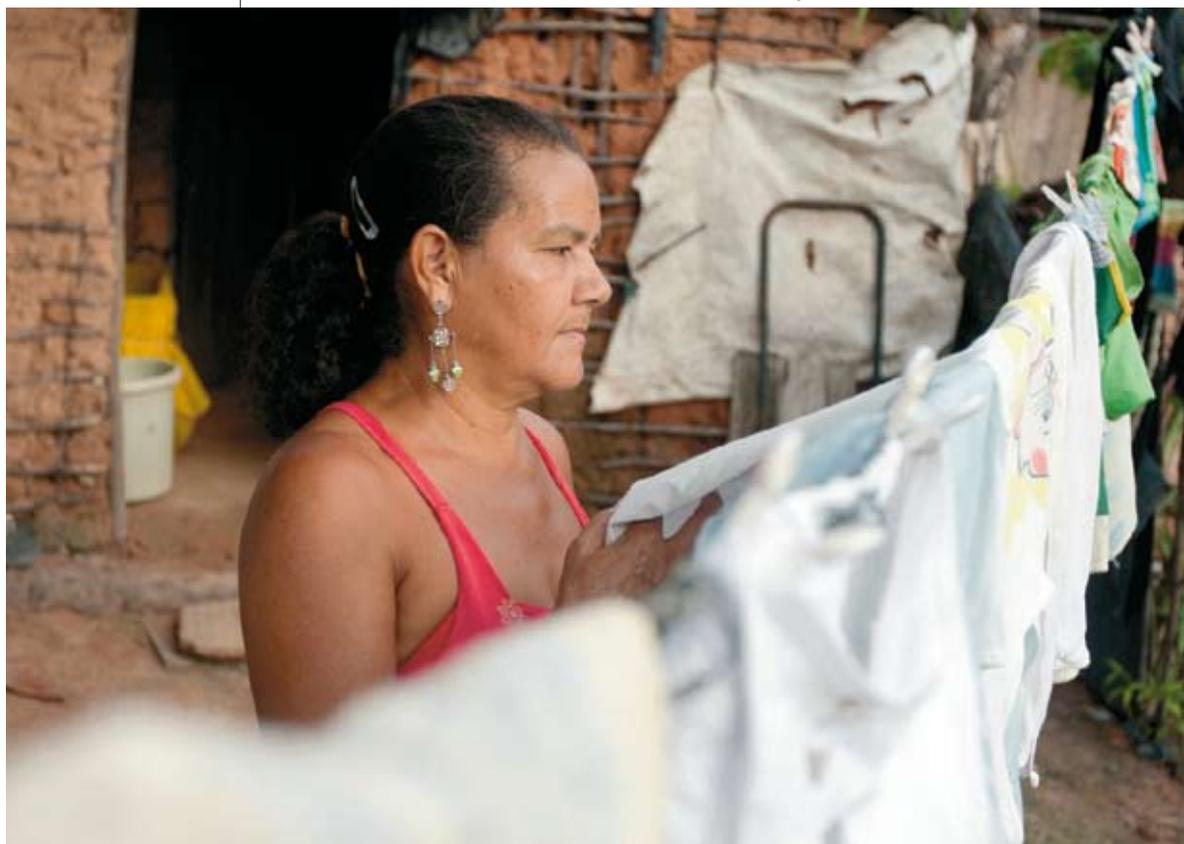


ELISÂNGELA, SEBASTIANA E QUITÉRIA



Maria Sebastiana da Silva, 49 anos, Maria Quitéria da Silva, 32 anos, e Elisângela da Silva, 23 anos, são mãe e filhas que compartilham histórias de vida similares: a maternidade chegou cedo e no tempo do viver não sobrou tempo para as letras. Quitéria, assim como Sebastiana, cedo foi trabalhar para ajudar a criar os irmãos. São vidas que se repetem nas trajetórias de exclusão. Moram próximas e se ajudam no que podem: dividem o que têm, se consolam na tristeza e comemoram juntas as alegrias e conquistas. Hoje, em sala de aula, elas compartilham o sonho de um futuro melhor. Elisângela quer conquistar a independência financeira, a meta é ser recepcionista. O objetivo de Quitéria é fazer um curso de enfermagem e essa foi uma das razões que a levou de volta para sala de aula. Já Sebastiana não desiste de sonhar com tempos mais prósperos.

Meu nome é Sebastiana e sou filha natural de Marechal Deodoro. Tive cinco filhos e criei quatro sozinha.



Um ficou com o pai. Eu estudei só até a terceira série. Trabalhava de dia e, de noite, ia estudar em uma escola chamada Mobral¹. Chegava cansada. Às vezes, nem tomava café. O pouco que eu aprendi foi com sacrifício, foi trocando as letras, trocando os nomes. Vivi essa vida até quando eu me casei, com 17 anos. Casei no padre e no civil. Tive meu primeiro filho com 18 anos. Aí meu ex-marido trabalhava de motorista. Eu gostava dele, mas ele bebia muito. Tá com 17 anos que a gente tá separado.

Sofri muito na minha infância; e na minha adolescência foi que eu sofri mais ainda. Minha mãe criou sete filhos e não tinha condições. Fui criada sem pai, cortando cana, limpando cana. Com 11 anos comecei a cortar cana e trabalhei até os 16 anos, depois casei. Se fosse hoje, não podia mais fazer porque tem o conselho tutelar, e criança não pode mais trabalhar, só estudar.

☺ Tô aprendendo agora, depois de velha. Tô aprendendo sobre culinária, gastronomia, direito das mulheres.



A maioria do povo critica o lugar onde a gente mora; uns chamam favela, outros, cambada de mundiçada. Às vezes, eu pego o ônibus para Maceió e vejo as pessoas com preconceito. Eu me sinto acanhada, porque eu sou uma pessoa pobre e moro num lugar desses porque não tem um lugar maior pra morar. Dói, porque a pessoa ser pobre não é defeito.

Eu voltei a estudar e fui para o projeto através das minhas filhas. Tô fazendo o EJA² e tô gostando do projeto. Depois que eu entrei, aprendi coisas que eu nunca tinha aprendido na minha infância. Tô aprendendo agora, depois de velha. Tô aprendendo sobre culinária, gastronomia, direito das mulheres. Até eu mesma fui vítima de violência e nunca tive esse direito. Eu não tive medo de mexer no computador, eu tinha era curiosidade de um dia aprender a mexer em um deles. E realizei esse sonho.

Eu vendo Avon, vendo confecção dos outros, de tudo eu faço um pouquinho para sobreviver. Eu faço filé³, renda de filé; tem o Bolsa Família que me ajuda muito, porque tenho um filho deficiente que mora comigo. Meu sonho é trabalhar para mim mesma e ter meu próprio negócio e um dia sair daqui desse lugar, para parar de ser tão discriminada. Ter meu pão de cada dia, sem trabalhar para os outros, mas trabalhando para mim mesma. E nunca desisti de sonhar e continuar lutando e sonhando para um dia ter uma vida melhor. ■



2. EJA – Educação de Jovens e Adultos.

3. O filé surge a partir de uma rede simples, composta de malhas e de nós, é por isso também denominado “rede de nó”, seguindo a técnica de confecção da rede de pescador, que lhe serve de inspiração.

Meu nome é Maria Quitéria. Eu tenho três filhos e agora estou separada. Eu não tive oportunidade de estudar.



Minha infância foi um pouco complicada. Vivi até os 12 anos no centro de Marechal Deodoro⁴. Então, houve a separação dos meus pais, minha mãe mudava muito, aí eu tive que parar de estudar pra cuidar dos meus irmãos e ajudar. Ela trabalhava em casa de família, trabalhava em lanchonete, eu ia ajudar. Depois ela fez uma cirurgia, aí eu tive que ficar no lugar dela ajudando. Eu não tive mais oportunidade para estudar. Fiz até o quarto ano primário.

Eu era mais tímida, o projeto ajudou um pouco pra arrumar trabalho. Às vezes, eu trabalho no fim de semana no restaurante, de ajudante de cozinha, e recebo o Bolsa Família. Aprendi a me valorizar. Tenho mais coragem para enfrentar as dificuldades do dia a dia, que não são poucas. Eu tenho fé que vai melhorar.

No curso, aprendi a fazer bobó de frango, a fazer refrigerante caseiro, reaproveitamento de comida. Aprendi como é a lavagem das mãos; que tem que lavar até o cotovelo e, se for para o banheiro, tem que tirar a bata, tem que tirar a touca, não pode falar enquanto está manipulando

“Eu quero terminar o curso, depois estudar para fazer o meu curso de enfermeira.

os alimentos. São coisas que eu não sabia. Devo colocar a verdura e os legumes para higienizar, para poder colocar na salada, nas panelas. Eu vou terminar, quero o meu certificado.

Tenho lembranças boas da ida a Brasília; foi a primeira vez que eu saí do estado. Nem imaginava que um dia eu fosse sair de Alagoas. Sempre que tô assistindo televisão, que passa aqueles lugares que eu fui, eu digo: “Ó, tive aí”, é bem emocionante! Sempre fico falando para os meus filhos. Nunca tinha andado em hotel tão chique.

Eu já trabalhei de doméstica, em restaurante como ajudante de cozinha, de garçoneiro, de faxineira. O que eu gosto mais é de trabalhar na cozinha, porque eu não gosto muito de estar no meio do povo, não. Eu prefiro ficar mais recolhida mesmo.

Eu quero terminar o curso, depois estudar para fazer o meu curso de enfermeira. Sonho em fazer enfermagem desde criança. Eu nunca falei para ninguém, vim falar já agora, depois de adulta, que o meu sonho é fazer enfermagem. Uma pessoa disse pra mim que, pra fazer enfermagem, eu tenho que pelo menos fazer o primeiro ano. Por isso que eu voltei a estudar, porque eu quero fazer esse curso. ■



Meu nome é Elisângela da Silva.
Eu tenho três filhos, dois do primeiro
casamento, e o mais novo é do segundo.



Sou operada, não quero mais filho. Minha infância foi melhor do que a da Quitéria, porque eu não trabalhava para ajudar a minha mãe. Ficava dentro de casa, estudava.

Quando eu estudava em Maceió, teve uma festa do dia das mães. Quando as mães foram entrando na sala, a gente começou a cantar aquela música do Roberto Carlos. “Nunca se esqueça nenhum segundo que eu tenho o amor maior do mundo, como é grande o meu amor por você”. A maioria não aguentou de emoção e começou a chorar. Chorou eu, minha colega, a professora e saiu chorando todo mundo. Essa música marca muito porque fala no amor, e o amor da nossa família é grande. Minha mãe, pra mim, é tudo, é meu pai, é tudo. Depois dela, o que tenho na vida são meus filhos, minhas irmãs, que eu amo muito, minhas sobrinhas. Somos unidas.

Aprendi, com a disciplina direito e saúde, a importância dos direitos que a gente tinha e que tem hoje. Antes mulher não votava e hoje a Dilma ganhou. É a primeira presidenta do Brasil. Você vê como as coisas estão

☞ Aprendi, com a disciplina direito e saúde, a importância dos direitos que a gente tinha e que tem hoje.



evoluindo! O que aprendi, que valeu a pena, foi sobre as mulheres, que eu não sabia sobre essa Lei Maria da Penha. O pouco que eu sei da lei é que não é violência só quando agride a pessoa batendo, pode agredir com palavras, com gesto. Isso me ajudou, porque tem muitas mulheres que vivem com um parceiro apanhando e têm medo de denunciar.

Eu fui casada uns cinco anos com o meu primeiro marido. Comecei a namorar com 15 anos e engravidei aos 17. Aí, ele começava a arengar: ele batia em mim, eu batia nele. Tinha essa delegacia das mulheres, só que não tinha essa Lei Maria da Penha ainda. Muita gente dizia: “Não vai denunciar não que ele vai lhe matar depois”. Ele sempre dizia: “Se você me denunciar, quando eu me soltar, eu te mato!” Da última vez que a gente arengou, que terminamos, quando minha mãe chegou em casa, ela disse: “Vamos para a delegacia!”.

Cheguei lá, dei parte e pedi pra delegada fazer ele assinar um termo de responsabilidade. Desse dia para cá, eu criei coragem e, até hoje, qualquer homem que inventar de triscar a mão em mim eu já tô dando parte. Ele pode me ameaçar quanto for. Então, estudar a lei me ajudou a desenvolver mais um pouco, pra saber o que as mulheres passam e podem fazer pra não passar mais. Outra coisa que me marcou foi a informática. Nós tivemos 10 aulas de informática. Aprendi a acessar a internet,





que eu não sabia. Abrir as páginas no computador, ligar e desligar, que eu também não sabia, eu aprendi.

Estudar ajuda na vida da gente, porque sem estudar não se vai a canto nenhum, porque para trabalhar numa empresa você tem que ter do primeiro grau em diante ou então o segundo grau todo completo. E ajuda na educação dos filhos da gente, porque, se a gente bota o filho na escola e não sabe nem ler nem escrever, como é que a gente vai ajudar os meninos nas tarefinhas? Também tem essa parte aí; eu acho interessante também nisso.

Nós tivemos aula com a nutricionista, aprendemos a cozinhar outros tipos de comida diferente. Ela ensinou uma receita de moqueca de caju. Quando começar a ter caju, eu vou fazer. Fizemos bobó de frango, refrigerante caseiro, que é melhor do que o que vende nas vendas. Agora eu digo: “Estudo no nono ano e faço um curso no Cefet”. As pessoas já se interessam.

Eu estou terminando a oitava série. Eu espero me profissionalizar em recepcionista. Eu quero entrar no Cefet à noite para fazer um curso de recepcionista para garantir um trabalho fixo para sustentar os meus filhos e não estar dependendo de marido, porque, um dia, vai que ele me deixe? Como é que eu vou ficar com meus filhos? Sem eira nem beira? Espero ter um trabalho fixo e espero que o curso me ajude mais ainda a arrumar um trabalho. ■



JANAÍNA



OSMARIVETE



MANAUS



As beneficiadas com o Mulheres Mil são ex-moradoras de áreas alagadas, denominadas palafitas. Comum na Região Norte, diversas famílias construíam suas casas em cima de leito de rios e mangues. A falta de saneamento, estruturas precárias para a coleta de lixo e as enchentes eram fatores que tornavam as condições de moradias nesses locais insalubres, colocando em risco a saúde dos moradores.

Para retirar as famílias dessas áreas de risco, o governo do Estado do Amazonas, através do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim), construiu novas habitações, com saneamento básico e infraestrutura de condomínio residencial. As mulheres têm baixa escolaridade, uma família para atender e várias são naturais de outros estados do Brasil ou de municípios do interior. Muitas têm histórias de abandono, violência e trabalho infantil. Em comum, elas têm a necessidade de melhorar ou garantir a renda familiar.

Além da questão da moradia, a falta de qualificação profissional empurrava as moradoras para o subemprego ou o desemprego. E foi nesse contexto que o Prosamim e o Instituto Federal do Amazonas estabeleceram parceria para a oferta de qualificação profissional na área de turismo. Desta forma, as instituições realizam ações conjuntas para facilitar o processo de adaptação na nova moradia e viabilizar possibilidades de trabalho e renda. Como em Manaus o setor de turismo está em crescimento e há carência de qualificação que esteja ao alcance do bolso desse público, a oferta do curso de camareira constitui uma importante alternativa para que essas mulheres possam ter uma profissão.

Para contribuir com a mudança de residência, no plano educacional também foram integradas disciplinas como meio ambiente e relações interpessoais, focadas no processo de interação com a nova realidade e na adoção de um comportamento sustentável. Em relação ao trabalho, o estágio profissional foi um dos pontos cruciais, momento em que elas conhecem a rotina de trabalho e

podem conquistar uma vaga. E essa foi a porta de entrada no mercado de várias alunas. Além de hotéis, algumas egressas estão descobrindo possibilidades de atuação em motéis e *flats*.



JANAÍNA TEREZA LESSA DA SILVA



Janaina Tereza Lessa da Silva, 35 anos, comemora a volta ao mercado de trabalho. A nova profissão de camareira abriu as portas do trabalho. Foi contratada no mesmo hotel no qual fez o estágio, exatamente como queria. Com o emprego, ela faz planos de continuar se qualificando e com a certeza de que está num mercado promissor.

Estou trabalhando no hotel Caesar Business. Fiz a prática lá e acabei ficando lá também.

Depois do estágio, nós fomos fazer a entrevista com o Recursos Humanos. Aí ela pediu os documentos e o currículo de todo mundo. Como faltava o número da minha carteira de trabalho, quando foi no sábado, fui lá com a minha filha entregar. Quando eu cheguei, ela falou assim: “Ainda bem que você veio, eu já ia ligar para você, porque você foi contratada”. Eu





“Algumas colegas minhas queriam fazer, mas não podiam porque não moravam no Prosamim. Eu tenho certeza que ia lotar.

chorei muito, eu chorei bastante. Minha filha tava lá. É difícil. Eu passei quase dois anos sem trabalhar.

A primeira pessoa pra quem eu falei foi para o meu pai, porque ele foi uma pessoa que me deu muita força. Falei assim: “Nem sabe? Eu fui contratada para passar os três meses de experiência lá”. Ele chorou e disse que não era para eu desistir nunca das coisas.

É cansativo um pouco, mas é gostoso. É legal trabalhar lá, as pessoas são bacanas. Tô aprendendo cada vez mais, porque tem um detalhe que a gente sempre esquece; mas elas estão ali para coordenar e, aos poucos, estou me adaptando, não estou mais esquecendo. São pequenos detalhezinhos que a gente esquece, que, às vezes, é tanta coisa para arrumar que a gente não lembra de tudo, mas já estou me adaptando mais.

Os professores aqui do IFAM foram todos maravilhosos. Muito mesmo. O curso em si foi muito bom. Eu já recomendei para outras amigas minhas. Eu aprendi bastante. Erros de português que, às vezes, a gente comete no dia a dia, como se comportar um pouco mais, o inglês também. Vira e mexe eu me lembro, porque, quando tem hóspede que tem que falar inglês, a gente tem que se comunicar de alguma forma. Então algumas coisas eu tento lembrar, tento me comunicar. Ele prepara. Quem levar a sério o curso e for até o final mesmo, com certeza tem muita vaga. Vou fazer o curso de inglês agora esse ano.

Agora, o que poderia melhorar no curso era ele ser aberto ao público. Algumas colegas minhas queriam fazer, mas não podiam porque não moravam no Prosamim. Eu tenho certeza que ia lotar. Muitas pessoas iam querer fazer, pessoas com a minha idade, de 35 anos, que, às vezes, não conseguem trabalho, e que gostariam de fazer o curso, porque é uma oport-

“Quando você tá desempregada, as pessoas meio que te esquecem, não lembram de você, não te respeitam.

tunidade de trabalho. Nos hotéis, onde algumas colegas trabalham, sempre tem vaga, mas não tem um curso de camareira. Teria que ser nacional, para todo o tipo de mulher, porque hoje é tudo profissionalizante e tem muitas mulheres aí que precisam mesmo desse curso.

Quando você tá desempregada, as pessoas meio que te esquecem, não lembram de você, não te respeitam. Então eu tive novamente o respeito das pessoas; as pessoas te olham de outra forma. Melhorou bastante, porque você tem o respeito das pessoas, as pessoas passam a te respeitar novamente.

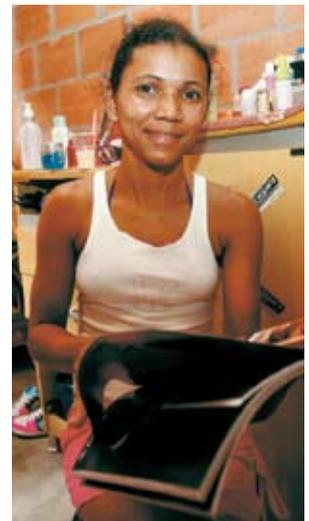
Eu trabalhava como auxiliar administrativo na prefeitura, durante 10 anos. Trabalhei como recepcionista e telefonista também, trabalhei como auxiliar de odontologia. Então, pra mim, camareira nunca passou pela minha cabeça; trabalho como diarista, em casas. Mas camareira... – que na verdade eles não gostam que a gente chame de camareira, é atendente de apartamentos.

Pra mim está sendo legal, porque agora vou fazer o curso de supervisora, porque não quero passar minha vida inteira sendo camareira. Vai começar o curso agora, no Senac, de supervisora de apartamentos; começa agora em março, já me inscrevi.

Eu tenho o ensino médio completo; eu tenho até o segundo período da faculdade de Educação Física; não concluí todo porque veio o falecimento da minha mãe e aí eu tranquei e nunca mais me interessei em voltar. Foi muito difícil, porque eu não tinha muita intimidade com meu pai, porque ele trabalhava o dia todo, vivia muito na rua. Hoje, não! Ele é meu melhor amigo, a gente se dá super bem. Quando eu fui voltar lá para ver não tinha mais condições de retomar a faculdade.

Eu tive infância mesmo, brinquei bastante. Até os meus 15 anos, eu brincava de boneca. Estudei, me formei, fiz o vestibular e passei. Aí tive a minha filha com 23 anos. Eu sou meio que casada, a gente se considera marido e mulher, mas eu tenho a minha casa, o meu apartamento. Eu passo mais tempo com ele, porque eu tenho meu irmão, que mora comigo; ele não trabalha, tá desempregado no momento e usa muita droga. Como eu passo o dia trabalhando, eu tenho medo de deixar minha filha sozinha. Então, ela fica mais na casa dele do que na minha.

Tem muitos hotéis que estão precisando de camareira profissional, que tenha o curso. Só nos dois meses que estou trabalhando tem colega mi-





nha que me fala: “Janaína, tu já tá trabalhando? Lá no hotel no Adrianópolis, que é tipo um condomínio, tão precisando de camareira”. Aí eu já indico outras colegas minhas que fizeram o curso.

Hoje, eu estou vendo que tem bastante vaga, porque eu tô nesse ramo, mas pra quem não tem o curso de camareira, nem imagina que tá precisando de camareira nos hotéis. Quando você faz um curso desse, automaticamente você já fica envolvida nessa área e já sabe quem precisa, quem não precisa; vai conhecendo pessoas que estão te indicando e automaticamente já tá trabalhando. Então é muito bom o curso de camareira.

Eu vou fazer minha faculdade de Farmácia. Vou me matricular no curso para supervisora de andar, que é acima de camareira, porque tem muitos hotéis que não têm, e a procura é grande. Eu não quero ser camareira, eu quero ser muito mais que isso e para isso eu tenho que estudar. É isso que eu vou fazer: eu vou estudar; passei muito tempo, então quero estudar, quero fazer um cursinho, quero fazer inglês, me atualizar em informática, algumas coisas que eu já não me lembro mais. Quero fazer o inglês, o básico pelo menos fluentemente, e eu tenho que aproveitar agora que eu tô trabalhando para poder fazer.

Se eu não ficar lá no Caesar, eu já tenho outro. Eu só tô esperando terminar minha experiência para ver se eu vou ser contratada ou não. Se eu não for contratada, eu não estou preocupada, porque eu já tenho outro me esperando.

Não falta trabalho para camareira, ainda mais quem tem o curso profissionalizante. Nunca é tarde, enquanto eu tiver viva, o que eu puder fazer por mim eu vou fazer. É muito difícil... Eu digo para minhas colegas e para o meu marido: “Tem que estudar, tem que fazer curso profissionalizante. Tem que estudar; estudo é tudo”. ■



OSMARIVETE CARLOS DE SOUZA E SILVA



Osmarivete Carlos de Souza e Silva tem 39 anos, três filhos e trabalha no hotel Adrianópolis. Determinada a mudar o rumo da história, quando começou a capacitação em 2008, não tinha com quem deixar os filhos e por um tempo teve que levá-los para a sala de aula. Segundo Osmarivete, a luta foi grande e o resultado também. Além da carteira de identidade, ela conquistou outra identificação, a carteira de trabalho.

Eu cresci de tal forma que, se tiverem visto aquela mulher de antes e hoje me virem, vão notar uma grande diferença.

Me cuido melhor, olho mais para mim mesma; vejo que eu também existo, sei o que está ao meu redor. Estão me vendo e sei que eu estou mudando, que eu mudei. Precisava de uma injeção de ânimo, precisava de alguém para me sacudir, dizer assim: “Você existe! Você é real!”. Eu noto que esse projeto foi uma injeção de ânimo. Eu precisava e eu não tinha como. Então chegou e eu peguei.



“Quando a gente mora em beira de igarapé o carteiro quase não vai lá. Hoje nós temos endereço fixo; é muito importante.



Hoje eu sou uma mulher que existe no mercado de trabalho. Isso para mim foi muito importante. Eu posso dizer que eu tenho uma identidade chamada carteira de trabalho. Eu trabalhei já, mas por conta própria, trabalhando avulso, fazendo uma coisa aqui e outra acolá, mas nunca de carteira assinada.

Eu comecei a trabalhar com sete anos, com a minha mãe. Como nós passamos a maior parte do tempo no interior, minha mãe fazia muita caieira¹. Minha mãe foi uma mulher que teve muitos filhos, teve 16 filhos, morreram quatro e ficaram doze. Então, para ajudar o meu pai ela tinha que se virar. Quando eu tinha dez anos, ela mudou de profissão, foi vender comida em banquinhas.

O curso ajudou em todos os sentidos; me levantou a autoestima, me deu uma perspectiva mais profunda. Eu era aquela mulher recatada, sempre dentro de casa, olhando sempre para o agora, não via o futuro. E esse projeto Mulheres Mil veio assim no momento mais propício da minha vida. Eu precisava muito. Eu me via numa situação de nem saber para onde correr; eu e meu marido passávamos uma situação difícil. Não tinha quem me ajudasse na realidade.

Quando a gente mora em beira de igarapé o carteiro quase não vai lá. Você, para tirar qualquer coisa, precisa de endereço. Até para arranjar um trabalho precisa ter um endereço. Quando vem chuva, você não dorme, passa a noite todinha em claro. Não tem como dizer que você vai ter paz, que vai ter segurança. Quando a pessoa perguntava onde eu morava, muitas vezes, a pessoa olhava e é como se dissesse assim: “Você não existe, você não tem endereço fixo, endereço certo!”.

Hoje nós temos endereço fixo; é muito importante. Meus filhos não precisam correr nem eu preciso me preocupar, porque, se chover, eu não tenho preocupação mais. Mudou tudo, porque, além da gente ter aquele problema de água, vinham os ratos e com eles vinham as carapanãs², e é impossível dormir com tanta carapanã.

Me sentia importante no meio de tanta gente aqui. Puxa! Eu estou fazendo um curso na escola técnica, ninguém quase acreditava e perguntavam: “Mas é lá mesmo que você está



1. Palavra usada no Amazonas para definir produção de carvão.

2. Mosquitos de pernas longas.



☺ Me sentia importante no meio de tanta gente aqui. Puxa! Eu estou fazendo um curso na escola técnica.

fazendo o curso?”. Me sentia bem, acolhida, no dia que não dava para vir me preocupava, devo ter faltado assim umas três ou quatro vezes.

Eu posso afirmar e vou afirmar que ele prepara mesmo. Quando você entra no mercado de trabalho, a primeira coisa que lembra é de cada instrução que elas nos deram. Você vai fazendo, vai lembrando. Então, em cada aula que a gente aprendeu, até mesmo na química, quando você vai misturar um produto, lembra que não pode fazer isso. Isso pode lhe prejudicar.

Hoje eu me vejo assim importante, me vejo assim; eu nunca tive um cartão de crédito e, pelo amor de Deus, tem que ter sabedoria até para usar! Hoje eu sou mais cautelosa do que eu era antes; pego o dinheiro e digo: “Não, eu vou gastar naquilo que realmente preciso. Eu não vou gastar assim à toa, é pouco, mas tem que ser gasto com aquilo que eu preciso, do que estou mais necessitada”.

Logo que eu fui lá no hotel, elas não queriam me dar vaga porque eu só tinha mesmo o certificado, aí eu disse: “Mas se vocês não me derem oportunidade, eu não vou ter experiência; eu sei fazer tudo”. Habilidades a gente tem no decorrer do trabalho, é como hoje se vê; eu faço o que eu posso. O hotel está 100% lotado e estamos lá.

Eu tenho meu dinheiro, eu posso ajudar na minha casa. Meus filhos passaram um tempo de muita escassez mesmo, de não ter para onde correr; o pouco que fazia não dava pra nada. Hoje, o pouco que entra dá pra fazer alguma coisa; não dá muito, já dá para dizer que eu tenho onde recorrer.



Hoje eu posso dizer que eu tenho um futuro. Conquistá-lo? Sei que está sendo difícil, mas eu vou chegar lá. Eu quero chegar a ser governanta. No momento, ainda não tem aqui o curso, mas estou de olho e, por enquanto, estou aprendendo um pouco nessa área. Quero fazer

um curso de inglês e me qualificar na área que eu estou agora.

O projeto que eu um dia estive nele é um projeto para qualquer mulher que está sem perspectiva de vida, de olhar para dentro de si mesma; aquelas mulheres que muitas vezes o marido não dá nada por ela, que difama, que joga ela, que faz tudo que acha que pode fazer; é para esse tipo de mulher que é esse curso, elas precisam de uma ajuda, elas precisam de um apoio, assim como eu precisei um dia. ■



CLEONICE



MARIA DAS GRAÇAS



SALVADOR



Em Salvador, a Vila Dois de Julho e Jaquaribe II são comunidades vizinhas, que vivem, no dia a dia, dificuldades similares: não há rede de esgoto, têm infraestrutura precária, muita insegurança e violência. A falta de política pública também pode ser detectada na inexistência de áreas de lazer, não há praças nem espaços de convivência.

Os bairros nasceram como loteamento e enfrentaram, no início dos anos 1990, um processo de ocupação massiva de famílias vindas de outras localidades da capital e do interior, como é a realidade de muitas das alunas do projeto.

A falta de escola na zona rural e o trabalho infantil são as principais causas da baixa escolaridade, o que dificulta a inserção dessas mulheres no mercado de trabalho. Muitas são chefes de família e integram hoje o contingente de trabalhadores do mercado informal ou engrossam as estatísticas de desemprego. A maioria trabalha como empregada doméstica e na realização de serviços gerais.

O Instituto Federal da Bahia enfrentou diversos desafios no processo de implantação do projeto, dentre os quais se destacam a violência existente nas comunidades e as dificuldades de inserção das mulheres no mercado de turismo, em função do preconceito de cor e idade. Para driblar a questão do mercado, o IF ampliou a oferta e criou um curso novo, o cuidador domiciliar, que tem um potencial considerável de mercado de trabalho. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2008, para cada 100 crianças de até 14 anos, existiam 25 idosos de 65 anos ou mais. A previsão é de que em 2050 sejam 173 idosos para cada grupo de 100 crianças.

Tanto na profissão de camareira quanto na de cuidador domiciliar, as alunas estão conseguindo acessar o mercado de trabalho. Para muitas mulheres, a capacitação na área de saúde está garantindo uma nova atuação profissional, com mais possibilidade de trabalho e maior remuneração, visto que a maior parte atuava como empregada doméstica ou como faxineira.



CLEONICE FERREIRA DA CONCEIÇÃO



Devota de Nossa Senhora do Livramento, Cleonice Ferreira da Conceição participa da comunidade católica no bairro Jaquaribe II que leva o nome da santa. Em dois momentos, a devoção ajudou: quando o marido se acidentou e quando o irmão foi acometido de uma depressão e passou um tempo sumido. Com 41 anos, ela luta para voltar ao mercado de trabalho. Agora a meta é tentar uma colocação na área de cuidador de idoso. O sonho, que começou quando concluiu o magistério, é fazer Pedagogia e poder dar aulas.

Superou minhas expectativas,
porque mudou completamente a minha
vida; até a maneira de pensar,

a maneira de lidar com o outro, porque eles trabalham muito isso: a maneira de você gostar mais de você. Cuidar mais de você.

Quando cheguei no curso, tava me sentindo inútil, tava colocando currículo, ficava naquela expectativa de ser convocada a voltar a trabalhar





e não chamavam. Eles dizem: “Seu currículo é ótimo, mas você não tem o perfil que a empresa precisa”. Até a área do comércio mesmo, que eu já trabalhei de caixa em supermercado, só estava contratando pessoas até 27 anos. Aí você começa a pensar: “Eu estou forte, tenho coragem, tenho vontade de trabalhar e não tenho oportunidade só por causa da idade!”. Você vai ficando assim, porque eu só me sinto bem quando estou trabalhando.

Quando eu comecei a participar dos encontros sobre autoestima, começou a mudar, porque lá eles trabalhavam também o lado espiritual, que você é um ser de luz, que você é importante, aí puxa também um pouquinho para a questão da infância, da família. Eles falavam também de desapego, das pessoas não desanimarem e essas aulas foram fortalecendo minha autoestima. Aí, quando eu comecei a ir para o Cefet, eu saí da depressão de vez. Eu sabia que era um curso de cuidadora de idosos, mas não sabia que era no Cefet e não sabia que ia ter bolsas.

As aulas eram superdinâmicas. Os professores, se fosse dar nota de 1 a 10, daria 10 para todos. Eu gostei de todos. Nós tivemos aulas de primeiros socorros, foi superimportante, tivemos conhecimento de muitas coisas que não tínhamos, como trabalhar até em caso de prevenção de acidentes. Aprendi sobre depressão, sobre o mal de Alzheimer, que acomete pessoas de mais de 60 anos. Aprendi como cuidar, como observar os sintomas.

Aí tiveram as oficinas, também as de artesanato. Depois nos reunimos para fazer embalagens a partir da reciclagem de caixas de leite. Você forra, dá o acabamento com a fita e fica muito bonito. Aprendemos a pintar, até participei da Feira de Natal do IFBA¹ comercializando os produtos reciclados feitos por nós.

Nós tivemos aula também de economia solidária; os professores têm muita experiência com cooperativas. Hoje pensamos em criar uma cooperativa de reciclagem; estamos amadurecendo a ideia. Não foram todas que se interessaram, mas umas três ou quatro pessoas se interessaram em voltar a falar sobre o assunto. Estamos esperando passar esse processo que vem agora de estágio e depois a formatura, para a gente voltar a pensar nisso. O professor vai nos orientar. Eles nos falaram que em qualquer época que a gente quiser voltar a falar sobre esse assunto, eles podem vir até a comunidade, explicar como funciona.

☺☺ Depois do curso eu me tornei uma pessoa mais forte, com mais esperança.

Eu me sinto preparada para o mercado de trabalho. O meu objetivo maior é voltar ao mercado. A expectativa é grande porque no estágio eu vou colocar em prática aquilo que eu aprendi em sala de aula. Minha meta hoje é conseguir um emprego, porque nós precisamos trabalhar e, futuramente, fazer alguma coisa que possa vir a ajudar outras pessoas. De repente, trabalhar como voluntária até no próprio projeto Mulheres Mil. Também ajudar as pessoas com quem eu convivo, porque lá em casa tem três pessoas idosas, que é minha mãe, que tem 61 anos, tem meu sogro, que tá com 67, e minha sogra, com 62.

Tem algumas colegas que já conhecia de vista, mas não tinha contato. Então, um dos pontos positivos do curso também foi esse: que eu pude me aproximar de algumas pessoas também, que só conhecia de vista, e pude aprofundar a amizade, ver que são pessoas excelentes; tem pessoas mesmo que descobri afinidades e eu sei que vai ser amizade assim para a vida toda.

Depois do curso eu me tornei uma pessoa mais forte, com mais esperança. Eu acho que me tornei uma pessoa bem melhor. Eu ainda sou uma mulher com muitos sonhos para realizar, que não consegui realizar ao longo da vida, mas não desisti, estou batalhando, correndo atrás, e tenho certeza que vou conseguir realizar esses sonhos. Sei que eu não posso ficar sentada, esperando que as coisas aconteçam, eu tenho que construir. Aí tem esse lado profissional que eu preciso realizar e o sonho também de fazer uma faculdade, um curso de Pedagogia.

Eu gosto de “Emoções”, de Roberto Carlos, porque na minha formatura do segundo grau, quando eu tava na cerimônia, começou a cantar, que fala que “quando eu estou aqui, eu vivo esse momento lindo”. Então passou um filme da minha vida. Minha maior dificuldade na infância era que meu pai e minha mãe são analfabetos. Então, eu não tinha uma pessoa que pudesse me ajudar com as tarefas escolares. Era muito difícil. Aí, geralmente, eu pedia a uma vizinha para me orientar.

Na infância, a gente sonha com tantas coisas, e o meu sonho era ser pediatra. Aí, você sabe, a família de algum tempo atrás, mais tradicional, tinha mais filhos. Lá em casa mesmo somos nove irmãos, e os mais velhos sempre ti-



“Eu acho que nós nunca devemos desistir dos nossos sonhos, temos que lutar, correr sempre atrás daquilo que queremos.

nham que trabalhar para poder ajudar a sustentar os menores. Como eu sou a mais velha, comecei a trabalhar muito cedo, desde 13 anos. Se eu parasse de trabalhar, eu não ia conseguir concluir o segundo grau.

Eu fui trabalhar em casa de família, trabalhei durante cinco anos. Quando eu concluí o meu segundo grau, fiz magistério. Só que quando eu fui pegar o certificado, descobri que o curso não era registrado. Foi uma burocracia muito grande, fiquei quase seis anos para conseguir o histórico. Quando consegui, eu já estava desatualizada, já não podia mais dar aula. Agora, para voltar a dar aula, eu tenho que fazer um curso de Pedagogia, que é o que eu estou buscando ainda fazer. Estou esperando a situação melhorar.

Eu acho que nós nunca devemos desistir dos nossos sonhos, temos que lutar, correr sempre atrás daquilo que queremos, porque muita gente tem sonhos e não tem a oportunidade de realizá-los. Então essa foi uma oportunidade que eu tive, e assim como eu tive essa oportunidade de voltar a sonhar e de voltar a correr atrás de meu objetivo, a mensagem que eu quero deixar é essa: que as pessoas nunca desistam de seus objetivos, nunca digam é tarde. Sempre é tempo de recomeçar. ■



MARIA DAS GRAÇAS PAULA DE JESUS



Maria das Graças Paula de Jesus tem 51 anos e já trabalhou de empregada doméstica, babá, lavadora de carros e na construção civil. Hoje está começando a fazer uma nova trajetória profissional como cuidadora de idoso. Gosta de ir à igreja aos domingos rezar para sua xará, Nossa Senhora das Graças. Em busca de perspectivas, morou algum tempo em São Paulo. Por causa da violência, não gosta de onde mora, mas fica porque herdou a casa da mãe. Uma das metas é melhorar a moradia para deixar para o filho e o neto.

1. O bairro de Plataforma fica no subúrbio ferroviário de Salvador e banhado pelas águas da Enseada do Cabrito e da Baía de Todos os Santos.

Meu grande amor foi meu primeiro namorado, lá de Plataforma¹ mesmo.

Eu tinha 18 anos, ficamos uns dois anos, depois terminou. Eu acho que amor é só um. O seu coração tem que amar só uma pessoa, porque era assim: quando via ele noutros lugares, com outras pessoas, eu só faltava morrer. Eu tremia, ficava me sentindo mal, gelava tudo. Ele é vivo, mas não fala comigo não. Ele já casou, tem filhos, estão mocinha



“Eu sempre dizia a minha mãe que eu queria fazer isso aí, estudar para ser enfermeira.



e rapaz, mas, até hoje, quando eu o vejo, de vez em quando, quando eu vou em Plataforma, ainda sinto isso. Então, eu acho que amor é isso aí.

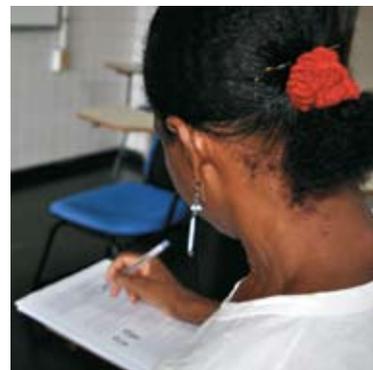
Esse curso foi assim: tinha uma professora fazendo inscrição aqui, no colégio Padre Hugo, aí chegou uma menina que mora nessa outra rua falando: “Ali tá fazendo a inscrição para curso, mas tem que ir lá procurar saber, porque são 40 mulheres que ela vai inscrever”. Cheguei lá e ela disse que era para tomar

conta de idoso, deu uma ficha para a gente preencher, dizer como era a casa da gente, se tinha parede, se tinha piso, se era de chão. A gente fez a ficha e deixei o número do telefone. Quando foi com três dias, ligaram.

Eu sempre dizia a minha mãe que eu queria fazer isso aí, estudar para ser enfermeira. Só que eu não consegui, mas agora esse curso quase me deu oportunidade, porque eu já tiro pressão direitinho, já dou insulina, tiro a temperatura, dou medicamento, tudo certinho. Então eu já tô quase pertinho do que eu queria. Ainda não tá totalmente bem, mas uma coisa que eu queria fazer já consegui.

Pra mim, lá foi muito bom. Eu achava que ia ser ruim, pensava que ia ser uma coisa chata, mas pensei: “Eu não tô pagando nada, não tô trabalhando e tenho que ocupar minha mente com alguma coisa”. Fui. Gostei, porque conheci outras pessoas. Os professores são muito bons. Aprendi algumas coisas da vida: eu aprendi a me dar com as pessoas, porque eu tava muito tensa, muito braba, muito revoltada depois que a minha mãe morreu e que meu filho ficou doente. Saía daqui correndo para ir para o meu curso, achava uma maravilha.





A gente teve uma aula também de desapego; que as pessoas não devem se apegar assim a tudo, que tem que ter desapego também. E aí foi que eu fui mais. Eu era assim, meio revoltada, muitos problemas que eu tinha assim na cabeça, mas depois disso eu melhorei. Eu fiquei mais paciente, me desapeguei mais das coisas, não fiquei mais nervosa como eu era. Eu melhorei bastante. E hoje eu sou outra pessoa e foi por causa desse curso. Melhorou muito o relacionamento com as pessoas, minha vida ficou melhor. Eu agora conheço outras pessoas, tô no meu trabalho; pra mim, tá bom. Estou comprando minhas coisinhas, tô pagando minhas contas.

Esse trabalho eu consegui pelo curso, pela qualidade e pelo curso, porque esse meio de trabalho a gente tem que ter o curso para receber o certificado, para comprovar que sabe cuidar de idoso. Quando eu fui acertar, a mulher já perguntou para mim: “Você tem o certificado?”. Respondi: “Tenho sim!”. “Tem a apostila?”, aí eu disse: “Tenho!”. Porque a apostila diz como a gente tem que lidar com o idoso. Antes de terminar, eu já comecei a trabalhar.

Eu fiquei muito nervosa. Trocava o remédio, na hora de dar insulina eu tremia, até uns três meses, mas, agora, eu faço de olho fechado. Fez um ano que trabalho lá. A senhora que eu tomo conta tem um monte de doença, sofre de diabetes, tem pressão alta, sofre de tireoide. Ela vive sentadinha, não aborrece, não estressa. Uma pessoa maravilhosa.

Eu comecei a trabalhar com nove anos de idade na casa de uma mulher para tomar conta de uma criancinha, de babá. Depois saí de lá e fui tomar conta dos meus irmãos. Minha mãe começou a ter filho, tinha que trabalhar, e eu tomava conta. E não tinha tempo nem de estudar.

Depois de velha, morando aqui, é que eu me matriculei no Vera Lúcia²; aí foi que eu estudei mais dois anos; quando ia completar três anos, eu tive que trabalhar em São Paulo. Eu vim embora porque minha mãe deu derrame. São Paulo eu gosto muito. Você tem oportunidade de trabalhar e de estudar, só depende da pessoa. Eu tenho muitas amizades.

“Foi uma sensação boa, porque eu fiquei tanto tempo sem aprender nada, e eu voltei a aprender mais um pouquinho.”

2. A escola Vera Lúcia Cipriano fica no bairro Nova Brasília, em Salvador, onde Maria das Graças morou antes de se mudar para Jaguaribe II.



3. O Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) é uma autarquia do Governo Federal do Brasil que recebe as contribuições para a manutenção do Regime Geral da Previdência Social, sendo responsável pelo pagamento da aposentadoria.

Se eu tivesse menor idade um pouco, eu ia estudar, ia fazer um vestibular e ia fazer um curso de enfermagem. Só não tô pensando em fazer mais porque eu já não enxergo mais direito; cabeça também eu não tenho mais; nem idade, mas, se eu pudesse, faria isso que eu tenho vontade.

Foi uma sensação boa, porque eu fiquei tanto tempo sem aprender nada, e eu voltei a aprender mais um pouquinho. Tivemos aula de matemática, sobre custo de vida, como é para viver com o seu salário, essas coisas. Tivemos aula de cuidador de idoso mesmo, aulas de primeiros socorros. Elas levaram uma agulha com a seringa para a gente poder dar insulina, falou sobre pressão arterial, como é que tira a pressão. Falou como é que lida com a diabetes, o que acontece. Na reciclagem a gente aprendeu a fazer sabonete. Tivemos aula sobre câncer de mama, câncer de útero, essas coisas. A gente teve aula sobre a importância de serviço médico, de fazer exame. Eu passei a me cuidar. Para as minhas colegas, também foi muito bom, mudou também a vida delas; foi muito bom porque aprenderam. Algumas estão procurando serviço.

Para o meu futuro, eu pretendo ajeitar a minha casa, botar uma laje – aqui é muito pequeno, só tem um quarto – para, quando eu faltar, ficar para o meu neto e meu filho. Estou pagando meu INSS³ para tirar minha aposentadoria para eu não ficar vendo navio. Então tenho que trabalhar.

Eu já tenho a prática, já tenho minha carteira como cuidador de idoso. Ela assinou minha carteira, tenho a prática e fiz tudo direitinho então. Se eu conseguir outro emprego, ganhando mais um pouquinho para mim, vai ser bom. Eu gosto de lá. ■



ILDA



SELMA



CEARÁ

FORTALEZA



Nos livros de história do Ceará, o Pirambu é citado no ano 1932, quando uma seca assolou a região Nordeste do Brasil. Na época, foi instalado um dos campos de concentração: o Campo do Pirambu ou Campo do Urubu, como ficou conhecido o local para onde eram enviados os flagelados da seca, que recebiam algum cuidado e comida, e podiam trabalhar nas frentes de obras, sempre sob a vigilância de soldados.

Décadas se passaram, o bairro cresceu, recebeu mais moradores vindos do interior, organizou-se, criou suas associações de moradores e atualmente faz uma boa interlocução com o poder local, mas as marcas da exclusão ainda fazem parte do cenário do local. Mulheres que nasceram nas décadas de 1950, 1960 e 1970, algumas alunas do projeto, ainda moraram nas precárias casas de taipas e não tiveram oportunidade de galgar uma formação superior ou técnica, quando muito terminaram o ensino médio. Ainda na adolescência, muitas se empregavam e se empregam nas fábricas de beneficiamento de castanha, instaladas nos arredores do bairro. Depois casam, têm filhos e só dão conta da importância dos estudos quando são demitidas, processo sazonal no ramo.

Hoje o Pirambu é um dos maiores bairros de Fortaleza, com mais de 300 mil moradores, o que corresponde a quase 10% da população da capital, que atualmente ultrapassa os 3,2 milhões e apresenta uma das maiores densidades populacionais do Brasil, com mais de 40 mil habitantes por km². Como nos demais bairros de periferias dos grandes centros urbanos, os moradores enfrentam violência, tráfico de drogas e preconceito. E as mulheres, cada vez mais, assumem sozinhas o sustento dos seus filhos.

Com sede já instalada no bairro, o Instituto Federal do Ceará ofertou capacitação na área de turismo e alimentos. Para viabilizar os estágios e as possibilidades de emprego, o IF celebrou parceria com a entidade da área de turismo, que contribui com a oferta do estágio que faz parte da grade curricular e vem se constituindo em uma porta de entrada no mercado de trabalho. Com a organização da Copa de 2014, da qual Fortaleza é uma das sedes, a tendência é que

o mercado cresça e absorva mais mão de obra qualificada. Hoje, a inserção das egressas no mundo do trabalho vem aumentando. Tanto há registros de ex-alunas que conquistaram vagas de camareira quanto há aquelas que estão atuando nas cozinhas dos hotéis.



ILDA MARIA VITAL DE OLIVEIRA



Ilda Maria Vital de Oliveira, “a Obesa”, apelido carinhoso dado pelos amigos de trabalho, uma alusão ao corpo esbelto – ela é a mais magra das camareiras –, mostra que o acesso à educação transforma realidades. Moradora do bairro “vixe”, expressão carregada de preconceito que, segundo Ilda, muitos cearenses usam quando descobrem que estão de frente com o morador do Pirambu, acreditou que podia mudar o rumo da história, e mudou. Com 40 anos, ela deixou para trás o desemprego e hoje trabalha no Holiday Inn.

Quando me chamaram, que eu tinha
que estar no Holiday Inn, tal dia,

tal hora pela manhã, me arrumei, me ajeitei toda e fui lá. Quando a mulher perguntou: “Você fez o curso onde?” – “No Cefet” – “Em qual Cefet?” – “13 de maio”. É uma referência grande mesmo. Ajuda a abrir portas.

Quando o Mulheres Mil chegou na minha vida, eu tava bem caída. Meu filho tava preso, já ia fazer dois anos que eu estava desempregada e





“Quando eu trabalhava na Iracema, nas fábricas de castanha, era só aquele salariozinho limpo e seco.

meu marido também já tinha ficado desempregado. Nós estávamos praticamente nas costas da minha mãe. Mas eu disse: “Depois que eu terminar esse curso, a minha vida vai melhorar, porque eu vou começar a batalhar emprego”. Deu certo! Eu estou com um ano e seis meses lá no hotel.

Quando eu trabalhava na Iracema, nas fábricas de castanha, era só aquele salariozinho limpo e seco. Eu não tinha plano de saúde, não tinha plano dentário, não tinha nada. Depois que eu fiz o curso e entrei para o hotel, melhorou minha vida 100%, porque não é só aquele salário. Agora estou com plano de saúde, plano odontológico. Os meus filhos, que tavam com problemas, trataram os dentes, eu também.

Minha mãe trabalhava igual eu trabalhei, nas castanhas. Nós somos cinco irmãos, não tínhamos casa. Eu lembro da gente morando ali embaixo, num casebrezinho feito de madeira, não tinha fogão, só fogareiro, sem perspectiva nenhuma. Minha vó era cega e muito cedo acordava, acendia aquele fogareiro com pau – era aquela fumaceira dentro de casa –, fazia um feijãozinho. Às vezes, ela estrelava ovo com água fervida; ficava uma coisa tão ruim... Aí, eu e a minha irmã saíamos para deixar o comer da minha mãe; era longe. Do meu pai eu nunca tive notícia.

Eu queria um dia dizer: “Saí das Iracema”. Minha irmã continua lá e tem dias que ela chega em casa morta de cansada, sente muita dor nas costas porque a gente trabalha igual costureira, só catando, separando amêndoas com película, amêndoas com casca. Ela tem 36 anos. Aí eu digo para ela: “Mulher! Faz o curso de enfermeira, de camareira, porque é tão bom... a gente vive outra vida dentro do hotel”.



É aquela coisa boa, quando a gente chega, todo mundo lá no refeitório tomando café, depois vai todo mundo para o vestiário se vestir, se arrumar, botar aquela maquiagem, se ajeitar. E depois cada qual pega seu carrinho, seu plano, sua chave e cada uma sobe para o seu andar. Às vezes, na hora do banho, a gente se maldiz do cansaço, mas depois que toma aquele banho, que se ajeita, que vai descendo aquelas escadas para vir embora, chega sente aquele alívio, aquela coisa boa. Eu acho muito bom.

No estágio, eu fiquei meio assim. No primeiro dia, eu pensei: “Rapaz, é muito cansativo!”. Eu achei que não ia dar para mim, não. No segundo, também, mas, no terceiro, eu já fui. Terminei o estágio na sexta e no sábado já estava colocando currículo. Aí, deixei em hotéis e em empresas. Dois hotéis já me chamaram, mas não quis trocar o certo pelo duvidoso. Já estou empregada, já estou de carteira assinada. O mercado para camareira é bom, não fica desempregada; é igual a costureira.

Estudar muda as pessoas. Eu também voltei a estudar por causa do projeto, porque as meninas comentavam que o projeto não ia querer quem tivesse só o primeiro grau. Isso me deu força para enfrentar os problemas. Era muito difícil. Chegava o dia da audiência e eu ficava com a cabeça deste tamanho, mas meu marido me dava a maior força; dizia para eu não desistir. Agora meu filho está bem.

O que eu aprendi no curso eu estou usando no trabalho: a informática, o português, a parte de camareira. A informática, apesar de ser só o básico, ajuda muito. O pouco que eu sei – abrir a internet, entrar no computador e ver quantos apartamentos estão limpos – ajuda. O pessoal da recepção liga e pede: “Ilda, abre aí o computador para ver como é que tá tal apartamento: tá sujo ou tá *clean*”. Eu vou, entro no computador, vejo. A informática é muito importante nesse ramo.

Matemática ajuda em alguns pontos, mas português é muito importante, porque tem a planilha para preencher. Ali você vai preencher, colocando: apartamento ocupado, *clean*, vago, sujo. Se a gente entrar num apartamento e tiver as coisas dos hóspedes, porque geralmente eles deixam: relógio, anel, essas coisas, mala aberta, tudo eu coloco no meu plano. As aulas de inglês também ajudam. Tinha que ter mais, porque são poucas horas.

Se eu pudesse reviver, eu gostaria de fazer o curso novamente. A melhor lembrança que eu trago das aulas eram as de interpretação dos textos. Fizemos um jogral com música; parecia que a gente tava vivendo aquele personagem. Foi uma das melhores aulas que eu tive.



☞ Terminei o estágio na sexta e no sábado já estava colocando currículo.



No Instituto, eles são muito acolhedores mesmo. Às vezes, eu me sentia inferior porque a gente via muito aluno e achava que eles tinham posses. A gente mora aqui na beira da praia; aí, estar dentro de um centro daquele, no meio de tanto adolescente que a gente acha que tem grande futuro pela frente... Eu, às vezes, ficava com receio de ir até o banheiro. Mas pensava, se eu cheguei aqui...

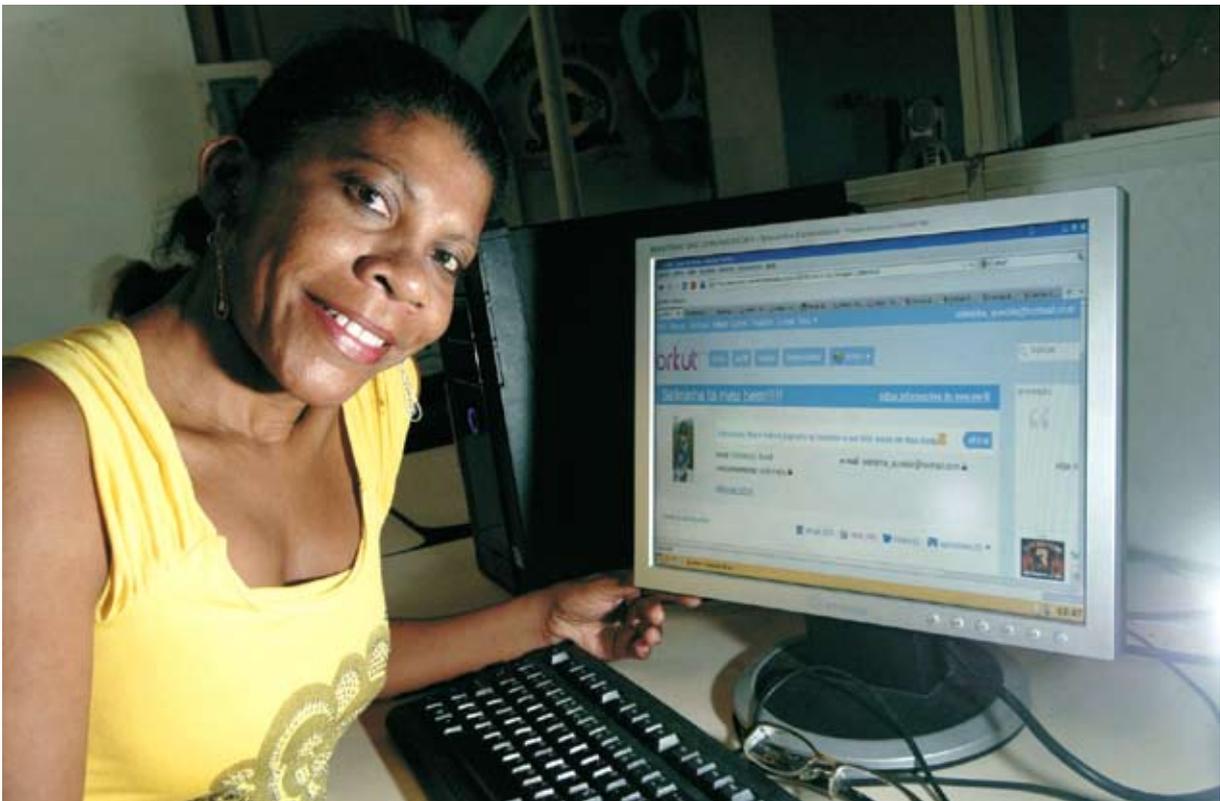
A formatura foi uma coisa tão boa, chamar a gente ali na frente, receber aquela declaração, aquele diploma. Foi bom, muito bom mesmo! A gente se sente importante, sente aquela pessoa assim: Eu venci! Eu cheguei até o final!

Hoje, depois que eu fiz o curso, eu tenho mais aquela liberdade. E tenho aquela força de vontade de que eu vou fazer e faço. Eu quero agora, em 2011, aperfeiçoar. Estou pensando em terminar meu terceiro ano e entrar num curso de informática avançado. Essa é a meta, porque eu estou fazendo um curso virtual, o nome é O Bem Receber a Copa no Brasil, que está preparando para a Copa de 2014 todo o pessoal do ramo de hotelaria.

Eu daria nota mil para o curso; é mesmo Mulheres Mil. E aquelas que querem mesmo, como eu, que fizeram por onde, se quiserem mesmo, chegam onde eu cheguei. Não quero deixar de ser camareira. Tô realizada! ■



MARIA SELMA DA SILVA



Nos últimos quinze anos, Selma cuidou de Davi, seu filho mais velho, que nasceu com paralisia cerebral. Em 2008, começou a se preparar para a despedida: fez o curso de camareira e voltou a estudar. Em julho de 2010, Davi se foi, e em outubro, ela começou a trabalhar no Holiday Inn, indicada pela amiga de curso: a Ilda. Do passado, ela diz que tem a tranquilidade de missão cumprida. Do futuro, a certeza que tem capacidade para escrever sua história e cuidar do filho mais novo, o Danilo. “Essa Selma agora tá diferente daquela que entrou no Mulheres Mil, porque é uma mulher dinâmica, diferente, é uma mulher que agora sabe o que quer: a Selma quer trabalhar e ser feliz.”

**Foi incrível! Como eu disse a primeira vez,
as meninas até riram lá em casa**

quando eu falei isso na minha entrevista – eu tinha medo de computador.

Realmente, eu não chegava nem perto. Morria de medo. Minha mãe dizia: “Menina, esse bicho aí é um bicho do outro mundo, é um bicho do





“Eu tenho Orkut e tenho *e-mail* também. Abri logo que eu saí do projeto.

final dos tempos porque descobre a vida da gente todinha”. E descobre mesmo! Quer ver? Vamos supor: você está num apartamento, termina de limpar todo e dá o *clean*. O *clean* é digitar um código. Aí, aquela supervisora lá embaixo sabe onde você tá, onde entrou. Quando passa a chave no trinco do apartamento, acusa no computador. Todo mundo sabe a que horas você entrou, quantas vezes, o tempo que ficou lá dentro. Então o computador sabe tudo mesmo [risos]. Eu tenho Orkut e tenho *e-mail* também. Abri logo que eu saí do projeto.

O desafio é muito grande, muito forte, muito intenso. A gente trabalha muito, é uma rotina pesada, mas, quando a gente se apaixona pela profissão, vai em frente. Fecha os olhos e abraça com todo amor, com todo o carinho, que é para isso que a gente foi preparada, e é isso que a gente quer, pelo menos, no meu caso, para isso que eu fui preparada, de 2008 a 2009.

Eu tava apreensiva, nervosa, eu sabia que ia começar a trabalhar, sabia que a minha carteira já tava assinada, porque, quando eu fui fazer a entrevista, pelo projeto que eu fiz aqui no Mulheres Mil e pelo certificado que eu levei, já fiquei. Eu fiquei tão emocionada que quase que não consigo fazer nenhum exame para entrar na empresa. A minha pressão subiu e a doutora ficou um pouco preocupada, mas deu tudo certo. O coração bateu muito forte porque eu sabia que eu tava preparada para aquilo e sabia que eu ia enfrentar; mas aí eu entrei com toda a garra, com toda a força e estou enfrentando. Estou gostando, tô adorando ser camareira.

Já estou lá faz três meses, com carteira assinada desde o primeiro dia. Tem de bom tudo, porque a gente conhece várias pessoas legais, pessoas de outros estados; a gente vê um mundo completamente novo. No projeto, a gente conhecia teoricamente, mas na prática é muito bom, muito legal mesmo.

A primeira vez que eu trabalhei de carteira assinada foi antes de ter meu filho. Eu passei 15 anos parada por conta do problema do Davi. Era um bebê. Eu sabia que eu ia ficar sem ele, sabia que um dia ia precisar trabalhar, porque o meu trabalho era cuidar dele, tanto que eu vivia da

“A gente acha que não tem capacidade de se redescobrir, mas vai vendo coisas que sabe que é capaz.”

aposentadoria dele. A casa era sustentada praticamente por ele, porque marido eu quase não tinha, era só para dizer que tinha. Abandonei o marido também para fazer o curso, para viver, porque vivia presa.

Fui para o projeto e também voltei a estudar. Fui fazer EJA¹ e terminei o primeiro grau. O segundo grau estou fazendo. Só tinha feito até a quinta série. Naquela época, bastava. Minha mãe sempre dizia: “Não já aprendeu a ler e escrever? Pronto!”. Até a quinta série era o que a gente precisava, porque já sabia ler, escrever e fazer conta.

Trabalhei com 14 anos, numa fábrica de rede; eu fazia varanda, trançinha. Naquela época, as redes eram manuais. A minha mãe sempre botou a gente para fazer alguma coisa, porque nós éramos cinco irmãs mulheres, fora os quatro irmãos homens. Era uma família grande, só o meu pai que trabalhava e os irmãos mais velhos trabalhavam com meu pai.

Eu me sinto muito importante por ter participado do curso do Mulheres Mil. Ajuda muito. Aprendi que a gente tem sempre que tá de bem com a vida, tem que se cuidar, tem que se agarrar na nossa vida porque é única, e a gente tem que viver o momento, porque depois que passa acabou.

Tem muitas mulheres desempregadas no nosso país e esse projeto é o ponto de partida para essas mulheres chegarem lá na frente e conseguirem vencer, porque é um projeto maravilhoso. Vi uma das meninas que estão fazendo o curso, no ônibus; pela blusa do Mulheres Mil reconheci logo. Eu tava com poucos dias lá no hotel. Ela olhou para mim e sorriu; eu nem conhecia, mas ela já me conhecia. “Você é a Selma, né?” Aí eu disse: “Você me conhece do Mulheres Mil, né? Olha, continua, porque é muito bom e esse projeto abre portas”.

O Mulheres Mil foi a chave para abrir a porta de recomeço na minha vida, que eu vivia morta, só assistindo novela. Assisti novela por cima de novela; quando abri os olhos minha vida tava sendo uma novela. Aí eu pensei: “Epa! Comigo não! Vou mudar essa página”.

A gente acha que não tem capacidade de se redescobrir, mas vai vendo coisas que sabe que é capaz. Você tem a capacidade de descobrir coisas que você nem imagina. Muitas vezes eu me senti inferior, mas o projeto me ajudou, porque a gente sabe que tem essa força, basta aprender a botar para fora. O projeto ajuda você



1. EJA – Educação de Jovens e Adultos.



a ensinar também, porque não é só recriminar, brigar, falar, repreender, é também ensinar. O projeto ensina muitas coisas boas que a gente ensina para os filhos. Eu ensino para o Danilo que ele não pode baixar a cabeça com nada, que não pode ser inferior a ninguém. Ele pode fazer e tem que ter determinação de conseguir; colocar na cabeça que vai fazer, porque tem força para isso.

Antigamente não esperava que fosse acontecer isso que tá acontecendo agora. Receber aquele dinheiro porque você se esforçou, estudou, praticou. Ah, é muito gratificante! Foi muito bom pegar aquele dinheiro e saber: agora eu vou pagar as minhas contas – tinha um monte de coisas atrasadas. Depois que o menino faleceu, o dinheiro acabou.

A importância do Mulheres Mil na minha vida?! Foi muito importante! Foi um projeto único e determinante. Determinou o nosso futuro, né, pelo menos o meu, porque a vida não acaba aos 40, a vida começa aos 40 anos. A vida começa no tempo que você determinar que vai começar. A mulher tem que estudar sempre, não só na escola, não só no projeto; ela tem que estar sempre estudando, ela tem que estar à frente do seu tempo, porque não pode parar.

Eu chego sozinha no vestiário. Eu me arrumo e olho para o espelho: “Ah, agora sim, agora dá para ir, porque agora eu sou uma camareira. Eu posso tudo o que eu quiser”. Esse ano eu termino o terceiro, vou fazer vestibular e vou passar no Enem² e fazer a faculdade para economia doméstica. ■

2. O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é um exame individual realizado em todo o Brasil para avaliar os conhecimentos dos alunos que estão concluindo ou que concluíram o ensino médio. Com o Enem, o aluno pode concorrer a uma vaga em universidades e institutos federais e ainda a uma bolsa de estudos para instituições privadas.

RAQUEL



MARIA ROSILDA



SÃO LUÍS



A 20 km do centro, a Vila Palmeira é um dos bairros mais antigos de São Luís. Inicialmente, moravam trabalhadores rurais, descendentes de escravos, entre outros grupos que se encontravam à margem do desenvolvimento urbano. A ocupação do local foi marcada pelo crescimento desordenado e pelo inchaço ocasionado pelo êxodo rural. Isto levou as famílias a construir suas casas nas margens do rio Anil, que cruza a capital e que constituía o principal corpo hídrico da cidade naquela época.

O bairro possui uma parte da comunidade instalada no manguezal do rio, hoje completamente poluído. Várias famílias moram em condições subumanas, em palafitas, construções de madeira sobre a maré, cercadas pelo lixo. Neste cenário, encontram-se diversas mulheres que não tiveram oportunidade de estudar, não se capacitaram profissionalmente e tiveram filhos. Grande parte é mãe solteira e mantém suas famílias como diaristas.

Em São Luís, a área de alimentos tem forte potencial de inserção no mundo do trabalho e carência de mão de obra qualificada. Em função disso, o Instituto Federal do Maranhão desenvolveu a qualificação profissional na área de conservação, congelamento e preparo de alimentos e vem promovendo uma articulação com o setor produtivo para viabilizar a inserção no mundo do trabalho. O projeto foi apresentado para alguns empresários da área que hoje são empregadores das alunas. Outra ação importante foi a ampliação do Mulheres

Mil para o *campus* do Centro Histórico, que ofertou curso na área de artesanato.



No que se refere às egressas, algumas estão garantindo renda por meio de encomendas de salgados e doces, outras realizaram o sonho da carteira assinada e estão trabalhando em empresas parceiras. Muitas estão comercializando os produtos no próprio bairro e há ainda criação de microempresa.



RAQUEL SANTOS



Raquel Santos, 34 anos, leva a vida com bom humor. Gosta de rir, de brincar. Gosta de ser feliz. Talvez por isso, o período junino, que tem festa para todo lado, é a época em que mais curte São Luís. É quando tem arraial, tem Tambor de Crioula, tem Dança Portuguesa, tem Bumba Meu Boi e quadrilha. Na adolescência, fazia ginástica rítmica e dançava o Cacuriá, uma coreografia sensual, onde casais dançam com passos marcados e, de acordo com a música, os passos e parceiros são trocados. Com planos para o futuro, Raquel conquistou um sonho que parecia distante: a carteira de trabalho assinada.

Sinto saudades das aulas práticas e das teóricas também, porque ficava aquela animação.

Mas uma coisa que eu não sinto saudades, apesar do professor ser maravilhoso, é matemática. Essa aí não tem conversa. Talvez agora a gente





tente assim uma aproximação, porque eu entrei lá no serviço como atendente e, do mês de junho para cá, eu estou como caixa-atendente, tem que bater o caixa, prestar conta. Então, a gente tá querendo se acertar, só não sei se vai dar certo.

Eu já tinha desistido de muita coisa. Eu ia para um lado, não dava certo, ia para outro, não dava certo. Eu tinha desistido de trabalhar de carteira assinada, porque eu já estava com 32 anos e não tinha arrumado nenhum serviço de carteira assinada. Terminei o ensino médio, sou formada em magistério e sempre trabalhei em escola comunitária. Na última escola que eu trabalhei, recebia 150 reais por mês e fiquei de setembro a novembro sem receber. Então, para mim isso tava fora de cogitação, porque o mercado não é só pelo currículo, mas olha muito a idade da pessoa; não só a experiência conta.

Aí eu entrei no curso para me aventurar, para ver se conseguia melhorar alguma coisa. Realmente, mudou muito a minha vida. Mudou demais. Eu estou trabalhando no Bondiboca¹, de carteira assinada; dia 28 de janeiro fez um ano de carteira assinada. Essa foi a minha primeira conquista. Comecei também a divulgar o trabalho de artesanato que eu faço. Eu faço flores, bonecos.

Com o meu primeiro contracheque, eu comprei minha máquina de lavar. Aliviou muito, porque no dia que tava de folga era o dia todo lavando roupa. Estou economizando para comprar minha geladeira, cama, para dar um pouco de conforto para mim e para os meus filhos.

Lembro de tanta coisa boa... a turma da gente era uma turma boa. Aqui no Cefet eu participei do projeto de uma bolsa, que eu trabalhei aqui em cima, na parte do Recursos Humanos. O dinheiro da bolsa me ajudou, tanto na parte de alimentação para dentro de casa, como na parte para a compra do material para fazer os bombons e os bonecos que eu fazia para vender.

1. O Bondiboca é uma rede de lanchonetes de São Luís que integra a parceria para a inclusão das alunas no mercado.

O projeto Mulheres Mil é muito importante, porque dá oportunidade a mulheres que já desistiram de lutar por alguma coisa na vida, pelas dificuldades do dia a dia, dificuldades de emprego, de alimentos, o preconceito por ser mulher. Existe sim o preconceito. Por ser mulher, às vezes, a gente não ocupa um cargo. Daí começa a discriminação, a desvalorização. E esse projeto vem contribuir para que a mulher recupere sua autoestima. É uma injeção de ânimo para que ela não desista dos seus sonhos, dos seus ideais, que ela corra atrás, batalhe, lute, que ela consiga e vença. Isso aí é o principal: uma injeção de ânimo, que vem renovar a mulher, vem fazer com que ela recupere a sua autoestima, volte a se valorizar, a dizer para ela mesma: “Eu posso, eu consigo, eu sou capaz, eu vou conseguir”, e futuramente dizer: “Consegui!”.

Eu pretendo continuar os estudos, fazer uma faculdade, me formar e ir para frente. Como eu estou na área de alimentos, estou muito voltada para a área de nutrição e também a parte de gastronomia. Quero trabalhar, quero vencer, quem sabe futuramente botar meu próprio negócio. Estou pensando na área de decoração de festas infantis.

Na aula de empreendedorismo, o professor ensinou a valorizar cada centavo que a gente ganha. Ele ensinou assim: se a gente ganha um real por dia, tem que guardar 10 centavos. A gente tem sempre que economizar, dar valor ao nosso dinheiro, porque é um dinheiro muito suado. Como eu estou pensando em botar um negócio lá para frente, então eu tenho que valorizar esse dinheiro que eu ganho.

Sou feliz, apesar de todas as dificuldades que eu já passei e as que eu tenho no dia a dia, não tenho o que reclamar. Eu gosto de forró, eu gosto de pagode, eu gosto de ouvir música clássica, até aquelas músicas que tem para relaxar, com som de água, de pássaro, de meditação; só não gosto muito de *reggae*. Eu gosto de praia.

Conheci meu marido numa discussão que tivemos. Nós queríamos ver o cão, mas não queríamos ver um ao outro. Eu casei com 19 anos, tive meu primeiro filho com 19 anos, e tenho 25 anos de casada. O primeiro filho eu queria muito, os outros dois não foram planejados. Fiz três cesáreas.

Minha infância foi boa. Eu nasci e me criei na Vila Palmeira, que foi um bairro de invasão. Minha vó aventurou um terreno e eu morava na casa dos meus pais, com minha avó. Sou a mais velha de quatro irmãs. Meu pai começou a trabalhar aos 13 anos, num posto de combustível, como lavador de

“O projeto Mulheres Mil é muito importante porque dá oportunidade a mulheres que já desistiram de lutar por alguma coisa na vida.





“A gente envelhece a partir do momento que não trabalha mais.”

carro e até hoje ele trabalha nisso. Na Vila Palmeira, a maior dificuldade na época era água; minha mãe saía com uma lata para pegar água.

Eu gosto muito de brincar. Vocês nem sabem o quanto eu gosto de uma molecagem. Lá no serviço a gente brinca tanto que eu digo: “Gente, se meus filhos souberem como eu sou aqui, eles diriam – mamãe! A senhora, quem diria?”. Eu gosto de brincar com os amigos, aí um vem conta uma coisa engraçada. Às vezes, uma coisa que acontece na hora é séria, depois começa um a rir do outro. A gente se diverte muito, até em casa com os meninos é desse jeito. Na hora é sério, depois que passa a gente começa um a rir do outro. Eu gosto disso, é muito legal.

A gente tem que estar colocando a mente para trabalhar em alguma coisa. A gente envelhece a partir do momento que não trabalha mais. A gente não consegue mais utilizar ela para algumas coisas, fica assim parada. Com isso aí, a gente já começa a envelhecer. Por isso que eu não tenho cara de velha, porque eu estou sempre procurando alguma coisa para fazer. ■



MARIA ROSILDA COSTA CASTRO



Maria Rosilda Costa Castro descobriu a paixão pela cozinha na adolescência, quando já gostava de se aventurar em novos sabores e misturas. Católica praticante, levou o marido para o altar ano passado e comemorou com o seu talento: fez um bolo. Tímida, o desafio de Rosilda tem sido aprender a cobrar pelos produtos fornecidos pela Guloseima, microempresa que abriu em 2010.

1. Time de futebol do Rio de Janeiro. Também conhecido como Rubro Negro, é o clube que tem maior número de torcedores do Brasil e do mundo, de acordo com pesquisas do Ibope.

2. Torcedores do time de futebol São Paulo, que também é conhecido popularmente como Tricolor do Morumbi.

Eu gosto do Flamengo¹; não conheço quase nenhum dos jogadores.

Meu marido, às vezes, diz: “Não sei que torcedora que tu é...”. Mas eu sempre gostei, desde pequenininha, mas não sou aquela torcedora fanática.

Tenho dois filhos. Lucas tem 12 e Caio tem 7. São são-paulinos² os dois. Vivo com meu marido faz 13 anos, mas me casei no ano passado. Foi um casamento coletivo. Foi ótimo, foi muito bom; me emocionei, todo



“Quando vejo naquelas páginas de revista aqueles bolos lindões, fico apaixonada. E eu vou chegar lá.

mundo se emocionou, minhas irmãs... Realizei um sonho, foi bom demais! Fiz um bolo bem bonito.

Eu gosto de cozinhar, sempre gostei. Comecei com uns 12 anos, quando minha mãe ia para a cozinha, eu ia com ela. Lá na casa da minha mãe era praticamente só eu que fazia a comida. Gostava de inventar, pegar uma receita e fazer. Às vezes, dava certo, às vezes, não.

Participar do projeto foi uma realização. Eu trabalhava como atendente de dentista, mas porque precisava trabalhar, nunca gostei da área. Trabalhei dez anos na área. Aí eu cansei. Saía às seis horas da manhã e chegava nove da noite. Não via meus filhos, não tinha tempo para casa; pedi para sair.

O mapa da vida foi muito interessante. Cada uma botando o que queria, como ia seguir. A gente viu desde a nossa infância até os dias de hoje. É interessante porque a gente revê o passado e olha tudo o que deixou para trás e o que pode ainda buscar daqui para frente. Eu fiz vários desenhos, eu sou péssima no desenho, mas deu para entender o que eu queria dizer, deixar o meu recado. Eu fiz umas coisas brincando, subindo, até onde eu queria chegar, o topo que eu queria chegar, que é ser dona do meu próprio negócio.

No mapa da vida descobri que ainda posso estudar, me profissionalizar, me preparar melhor. O meu objetivo é me tornar uma grande profissional. Eu quero me aperfeiçoar em salgados, na área de confeitaria. Eu adoro fazer bolo, doces, salgados. Quando vejo naquelas páginas de revista aqueles bolos lindões, fico apaixonada. E eu vou chegar lá, já fiz uns dois bem caprichados.





Eu fazia salgados para as minhas amigas, para o aniversário dos meninos, só que não trabalhava para ganhar. As pessoas pediam para eu fazer, traziam o material e depois diziam “obrigado”. Eu não fazia profissionalmente, não conseguia cobrar, tinha vergonha.

Foi depois do projeto que eu comecei mesmo a fazer cobrando, procurei valorizar o meu trabalho. Minha autoestima melhorou bastante; aprendi a me valorizar, a dar valor para as minhas coisas, que eu não sabia. Não conseguia dar preço e hoje em dia eu já sei. Hoje eu digo para as pessoas: “É tanto por isso e isso”. Sei a justificativa, o porquê que é esse valor.

O nome da minha empresa é Guloseima. Eu fiz pelo Sebrae³, é uma empresa individual; agora eu posso estar expandindo meu negócio, posso tá emitindo uma nota. O CNPJ⁴ saiu logo, e a partir de 10 meses já tem vários benefícios. A gente paga uma taxa de 57 reais e, com 15 anos, tem direito a uma aposentadoria. Vou botar um ponto na minha casa, no meu terraço, porque eu já tenho minhas encomendas de salgados, aí eu faço os dois ao mesmo tempo.

É um bom mercado, tem muita gente que trabalha nessa área. O mercado está aí pra todos, mas a gente sempre tem que tá melhorando, porque não pode viver fazendo sempre aquela mesma coisa; tem que inovar. Eu ganho em média mais de um salário por mês. Tem mês que tiro menos, tem mês que tiro uns 700 a 800 reais.

Eu melhorei um pouquinho de tudo; aprendi até a me conhecer melhor. Antigamente, eu achava que só ia ao médico se estivesse doente: pura ignorância. Melhorou pra mim, melhorou pra minhas irmãs, melhorou

3. O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) orienta e promove eventos para facilitar o trâmite para abertura de pequenas empresas.

4. CNPJ – Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

“ Isso também é fruto da força de vontade, porque não pode esperar tudo do curso, a gente também tem que correr atrás.



pra família toda, porque hoje em dia eu sou uma incentivadora das minhas irmãs; mando ir, digo que tem que ir ao médico.

Tudo que eu aprendi a fazer melhorou no meu trabalho, em termos de higiene, de segurança, preparação, empreendedorismo, como se profissionalizar melhor, trabalhar melhor, na nossa própria segurança. Tudo isso veio acrescentar muito.

Hoje está todo mundo trabalhando, só tem uma ou duas que não estão trabalhando. Isso também é fruto da força de vontade, porque não pode esperar tudo do curso, a gente também tem que correr atrás. Não adianta fazer o curso e ficar parada. ■

APARECIDA



MARTA



BAYEUX



O município de Bayeux engloba as comunidades de Baralho, São Bento, Porto de Oficina, Casa Branca, Porto do Moinho e São Lourenço. Não há linhas de separação, são comunidades vizinhas que têm como principal atividade econômica a pesca. Homens, mulheres e crianças tiram da maré que, geralmente, contorna o fundo das suas casas o pão de cada dia. Os adultos pescam e os pequenos ajudam na limpeza do marisco.

As condições de moradia e infraestrutura básica são precárias. As ruas são pavimentadas, mas não há saneamento básico, e o abastecimento de água para o consumo é comprometido. Os reservatórios domésticos, como os tanques e caixas, foram construídos nas proximidades das fossas e das hortas, onde são aplicados agrotóxicos sem orientação técnica, colocando em risco a saúde da população. Nas localidades, há problemas de alcoolismo, uso de drogas e o número de portadores de vírus da Aids é o terceiro maior do estado.

Construir uma oferta educacional, a partir do diálogo com as alunas, foi um dos desafios enfrentados pelo Instituto Federal da Paraíba, que está criando o curso técnico na área de pesca, tendo como base a abordagem por competências. Outra ação importante foi articular a inclusão das marisqueiras em ações do Ministério da Pesca e Aquicultura, o que beneficiou não só as alunas do Mulheres Mil, mas a comunidade, que passou a ter informações e assim pôde acessar as políticas públicas destinadas aos pescadores.

As alunas são donas de casa, artesãs, marisqueiras, empregadas domésticas. A idade é variada, de 18 a mais de 60 anos, e algumas nunca tinham entrado numa sala de aula. Pegar o ônibus que as leva até a sede do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), que fica em João Pessoa, a uma distância de 4 km, tem significados que é difícil colocar no papel: oportunidade, descoberta, recomeço, cidadania. Na primeira etapa, o desafio do IFPB foi sensibilizar e estimular as mulheres a participarem do curso. Esta fase foi marcada por oficinas na área de saúde, meio ambiente e produção artesanal. Depois, veio a elevação de escolaridade, e a oferta de profissionalização na área de pesca e artesanato, que ainda está em processo.



MARIA APARECIDA BATISTA MARINHO



Maria Aparecida Batista Marinho, a Cida, como é chamada, gosta de música romântica. O primeiro disco que comprou foi de Amado Batista. Adorava a música “Menininha, Meu Amor”. O disco ficou na casa de uma das famílias em que trabalhou. Os anos de labuta como empregada doméstica e cortadora de cana são invisíveis. Não há carteira de trabalho. Não há registro. A única prova carrega no corpo. São as marcas que começaram na infância e se acumularam na adolescência, resultado dos acidentes constantes sofridos pelas crianças. Cida é marisqueira, mas a atividade de mãe forçou a folga. É preciso cuidar do bebê. Dona de casa e estudante, aos 37 anos, ela é a primeira da família a quebrar o ciclo do analfabetismo. O sonho é poder ser o que não teve: professora de criança.

Quando o ônibus chegou no Cefet, eu perguntei: “É nesse lugar que eu vou ficar?”.

Aí entramos numa sala chique, com ar-condicionado e eu pensei: “Deus do Céu! É um sonho e, se é um sonho, eu vou segurar, não vou deixar passar não”.



“Tem tanta mãe analfabeta. É tão ruim ser analfabeta, é ser igual a um cego. Eu era cega e hoje eu estou enxergando.”



Foi tão bom para mim a primeira vez que eu vim; eu fiquei mais contente quando a gerente entregou a farda, eu me senti tão orgulhosa. Eu pensei: “Agora eu faço parte do grupo Mulheres Mil. Eu não quero sair desse grupo mais nunca”.

Tem tanta mulher dona de casa querendo oportunidade de estudar. Tem tanta mãe analfabeta. É tão ruim ser analfabeta, é ser igual a um cego. Eu era cega e hoje eu estou enxergando. Por isso, o Mulheres Mil tem que ter continuidade, dar chance a outras mulheres.

Quando eu ia pra usina receber dinheiro, colocava o dedo. Às vezes, eu não queria nem ir, porque eles perguntavam: “Sabe ler e escrever?”. Me sentia humilhada de ver alguém escrevendo e eu não. Era horrível! Eu tinha vergonha de não saber ler e escrever. Eu me sentia culpada. Hoje eu sei que é porque eu não tive oportunidade de estudar. Eu não tive escolha de vida. Era aquilo e aquilo mesmo.

A gente cresceu nessa vida de corte de cana: meu pai, meus tios e até hoje meus tios cortam, meu irmão. Não era muito fácil, não. A gente chegava de manhã e só voltava seis da noite no trator. Quando mamãe dizia que queria me botar para estudar, eu dizia que não queria, porque a dificuldade era muita. Ela tinha muita criança pequena e minha vontade era de ajudar dentro de casa. Meu pai, na época, bebia muito e eu não tinha vontade de sair e deixar minha mãe naquela condição de sofrimento. Naquele tempo, eu não sabia, não tinha noção, tanto fazia ter estudado ou não. Mas hoje eu sei a importância.

Quando eu completei 18 anos, arranjei um namorado, casei e tive minha primeira filha com 19 anos. Meu pai sempre ameaçava minha mãe de morte e eu, com medo, pedia muito pra gente sair daquela vida. Nesse tempo, minha prima mandou um bilhete pedindo pra eu ir para Bayeux com a minha filha. Aí eu pensei: “Com a cara e a coragem, eu vou!”. E fui e levei minha mãe. Lá passei um tempo trabalhando em casa de família. Aí conheci meu segundo marido, construí uma família, mas sempre sentia que faltava algo em mim.

O que eu penso é que, se no Brasil não existisse desigualdade, as coisas eram bem melhores. Se existisse igualdade para todos, se fosse partilhado por igual, não existiria tanta gente sofrendo, passando fome. No Brasil, a terra é imensa, mas tem tanta gente pagando aluguel. Se fosse partilhado por igual, não teria isso não.

O que eu mais gosto no Mulheres Mil são os professores. Eles incentivam a gente. Eu pensei que a obrigação deles era só dar aula e pronto, mas os daqui são maravilhosos. Eles dizem: “Insistam, persistam, não desistam, porque o estudo é a única coisa que ninguém pode tirar de vocês”.

Eu gosto demais das aulas. Eu aprendi tanta coisa. A gente teve aula sobre o direito das mulheres e também sobre saúde; foi quando a enfermeira falou sobre a importância da mulher se cuidar, fazer os exames todos os anos, que eu morria de medo de fazer, morria de medo de ir no médico. No interior, as pessoas não fazem exames. Eu nunca tinha feito prevenção, agora já fiz.

A gente tem aula de matemática, de português, de informática. Eu morria de medo de pegar no *mouse*. Ficava me tremendo, não conseguia pegar, pensava que eu ia quebrar. Aí o professor dizia: “Mulher! Pegue esse *mouse*. Não tenha medo, não!”. Aprendi a ligar e a desligar o computador.

Melhorou bastante a autoestima. Hoje eu sei ensinar minhas filhas. Hoje eu sei trabalhar com matemática, fazer conta. Eu tenho segurança nas coisas que eu faço. Eu sou um incentivo em casa. Eu tenho cinco meninas fêmeas e elas estão estudando. Eu estudando também dou motivo para elas continuarem. Elas pensam: “Mainha que já tá velha tá estudando, eu também não vou desistir do meu estudo”. Eu não tive oportunidade de estudar quando criança que nem elas, mas eu quero que elas tenham. E eu quero ser esse exemplo, ser esse espelho para elas.



“Melhorou bastante a autoestima. Hoje eu sei ensinar minhas filhas. Hoje eu sei trabalhar com matemática, fazer conta. Eu tenho segurança.”





A relação entre as mulheres da comunidade melhorou bastante com o Mulheres Mil. Hoje a gente se comunica. Quando tem uma passando dificuldade, quando está doente, quando passa assim alguma coisa de família, a gente vai lá saber, ajuda. E quando o ônibus vem pegar a gente, as pessoas veem e dizem: “Lá vão as Mulheres Mil”. Quando chegam nas reuniões da associação, eles dizem: “Lá vêm as Mulheres Mil”. A comunidade vê isso também; o projeto tá no povo da comunidade.

Hoje eu tenho escolha. Eu quero aprender mais e mais e não vou desistir. Esse ano vou renovar minha matrícula no colégio. Estudo aqui e no colégio do estado, perto de casa. Passei de ano, terminei a quarta série. O povo fala assim: “Essa mulher tem um monte de filho e tá estudando”. Mas é porque eu quero alcançar meu objetivo de ser alguém na vida. A pessoa que não tem estudo não é ninguém não. É um cego mesmo, falando sério! Eu quero terminar meus estudos e fazer um curso para trabalhar com criança. Eu me identifico muito com criança.

Eu sou uma mulher guerreira e, talvez, se eu estivesse lá no interior, não estaria aqui hoje. Me sinto uma pessoa capaz de aprender, de evoluir, que antes eu não tinha esse pensamento. Eu gosto de ser o que sou. E agora sabendo ler, aí é que eu gosto mesmo de ser o que eu sou. ■

MARTA DE LIMA



Franzina, pele queimada do sol, Marta de Lima tornou-se marisqueira depois do casamento, quando foi morar em Bayeux. Curiosa, observava os vizinhos colocarem o barco no mar. Um dia se aventurou. Foi amor ao primeiro contato. E é do mar que tira o sustento dos filhos e a sensação de liberdade. Negociadora hábil, convenceu o marido a deixá-la estudar e a voltar a estudar. Mãe de três filhos, 38 anos, Marta cresce de tamanho quando fala da sua vontade de estudar e entrar na faculdade.

**Tudo que você faz tem que gostar.
Eu gosto e gosto muito do que eu faço.**

Pra deixar de ir pra maré, só se for motivo de doença ou uma coisa muito forte acontecer. No mar, você se sente livre, respira o ar puro, que é muito bom.

É maravilhoso. É uma sensação muito boa. Apesar de eu ter medo de água e não saber nadar, eu gosto de pescar.





“Aprendi nas aulas de meio ambiente que o que a gente tem que proteger mesmo é a área que a gente vive.”

Aprendi nas aulas de meio ambiente que o que a gente tem que proteger mesmo é a área que a gente vive. É o mangue! Só que tem muita gente que não tem noção do valor que o mangue tem, que a maré tem. E tem um valor muito grande para mim; é o valor da minha sobrevivência e da sobrevivência de muita gente. Se você joga lixo

na maré, você está poluindo o meio ambiente e aí seus filhos e seus netos não vão ver isso que eu estou vendo hoje. É isso que eu penso.

Eu comecei a trabalhar aos nove anos. A gente morava na casa da minha vó, era em torno de seis filhos e só meu pai trabalhava. Eu achava muito pesado; eu sou a mais velha, então, eu tinha que fazer alguma coisa. Fiz um pequeno curso de crochê e comecei a vender minhas peças. Com isso, eu ajudava em casa.

Depois, comecei a trabalhar na casa dos outros, mas sempre fazendo crochê. Lá pelos 17 anos, fui ser comerciante, trabalhar de vender sapato – a gente chama aqui de camelô. Foi nessa época que eu também parei de estudar, na oitava série. Eu não conseguia conciliar o trabalho com o estudo, aí eu resolvi trabalhar mesmo.

Aos 21 anos, conheci meu marido e vim morar em Bayeux, foi quando eu comecei a pescar. Eu vim morar na beira da maré, onde eu moro até hoje. Só que antes minha casa não era de tijolo, era de taipa. Eu tinha curiosidade, via o pessoal pegando o barco e indo trabalhar. Aí eu pensei: “Eu vou também”. E meu marido dizia: “Tu não vai”. E eu dizia: “Eu vou”. E nesse vai e não vai acabei indo. Só que aí eu peguei amor.



No início, meu marido foi contra eu voltar a estudar. A gente brigou muito, mas agora, não, ele já está sendo a favor. Aí eu insisti para ele ir também para a escola. Ele vai à força, mas vai [risos]. Eu vou com ele, porque ele só vai se for comigo. É engraçado demais. A professora acha engraçado porque sou eu que ajudo ele; pareço a professora na sala de aula [risos].

Eu gosto muito de Roberto Carlos, da música “As curvas de Santos”. Me lembra coisas boas da juventude. Eu gosto também de dançar na rua de casa. O pessoal gosta de fazer festinha e eu caio na gandaia com o meu marido. De clube eu não gosto, não sou muito chegada à multidão, mas uma festinha assim de rua, de família, eu tô dentro. Danço a noite todinha.

O Mulheres Mil é a realização de um grande sonho. Eu me sinto realizada. Completa ainda não, porque eu não terminei os estudos. Mas só em ter tido oportunidade de voltar a estudar é um sonho mesmo. Para mim, estar aqui no Instituto é mais importante ainda, porque assim: pra poder entrar aqui, se faz prova, e eu acho que eu não entraria nunca através de prova. Entrei através de um projeto.

De 2008 para cá, depois que eu entrei no projeto, eu sou totalmente diferente. Eu era mais calada, agora sou mais faladora, falo muito. Quando eu entrei, eu não sabia de nada, hoje me sinto inteligente e muito. Já posso ajudar em casa, na questão da lição com os meus filhos. Hoje, me comunico melhor com as pessoas, já sei o que tem que falar. Antes, só na vizinhança mesmo que eu gostava de conversar, mas participar de outras reuniões, ir para outros lugares, não. Agora, tenho mais força de vontade, me sinto bem. Me sinto ótima, aliás.

Também teve aulas sobre direitos, e a gente tem muitos direitos. Falaram também sobre os direitos das mulheres, que tem a Lei Maria da Penha. Isso ajuda muito, porque hoje em dia tudo o que a gente vai fazer, tem homem que diz: “Ah, vou bater em você, vou fazer isso”. Puxa, que história é essa! A gente tem onde reclamar, tem onde chamar, não tem essa de bater, não! Acabou o tempo de a mulher ser escrava. A mulher agora tem que ser é livre.

A gente conquistou a carteira de pesca. Para quem é pescador, serve como uma aposentadoria no futuro. Você paga o INSS¹, no máximo 45 reais por ano, e no futuro se aposenta. A gente conseguiu tirar devido a essas reuniões que a gente foi convidada aqui do Instituto². Hoje eu tenho a minha.

Erro de conta eu já não tenho muito, porque já consigo fazer direitinho. Eu me acho outra pessoa. Da ida a Brasília³, eu lembro quando a gente foi para o Ministério da Educação, vendo aquele vídeo lá, com a história da vida da gente. Ali foi marcante, ver um ministro vendo eu ali, pescando, trabalhando. Me senti importantíssima.

Às vezes, eu perco o ônibus, porque chego atrasada da maré. Aí eu só visto a roupa, faço carreira, chego na pista, e o pessoal diz: “O ônibus



1. O Governo Federal do Brasil vem criando opções para que trabalhadores autônomos, entre eles pescadores, possam contribuir com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para garantir a aposentadoria.

2. As reuniões foram realizadas pela Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca, e a participação das marisqueiras foi articulada pela equipe do Mulheres Mil no Estado.

3. Em abril de 2009, a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) promoveu, em Brasília, um evento com a participação de uma aluna de cada estado. Na ocasião, houve o lançamento do documentário nacional do Mulheres Mil, produzido pelo cineasta Helvécio Rattton. O vídeo pode ser acessado no endereço eletrônico <www.mulheresmil.mec.gov.br>.



“Melhorou minha forma de pensar e tendo uma visão do mundo melhor, você pode repassar para os seus filhos.”

Melhorou minha forma de pensar e, tendo uma visão do mundo melhor, você pode repassar para os seus filhos. Eu insisto muito lá em casa: “Tem que estudar, porque a maré é hoje e não é amanhã”. Se eu tenho estudo, posso dar uma vida melhor para eles e, se eles têm estudo, podem ter uma vida melhor que a minha. Com estudo, a gente pode conseguir tudo, só basta você ter força de vontade e coragem.

A minha meta é poder concluir os meus estudos. Aí, quando terminar vou ver o curso que vou fazer. Parar eu não vou mais, não. Espero que o projeto não acabe e que dê oportunidades a outras pescadoras, artesãs e donas de casa, porque a gente só tem a ganhar, nada a perder. ■



DEINE



VERA LÚCIA



PERNAMBUCO

RECIFE



O dia a dia na Vila Chico Mendes, bairro da periferia de Recife, é embalado pelo barulho ensurdecedor dos aviões que se preparam para pousar no aeroporto internacional de Recife. Na verdade, só os visitantes os escutam, chegando a curvar os ombros com medo de que as aeronaves caíam nas suas cabeças. As crianças, nem piscam.

A comunidade surgiu em 1991, quando 30 famílias de diversos bairros da capital ocuparam a área e montaram a casa que cabia no bolso – barracas de papelão e taipa. Os alugueiros consumiam uma parte considerável dos salários e a falta de política habitacional na época empurrou diversos trabalhadores para essas áreas periféricas para garantir um teto.

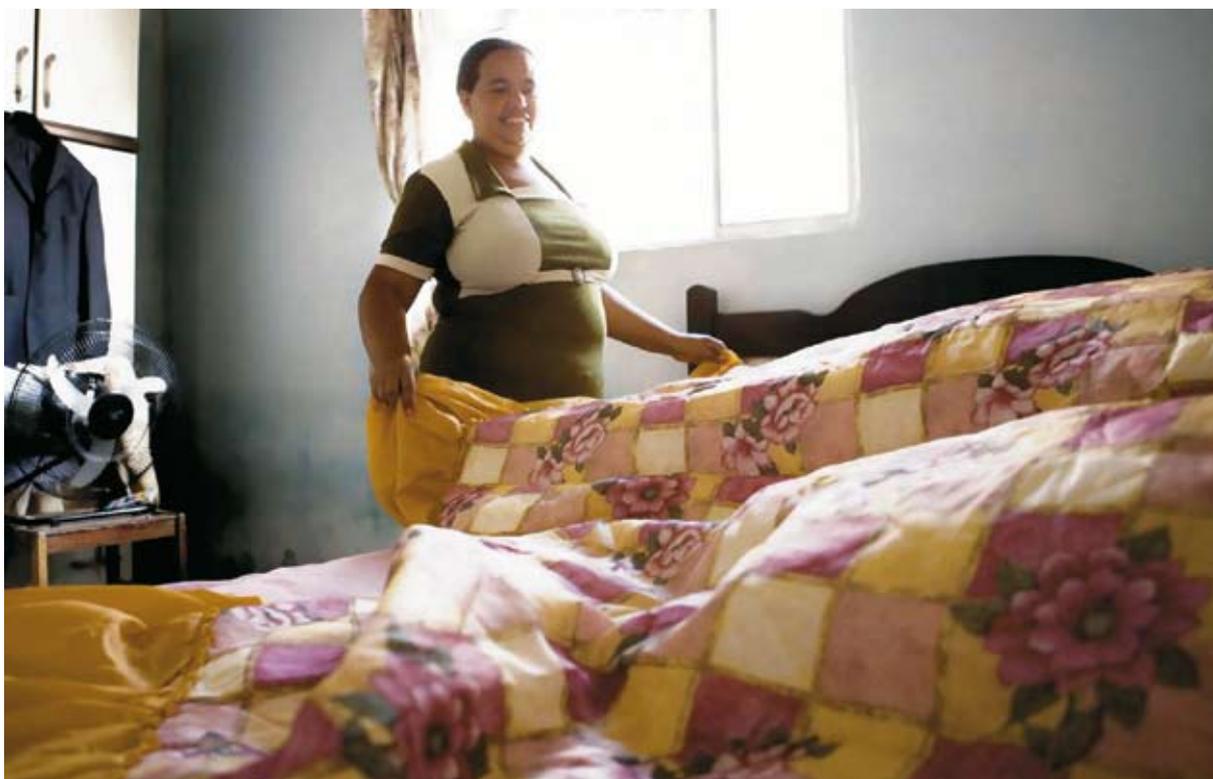
Alguns ainda guardam na memória as histórias dos confrontos com a polícia e das lutas para conquistar os serviços básicos. Hoje, duas décadas depois, a Chico Mendes abriga mais de três mil moradores, que ainda continuam lutando por visibilidade junto ao poder público: o direito à educação, à saúde e ao trabalho.

Nas ruas estreitas, algumas sem saneamento básico, a exclusão, o preconceito, a violência e o tráfico misturam-se às esperanças, à superação, à busca de oportunidades. E aqui está a importância da proximidade e atuação do Instituto Federal de Pernambuco na Chico Mendes: abrir perspectivas de trabalho por meio da oferta de capacitação na área de gastronomia. Com conhecimento prévio na área de alimentos, várias mulheres vendem comidas na praia aos domingos e outras já fazem salgados e doces por encomenda. O IF também assumiu o papel de articulador e estabeleceu parcerias com outras instituições que estão ministrando a parte prática.

Com o resgate da autoestima e novos conhecimentos adquiridos, as alunas já começam a planejar o futuro. O sonho de algumas é montar um restaurante comunitário, de outras é conseguir trabalho de carteira assinada ou montar o próprio negócio. Para todas, a maior conquista é o direito de voltar a sonhar com perspectivas de melhoras.



DEINE ARAÚJO



Deine Araújo tem o tom de voz pausado, mas firme. Estatura mediana, um sorriso aberto, e dotada de coragem e habilidade para enfrentar os percalços nem sempre agradáveis da vida. Aos 43 anos, três filhos e 23 anos de casada, ainda recebe convite para ir namorar na praça. Determinada, terminou o ensino médio, está concluindo a capacitação profissional e planeja conciliar dois sonhos: fazer licenciatura em Matemática e abrir um negócio na área de alimentos.

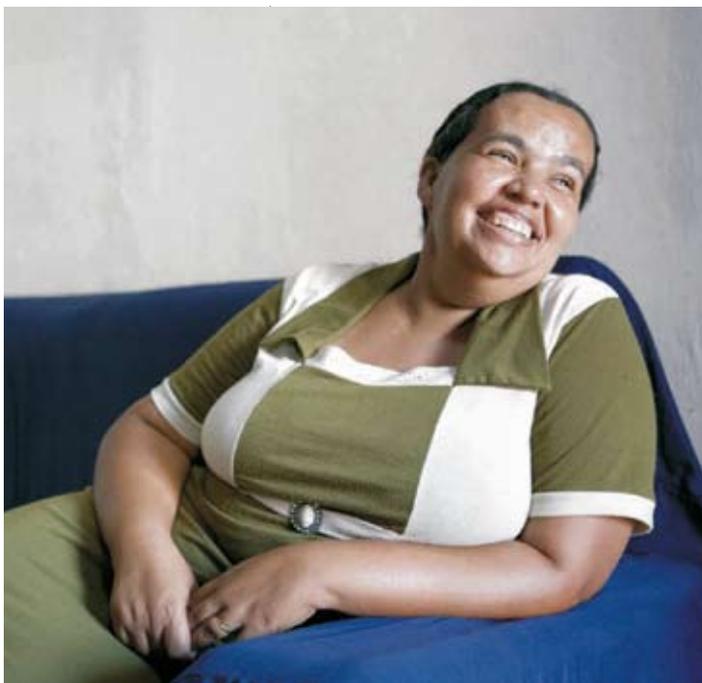
Para as mulheres, esse projeto significa ter um lugar ao sol, uma profissão.

Elas terminam o curso e querem fazer uma faculdade. Por quê? Porque os olhos foram abertos, a janela do saber foi aberta e foi o projeto que fez isso pela gente.

O meu sonho é fazer licenciatura em Matemática. Eu gosto dos números, tenho facilidade, aprendo muito rápido. Isso para mim será como um troféu, uma realização minha. Eu gosto de cozinhar e gosto de mate-



“A construção do amor é todo dia. Eu digo muito às pessoas que todo dia meu marido é diferente.



mática. Sou feliz, sou realizada porque tenho uma família estruturada. Tenho oportunidade de fazer o curso, que antes eu não tinha, e hoje a porta se abriu. Ter concluído o ensino médio foi bom, porque vivia lá presa no passado.

Há 20 anos que moro aqui. No começo foi difícil, porque eu vim morar num barraco pequeno, de tábuas e papelão. Não tinha piso, e o meu primeiro filho encheu os pés e as mãos de bicho-de-pé. Levei no posto e, quando a médica viu, avisou a prefeitura. A minha foi a primeira casa dedetizada.

Criar filho aqui não foi fácil. Tem meninos que brincavam com eles que não conseguiram estudar, arranjaram filho na adolescência, se en-

volveram com o tráfico. Eu criei os três. O mais velho está no instituto, a menina casou e o mais novo está prestando serviço militar.

Antes de vir para cá, meu marido tinha dois empregos e a gente vivia bem. O primeiro ele perdeu por causa da vista; o segundo, por causa da idade. Ele trabalhava com eletrônica, mas a visão ficou comprometida por causa da toxoplasmose, que o levou à cegueira quase total. É uma doença que se adquire através de fezes de cachorro, gato, pombo, frango. Provavelmente, a dele tenha sido com fezes de pombo. Ele deve ter tomado água de janeiro. É uma cultura do nordestino, é comum: as mães colhem a água da primeira chuva do ano e dão para a criança falar mais rápido.

Para ele foi mais difícil, porque ele veio de Campo Grande, bairro bom, perto dos Pinheiros. O pai era gerente do Banco do Brasil, tinha carro, casa. Minha realidade foi outra. Meu pai era mecânico e funcionário público, mas, com cinco filhos, não tinha como dar tudo. Não chegamos a passar a dificuldade de não ter comida, mas de comer só uma vez por dia.

A construção do amor é todo dia. Eu digo muito às pessoas que todo dia meu marido é diferente, e o que mais cativa é que ele me trata do mesmo jeito de quando eu tinha 15 anos. Ainda tem os mesmos carinhos, diz que eu tô bonita, mesmo quando eu engordei. Me dá flores, chocolate, manda mensagem fonada de amor, me chama para ir na praça namorar. Eu não vou porque tenho vergonha, digo que a gente já tá velho para isso. Quando eu chego de madrugada do trabalho, ele faz o leite, bota um pedaço de queijo no pão. Quando termino o banho, que me

sento, ele me dá na minha mão. Eu chego entre duas horas e uma e meia da manhã.

Aqui na Chico Mendes, o Mulheres Mil dá oportunidade de crescimento, porque muita gente tem vontade, mas não tem oportunidade. São mulheres que não tiveram oportunidade de estudar e, às vezes, foram mães na adolescência, sem nenhuma estrutura, que arrumaram também companheiros sem grau de escolaridade. E eles são muito machistas, acham que mulher não pode trabalhar.

O curso prepara para o mercado, porque tem essa parte de manipulação de alimentos, tem aula de etiqueta social no trabalho. Na manipulação de alimento, que, às vezes, a pessoa não leva em conta, aprendemos o quanto é importante, porque a gente está cuidando da vida do outro. Em português, a gente aprende a se expressar, a entender, a escutar o outro, porque a gente só quer impor. Aprende a trabalhar em equipe, porque sem o outro a gente não faz nada. E na parte de matemática, tudo que a gente faz leva matemática: peso, medida, divisão, o uso de porcentagem. Isso aí prepara para o mercado. Então é uma oportunidade que elas abraçam com unhas e dentes e que pode gerar trabalho. E eu creio que, com essa oportunidade, as portas se abrirão mesmo, tanto para quem vai abrir um negócio, como para quem vai trabalhar no mercado: num restaurante, num hotel.





« Aqui na Chico Mendes, o Mulheres Mil dá oportunidade de crescimento, porque muita gente tem vontade, mas não tem oportunidade.

Eu trabalhei em um bar e ganhava R\$ 100 reais por semana, mas era muito pouco. Pelo trabalho que eu fazia, eu merecia mais. O dono era uma pessoa com pouca instrução e tudo que eu aprendia no curso ensinava para ele. Mostrei como manipular os alimentos e higiene. Aí, o que o dono aprendia comigo, passava para o pessoal da manhã.

O meu projeto é abrir o meu negócio, inclusive eu já falei com uma das meninas que faz o curso comigo, porque ela gosta da parte burocrática e eu gosto de cozinha. Vamos servir almoço. Ela vai fazer a parte burocrática: ir nas firmas oferecer as quentinhas e cobrar, porque ela é boa nessa parte. Tem gente no mercado servindo quentinha em vasilha de plástico e está errado. Eu vou trabalhar com a descartável, que é mais higiênico, que é politicamente correto, que é como eu aprendi no curso. ■



VERA LÚCIA FRANCISCA DA SILVA

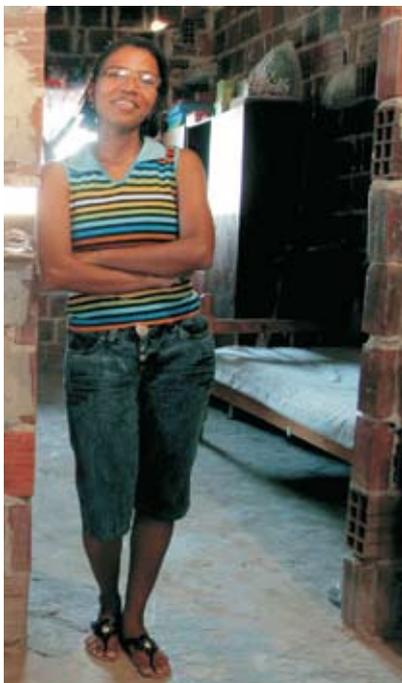


Redescoberta talvez seja uma palavra que possa definir o momento de Vera Lúcia. Talvez porque qualquer palavra é limitada para definir processos de se ver com lentes que não sejam da inferioridade. Aos 39 anos, Vera passou a acreditar em si mesma e, aos poucos, está aprendendo a confiar nos seus talentos. Tem uma filha de seis anos, é evangélica e diz que está de partida: a saída da Vila Chico Mendes. Já a chegada tem destino desconhecido. Só uma certeza: a decolagem será na realização dos sonhos abafados pelas exclusões impostas pela vida.

Toda aula que a gente ia era aquele agrado todo, era a gente aprendendo, fazendo conta em casa.

Isso foi me dando aquela motivação e, aí, pronto: me apaixonei pelo projeto. É viver aquilo que a gente nunca teve. Eu nunca tive opor-





☺☺ Eu tinha uma autoestima um pouco para baixo, porque quem não tem estudo fica se sentindo inferior.

tunidade de entrar numa instituição. Eu conhecia o Cefet de ouvir falar, mas eu nunca tinha entrado. Fazer o que lá? Tava muito longe.

A chegada do Mulheres Mil, para começar, levantou minha estima. Eu tinha uma autoestima um pouco para baixo, porque quem não tem estudo fica se sentindo inferior. Hoje eu me sinto um pouquinho mais realizada, porque eu conheci pessoas novas, pessoas que botam a gente lá em cima, pessoas que incentivam a gente. São experiências novas e tudo isso fez com que a gente acreditasse na gente.

Eu não tive condições de estudar e não foi porque não quis. Para algumas pessoas e para mim, a vida foi muito difícil, eu não tive tudo que eu queria. Ficaram abafados dentro de mim muitos sonhos que eu não consegui realizar. Meu pai não tinha trabalho fixo, e a gente tinha que se virar para ajudar a manter a casa. Comecei a trabalhar com 12 anos, nas cozinhas dos outros, de empregada doméstica. Às vezes, a gente ia para a escola com fome, e o que ajudava era a merenda. Era dureza, tinha dia de comer um coco raspado com farinha e açúcar.

Em tempo de festa a gente se animava, porque os vizinhos eram muito solidários e faziam aquelas trocas de pratos. Às vezes, a gente não tinha nada o que comer, mas a vizinha fazia uma canjiquinha a mais e mandava para a minha mãe. Aí era aquela festa.

Vocês não sabem o quanto a gente valoriza essa oportunidade que o Cefet nos deu. É tanta importância que é como se fosse uma faculdade. É como se eu estivesse esperando o dia da minha formatura. Eu já estou sonhando.

Terminei o ensino médio com 25 anos. Quando consegui terminar, parei, porque consegui um emprego de carteira assinada e o ritmo de trabalho era muito cansativo. Hoje eu me cobro um pouco, porque eu deveria ter investido nos estudos. Hoje eu vejo a falta que me faz no mercado lá fora por não ter uma qualificação que desse para arrumar uma coisa melhor. Hoje o que eu sei fazer é só serviços gerais.

Meu casamento foi o dia mais feliz da minha vida. Com o dinheiro que eu tinha guardado durante anos, eu realizei meu sonho: casar de véu e grinalda. Esse foi o dia mais feliz. Eu me senti totalmente realizada em ver meus pais ali e eu dando esse orgulho para eles. Casei na igreja, de véu e grinalda. Casei virgem.

Quando começou a parte prática do curso foi bom demais. Tá sendo *show* de bola. A gente pensa que cozinhar é simples. Em casa é simples, mas quando chega para trabalhar ao lado de um *chef*, de pessoas estudadas,

“Aí eu aprendi que a gente não deve baixar a cabeça, deve correr atrás dos nossos sonhos e esse projeto veio para isso.”



a gente tem que saber o princípio. Antes de chegar no alimento, tem que saber um monte de regra. E isso faz parte da culinária, tem que andar os dois juntos, tanto a parte teórica como a parte prática.

Hoje eu estou vendo que a gente tem capacidade de estudar, pode passar em qualquer estudo que a gente queira, só basta acreditar na gente. O projeto Mulheres Mil veio para me mostrar que somos capazes, que eu não sou só dona de casa, que eu não sirvo só para estar nas cozinhas dos outros lavando prato, lavando banheiro. Não! Meu potencial pode muito mais que isso.

Na questão da ética, aprendi que os direitos são de todos. Aprendi que tenho o direito de aprender, que eu sou uma cidadã igual a todo mundo, só me falta oportunidade e que não é culpa minha. Com essa desigualdade que a gente vive hoje em dia, quem é mais rico cada dia quer ficar mais rico, e quem é mais pobre, por conta disso, cada dia fica mais pobre. Aí eu aprendi que a gente não deve baixar a cabeça, deve correr atrás dos nossos sonhos e esse projeto veio para isso. Eu vou correr atrás dos meus sonhos e não tem nada, nem ninguém, que diga que eu não sou capaz, porque eu digo que sou.

Meu sonho é terminar meu curso e trabalhar num restaurante, mesmo se for auxiliando





o *chef*. O que eu quero é estar à altura dele, porque eu tenho capacidade de estar ali ao lado dele, auxiliando. Eu quero estar trabalhando em condição de igualdade.

Quando eu soube que ia ter um concurso para serviços gerais da prefeitura de Cabo, eu resolvi fazer. Eu não tinha recursos para pagar aula particular, mas peguei os livros e comecei a estudar por conta própria. Eu fiz concurso para me testar. Passei e agora estou só aguardando. Eu sempre tive esse mau hábito de me sentir inferior às outras pessoas. Sempre pensava: “Eu não posso, isso não é para mim”. Isso agora acabou.

Então, eu agradeço muito a Deus e agradeço ao Mulheres Mil por nos trazer essa visão, que nós somos capazes, porque a gente não é avestruz, aquele bicho que enfia a cabeça na terra. A gente tem que erguer a cabeça e acreditar que a gente pode, se a gente quiser chegar lá no horizonte. Somos águia, a gente pode despertar. ■



FRANKELICE



SOCORRO



TERESINA



Quem visita a Vila Verde Lar quando o calor está no auge não imagina que todos os anos os moradores sofrem com enchentes e inundações causadas pelas cheias do rio Poti. Localizado na Zona Leste de Teresina, o bairro foi ocupado por um processo de invasão, em 1999, e até hoje várias casas estão em áreas de risco.

Com fortes traços rurais, ruas ainda de barro, muitas árvores e, em alguns trechos, casas com certa distância umas das outras, a sensação é de estar num pequeno vilarejo de interior. Por uma coincidência forjada pela necessidade, grande parte dos moradores veio de cidades do interior, são filhos ou netos de trabalhadores rurais em busca de um futuro.

Os problemas são iguais aos das outras periferias do país: falta saneamento, política habitacional, há violência e preconceito. Em relação ao trabalho, a baixa escolaridade é a principal causa do desemprego e do trabalho informal, realidade que vive a maior parte das moradoras que participaram do curso. Sem qualificação, muitas trabalharam a maior parte da vida como empregadas domésticas.

Levantar informações para ligar a demanda do mercado com os talentos locais foi uma das ações que orientou a implantação do Mulheres Mil no Piauí. Com o estado despontando como polo da indústria da moda no país, o Instituto Federal do Piauí (IFPI) fez uma pesquisa de mercado entre os empresários e os representantes sindicais para detectar as carências e necessidades da área. Já no diagnóstico realizado com as mulheres da comunidade, foi detectado que muitas tiveram contato com a área de corte e costura na infância, vendo e ajudando mães e avós a costurar a roupa dos filhos. Outras faziam pequenos consertos, fabricavam algumas peças e vendiam em feiras. E foi a partir desses levantamentos que o IFPI passou a ofertar a capacitação na área de corte e costura. Atualmente, a instituição já promoveu mudanças na proposta inicial e está ministrando qualificações nas áreas de confecção de peças íntimas e modelagem.

Com a oferta do curso, os talentos adquiridos no decorrer da vida foram transformados em habilidades. Das mulheres que participaram da primeira turma, a

maior parte continua trabalhando como autônoma e outras conseguiram inserção no mercado. Muitas sonham em montar seu próprio negócio e um pequeno grupo está organizando a criação de uma associação de produção. A ação está sendo articulada pelo Instituto Federal e conta com o apoio da prefeitura local.



FRANKELICE MELO DA COSTA



Frankelice Melo da Costa, 32 anos, é casada há 12 anos e tem três filhos. Sabe bordar e fazer crochê e é com esses talentos que ajuda na renda da casa. Para estudar, morou a maior parte do tempo longe da família, e por isso tem a sorte de contar com duas mães. Há pouco mais de um ano, ela descobriu que também tem potencial para negociar. Confiante em si mesma e no futuro, ela já estabeleceu metas para daqui a dez anos, entre elas colocar seu ateliê e fazer um curso de administração.

Curso como este que a gente tá fazendo, eu e muitas outras não temos como pagar.

É um curso que muito antes de começar esse projeto eu já tinha procurado, mas todos que encontrava não tinham o que eu queria, só tinham o básico: ensinar a costurar. Esse ensina o que você vai poder usar amanhã, que é cortar, desenhar, que vai poder chegar em uma cliente e saber atender, fazer com que ela saia de lá satisfeita.



“O professor começou a botar a gente para ler, para escrever o que queria, o que não queria, o que gostava e o que não gostava.



Eu vou aproveitar muita coisa no curso do Mulheres Mil. Eu entrei com um objetivo e acho que hoje eu tenho mais ainda, que é melhorar. Eu já aprendi muito. Eu dizia que sabia cortar, pegava o tecido e saía cortando de qualquer jeito. Hoje, eu pego, olho a posição que tá o fio e vejo como vou cortar melhor, a posição que eu vou botar minhas mãos, se é melhor apoiar na mesa ou não. Eu pegava a máquina e achava que sabia costurar. Aí, com as aulas, vi que aquele jeito que eu costurava era errado, a posição que eu sentava era errada.

Eu digo que fui uma criança muito sapeca. As lembranças da minha infância são muito boas. A gente era uma família de nove irmãos e, como todas as crianças, brincávamos. Fui criada por duas mães. Com a minha mesmo, eu só morei até os sete anos, e aí fui morar com uma pessoa, porque onde a gente morava não tinha escola. Morei com essa senhora até os 20 anos, saí de lá quase para me casar, e eu digo que ela é minha segunda mãe.

A minha mãe não era aquele tipo de andar beijando e abraçando, mas a gente diz que ela foi a inspiração para tudo. Ainda hoje é. Foi aquela que incentivou a trabalhar; começamos a trabalhar muito cedo. E ela dizia: “Amanhã, vocês vão ter a compensação”. A gente chegava lá nas férias chorando, ela dizia: “Volte e continue”.

Tudo o que a gente aprendeu está servindo. Nós tivemos aulas de desenho e textura. Ainda não foi finalizada a de matemática, nem português, nem história da moda. Ética foi muito bom porque ajudou a pensar o di-

reito que a gente tem, os deveres, como agir em certas situações. Tudo isso contribui muito; coisas que eu nunca tinha parado para pensar. Hoje em dia eu paro para pensar.

Para mim, que não sabia desenhar nem uma bola, eu vejo uma roupa e imagino como faria se fosse desenhar. No desenho, a gente vê como pode montar, porque a professora ensinou parte por parte da roupa, da manga, do bolso, da gola. A professora ensinou muita coisa que dá para usar no dia a dia. Hoje eu posso dizer que eu reconheço um tecido! A gente aprendeu a reconhecer tecido, se é sintético. Vai ajudar em tudo, porque aí você vai saber até explicar para um cliente que tecido é.

O professor começou a botar a gente para ler, para escrever o que queria, o que não queria, o que gostava e o que não gostava. Tudo isso fez com que eu me redescobrisse. Fez pensar como a gente pode fazer coisa boa por si mesmo. Para mim, o curso me ajudou de todas as maneiras. E vi que eu era capaz de fazer coisas que eu mesma tinha esquecido; não só o talento de bordar e fazer crochê, não, mas ter talento em outras coisas. Eu me redescobri como pessoa; que eu sou capaz, eu tenho talento; então fez com que eu olhasse para o amanhã, para o futuro, coisas bem boas mesmo, tanto para mim como para a minha família. Eu acho que me senti mais mulher.

Eu não concluí o segundo grau; eu parei no segundo ano. Mas eu gostaria muito de concluir meu estudo; gostaria de me formar, porque eu descobri que eu tenho um ótimo talento para administrar. Há um ano mais ou menos. Sabe aquelas ideias que a gente tem? Com pouco dinheiro, saí oferecendo o que eu não sabia fazer e vendi. Transformei 50 reais em 150. Ninguém acredita, mas consegui. Tripliquei. Muito bem aplicado o dinheiro. Aprendi a fazer crochê com uma vizinha. De lá para cá, eu já comprei uma máquina de costura, porque precisava para costurar algumas peças; eu mesma já costuro na máquina. Hoje quando um mês é bom de venda, eu chego a faturar uns 350 reais. Então, um dia eu gostaria de fazer um curso de Administração.

Eu me vejo hoje segura do que eu quero para amanhã. Quero continuar fazendo o que eu faço. Daqui a dez anos, eu quero me considerar uma mulher de sucesso, ser reconhecida pelo trabalho, estar com o meu próprio negócio, botar meu ateliê e já ter uma estabilidade



“Projetos como esses são muito raros; pelo menos aqui eu não conhecia nenhum.



financeira. Eu quero ganhar o suficiente para ter uma vida confortável. Meus filhos fazendo uma faculdade, eu já ter feito a minha também.

Projetos como esses são muito raros; pelo menos aqui eu não conhecia nenhum. Você vê que tem muita mulher em casa sem fazer nada, só faz o dia a dia, cuida do marido, da casa, dos filhos e não tem uma coisa assim para ela ter um treinamento.

Seria uma coisa que ajudaria a muita gente que não tem como pagar, não tem como se sustentar, e as pessoas tendo um curso para se qualificar: Nossa! É bom demais! Eu diria que é uma pena se não investisse mais. Para mim, se tivesse mais investimento seria melhor ainda. Se tivesse outros projetos como esse, tirava muitas pessoas da miséria.



Eu acho que, quando terminar, vou sair qualificada e vou ter até coragem de sair e bater na porta de uma empresa e dizer: “Ó, tô precisando de um emprego. Tá bem aqui meu certificado do curso de qualificação”. Para mim vai ser bom, e espero que outras consigam também o objetivo de se realizar. ■

MARIA DO SOCORRO COSTA



Maria do Socorro Costa tem coragem de sobra para enfrentar o novo. Depois de levar calote do patrão, quando era empregada doméstica, resolveu dar um basta e aprendeu a costurar com a irmã. Há pouco mais de um ano, mudou para Goiás com o marido para tentar um futuro melhor. Na bagagem, levou o medo do novo, saudades da família e a habilidade de costurar, que aprendeu com as necessidades da vida e se aperfeiçoou um pouco mais no projeto. Lá conseguiu emprego, conheceu o mercado e hoje trabalha por conta própria.

Mulher, quando aprende alguma coisa, corre atrás. No Píauí não tem muita coisa,

tudo é para homem. Então, quando tem um incentivo para mulher, quando elas veem que sabem, vão atrás. Aí dão um futuro melhor para o filho, compram uma coisa aqui, uma coisa acolá, ajudam o marido, ajeitam a casa. Eu acho muito importante.





Minha história de vida é assim: eu nasci no interior do Piauí, em Pimenteiras. Depois, a gente foi morar em São Miguel dos Tapuios, onde eu fiquei até os 15 anos. Meu pai é lavrador, minha mãe também. A gente sempre trabalhou, éramos em 11 irmãos. Meus irmãos mais velhos, nenhum teve oportunidade de ter escola. Só depois de mim e de dois mais velhos que eu, a gente pôde morar na cidade e começou a ir para a escola. Mas aí meu pai revezava: iam uns numa semana e outros ficavam em casa, iam para a roça com ele.

A gente passava muitas dificuldades. Tinha dias de só ter assim feijão, sem tempero, só com sal. E eu não gostava daquilo, eu sempre quis melhorar, trabalhar. Com 14 anos, eu ainda tentei trabalhar, vendendo coisinhas. Vendia cheiro-verde, pimentões. Eu fazia tudo para ter alguma coisa.

Com 15 anos, fui para Teresina, e trabalhava sempre de doméstica. Em 2004, 2003, mais ou menos, eu trabalhei em uma casa um ano e cinco meses e, durante cinco meses, meu patrão não me pagou. Eu esperava muito, porque eu queria comprar minha casa, melhorar minha situação, porque eu sonhava muito em ter um filho. Eu fiquei muito revoltada e eu disse que dali em diante eu ia trabalhar por conta própria, não ia mais trabalhar na casa de ninguém.

Aí minha irmã fez um curso no Senai de corte e costura, mas eu não pude pagar. Ela ia trabalhar e eu também: arrumava a casa dela inteira, limpava, lavava roupa, fazia comida, fazia tudo para quando ela chegar ter o tempo de me ensinar a costurar. Aí eu aprendi, comprei uma máquina à prestação, com a ajuda do meu marido. Aí fui trabalhando muito, fazendo as minhas pecinhas e levando para a feira, subindo ladeira, empurrando bicicleta, levando meu filho, lutando. Eu tenho 29 anos. Casei com 21 anos. De lá pra cá, eu vivo da costura.

E aí apareceu o curso para gente. A princípio, eu achei assim: tudo enquanto ia para o bairro era de momento – o pessoal fala muito, tem muitas coisas e depois some, não tem mais. E eu achava que o curso ia ser isso, mas aí eu me inscrevi, chamei minha irmã e a gente foi. E eu fiquei muito feliz por ter o curso na nossa vida, e, como muitas das meninas falam, mexe muito com a autoestima, porque a gente tem vontade de crescer, melhorar.

“Lá no Piauí, eu trabalhava com feira, fazia minhas pecinhas e vendia e também para as pessoas que revendiam.

Eu só vivia na minha vidinha, costurando e levando para a feira. Hoje eu já sonho maior.

Na minha profissão, melhorou mais porque eu já sei mexer com máquinas industriais. Já sei fazer além do que eu fazia. Antigamente, eu só fazia peça íntima de criança. Agora eu já faço camisetas, vestidos. Com o pouco que eu aprendi da modelagem no curso, eu sei cortar um vestido, camiseta, já estou aprendendo a fazer moldes. Eu aprendi também a cortar uma modelagem, fazer uma modelagem e na costura já estou bem melhor.

Aquele vestido de noiva, de *patchwork*, que a professora ensinou, a gente montou completinho¹. E aí a gente aprendeu que montar pedacinhos, fica uma coisa maravilhosa, fica *show*. Aprendi o nó da costureira, e eu nem o nó de costureira sabia dar. Aprendi a tirar o molde de uma revista.

Lá no Piauí, eu trabalhava com feira, fazia minhas pecinhas e vendia e também para as pessoas que revendiam. Aqui, em Goiás, mudou. Eu pego a confecção e faço na minha casa e não tenho que estar correndo com bolsa na cabeça na feira. Eu faço facção: vem camiseta cortada e pintada da serigrafia e eu monto. E eu ganho por peça.

Meu sonho é colocar meu ateliê. Quero fazer uma camiseteria – a serigrafia para o meu esposo, eu na costura – e montar o nosso negócio, para nenhum dos dois, nem meu filho, precisar trabalhar para ninguém. Eu estou com duas máquinas industriais. Eu quero continuar fazendo curso. No próximo ano, quero fazer um curso de modelagem.



1. Em novembro de 2009, as alunas da primeira turma levaram peças feitas com técnica *patchwork*, entre elas um vestido de noiva, para expor no I Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica.



« É uma oportunidade. Eu aprendi muita coisa que eu ponho em prática hoje. Esse projeto ajuda a mudar a vida.

visuais. Então, a gente sonha em ter pra ajudar o outro.

E a única oportunidade que mulheres que estão na periferia têm é uma coisa assim, se for um programa assim. É uma oportunidade. Eu aprendi muita coisa que eu ponho em prática hoje. Esse projeto ajuda a mudar a vida. ■

Eu costumo dizer para o meu bebezinho que, quando ele crescer e estiver na faculdade, eu vou comprar um carro para ele ir. A gente só sonha em crescer. Eu sonho em poder dar um futuro melhor para o meu filho, poder ajudar minha mãe, meus irmãos. Tenho dois irmãos deficientes



JOANA



JOSIRENE



ASSENTAMENTOS DE CANUDOS, ARACATI, BEBIDA VELHA, MODELO I E II



1 Assentamento Modelo II

Longe da cidade, a vida das alunas dos assentamentos se repete e se perde nos afazeres domésticos e na roça. A paisagem é de sertão: secura da terra, o vento levantando e carregando a poeira, sol escaldante, pouca vegetação. Quando o inverno é bom, há fartura. Da terra, vem o feijão-verde, o milho, a mandioca, o quiabo e o maxixe. Quando a chuva é escassa, o jeito é economizar água e comida, quando tem. Os homens tratam de arranjar pequenos trabalhos nos arredores, quebram pedras. As mulheres ficam em casa.

No Rio Grande do Norte, o projeto atende cinco comunidades, quatro em assentamentos e uma no município de Touros. Trabalhadoras rurais, a maior parte das alunas vem de famílias numerosas, trabalharam a partir dos sete anos e não concluíram o ensino fundamental. Na época, chegar à quinta série era o topo.

As realidades geográficas e política são complexas, e para promover as qualificações profissionais e assegurar a oferta educacional, o Instituto Federal do Rio Grande do Norte enfrentou diversas dificuldades, desde o transporte – pois os assentamentos são distantes um dos outros – até o processo de diálogo e negociação com entidades locais – que foi longo e precisa ser constante.

Em todos os assentamentos, há uma escola que não funcionava à noite nem ofertava Educação de Jovens e Adultos. Assim, o estudo para essas mulheres era uma ilusão. E é exatamente essa a importância do projeto nesses locais: garantir a oferta de educação para mulheres jovens e adultas. Através do Mulheres Mil, o Instituto Federal negociou com as prefeituras a oferta de elevação de escolaridade.

As capacitações serão nas áreas de corte e costura, beneficiamento e conservação do pescado, alimentos – fabricação de doces caseiros, fabricação e conservação de polpa de frutas – e artesanato. Além disso, as alunas estão sendo inseridas no dia a dia da escola, quando participam de palestras e eventos sobre temas importantes para a trabalhadora rural, tais como aposentadoria, cooperativismo, entre outras.



Com isso, para algumas, estudar entrou na rotina. Com lanternas na mão – nos assentamentos não há iluminação pública, a luz é só nas casas – elas vão caminhando pelas ruas largas, passando umas nas casas das outras até chegarem juntas à escola. Lá, elas enfrentam os seus medos e, aos poucos, reaprendem a sonhar.

JOANA DARC DOS SANTOS



Joana Darc dos Santos não gosta muito do nome, mas parece ter herdado da heroína a coragem. Enfrentou, com marido e três filhos, a polícia pela posse da terra, acampada em uma barraca de lona por quase um ano. Com a mesma coragem, hoje ela enfrenta o quadro-negro. Fica gelada, treme até a alma quando tem que escrever nele, mas vai. Já escreve o nome em público, e quando o professor passa a chamada ela é a primeira a assinar. E Joana vai, sempre tocando a vida em frente.

Eu não gosto do meu nome porque tudo quanto acontece as pessoas dizem:

“Vai pra casa da mãe Joana!” [risos]. Meu marido trabalha na agricultura e, quando não tem chuva, ele faz bico. Eu vivo mais da minha renda do Bolsa Família, é o que eu posso ajudar. Recebo R\$ 200. Serve demais, na minha casa é fundamental mesmo, porque são nove pessoas e sem ter emprego fixo.



“ A gente, às vezes, não sabe pegar num lápis direito e vai aprendendo. Eu ainda tenho tanto medo do quadro...”



Hoje em dia quem não tem estudo não tem nada, para tudo depende do estudo. Eu tive essa oportunidade antes e não aproveitei, e hoje tá me fazendo falta. Porque se eu tivesse estudo, eu tava o quê? Tinha feito um concurso na prefeitura, como de fato eu fiz e não passei. Tinha mais uma chance.

Meus pais se separaram e minha mãe tinha levado meu registro. Depois, quando eu tinha uns nove anos, meu pai arranhou a documentação, mas eu não tinha interesse de estudar. Logo no começo eu ia, mas meus colegas ficavam mangando de mim; eu não sabia ler, não sabia escrever. Aí eu me incomodava e não queria ir mais. Desistia.

Eu espero muito desse programa. Eu espero concluir e nunca mais parar de estudar, porque se eu tivesse estudado eu podia oferecer coisa melhor para os meus filhos; porque uma mãe quer é o melhor pros filhos.

O programa oferece vários cursos, vou escolher um desses cursos para ver se eu consigo me capacitar. Eu gosto de cozinhar, e acho que é desse que vou querer. Vou estudar bastante e não vou desistir. Não vou deixar a oportunidade passar, vou aproveitar, vou insistir até eu conseguir, porque tudo a gente consegue se tiver força de vontade. Né isso?

Eu também quero servir de exemplo para os meus filhos. Eu tenho sete filhos, e como eu posso incentivar meus filhos a estudar se eu mesma mostro que não tenho interesse em meus estudos? Eu não quero que eles se transformem no que eu me tornei: uma pessoa sem estudo, sem conhecimento. E hoje em dia a gente só consegue uma coisa tendo estudo.

☺ Se junta um grupo e todas têm um sonho ali junto, todo mundo tem aquele objetivo! Aí incentiva mais.

À vista do que eu era? Tô aprendendo. Porque é uma cultura diferente. A gente, às vezes, não sabe pegar num lápis direito e vai aprendendo. Eu ainda tenho tanto medo do quadro... Mas eu fico tão gelada quando me chama para ir no quadro. Ai, meu Deus do Céu! Mas vou perdendo medo e enfrentando a vida!

Meu marido tinha assim o sonho de arrumar um pé de chão para viver trabalhando. Primeiro queria que ele desistisse. Quando ele me falou que tinha polícia, eu disse: “Desista! Desista que isso aí não vai dar certo!” Mas ele disse que não ia desistir. Aí, quando eu vi que ele não ia desistir, tinha que acompanhar mesmo. Aí vim para cá em 95, morava nas barraquinhas de lona. Era um sofrimento tão grande. Imagine! A gente tava num canto, chegava a polícia, despejava. A gente saía com os troços na cabeça, tirava a gente pra fora da fazenda. Depois, voltava para trás de novo.

Vim com as crianças; eu tinha três crianças na época. Durante o dia, que era muito quente, ele botava os meninos pra dormir do lado de fora. Com uns paus botava a rede na sombra. Quando era de noite, botava para dentro, porque a quentura era demais. Foi um ano de luta para conseguir. Depois fez o cadastro e fizemos a casa de taipa. Com todo o sacrifício, mas valeu.

Eu queria que a minha comunidade melhorasse mais, tivesse mais médico, tivesse uma rodagem, mais condições de viver aqui dentro, porque eu não pretendo sair daqui pra morar na cidade, porque na cidade atrai muito é violência, principalmente a gente que tem filho jovem. O medo é grande de levar pra dentro de uma cidade e destruir a vida deles. Prefiro morar na minha comunidade mesmo, mas preferia que melhorasse mais, os governos olhassem mais por nós e dessem mais condições: um meio de a gente poder arrumar um emprego, de sobreviver melhor dentro do nosso campo. Aqui na região.

Eu estou aprendendo assim a escrever, porque eu não sabia muito escrever. Eu estudei até o quarto ano, mas não sei ler direito. Leio algumas palavrinhas, mas errando muito. Ainda tô lutando, porque eu sei mais na escrita do que na leitura. Eu era muito nervosa quando chegava a vez de mandar assinar meu nome. Eu sei escrever, mas, vamos supor, se eu fosse num banco e alguém dissesse assim: “A senhora assina?”. Eu ficava com tremor dentro de mim porque eu tinha medo de errar alguma letra. Tinha vez que





eu dizia que eu não sabia, só pra assinar no dedo e ir mais rápido. Todo dia, quando o professor passa a lista de presença, sou uma das primeiras a assinar. Agora assino o nome tranquila! De tudo eu aprendi um pouquinho, matemática aprendi um pouco! Das palestras do IF eu gostei, sobre cooperativismo, não sei muito o nome, mas gostei dessa palestra.

Mudou várias coisas na minha vida, porque primeiro eu não sabia assinar meu nome corretamente, e eu tinha medo de assinar, tinha bastante vergonha de errar e passar vexame. E agora eu não tenho mais. Se aparecer alguma coisa na televisão eu já leio sem tá pedindo aos outros pra lerem pra mim. Tô podendo buscar mais conhecimentos e coisas que eu não conhecia.

Isso foi depois do projeto. Eu acho que é o incentivo e as propostas de melhora pra gente. Se junta um grupo e todas têm um sonho ali junto, todo mundo tem aquele objetivo! Aí incentiva mais. E tudo por um objetivo só: melhorar. ■



JOSIRENE FRANCISCA DE ALMEIDA



Josirene Francisca de Almeida tem 54 anos e doze filhos. Trabalhadora rural desde os sete anos, ela mora no assentamento Modelo II e faz parte das estatísticas de mulheres que estiveram ao lado do marido na luta pela terra. O sonho? Aprender mais. E ela não balança quando alguém diz que o tempo de estudar já passou. Aliás, pouco foi o tempo para as letras. De uma família de 12 irmãos, a urgência da sobrevivência falava mais alto. A partir dos sete anos, estava sempre dividida entre a roça e os cadernos, e as reprovações foram minando o ânimo. Abandonou a escola.

O primeiro encontro dos alunos com os professores, o primeiro dia em sala de aula...

A emoção foi boa, muito boa. Eu me emocionei muito quando foi passado o primeiro dever no quadro. Tive aquela recordação, de pequena, quando aos sete anos fui para o colégio. Me senti como se tivesse voltado a



“ Já leio, já escrevo. A gente vai pegando mais um conhecimento de coisas que não conhecia. Eu adoro.



ser criança outra vez. Fazia 35 anos que eu não tirava o dever de um quadro. Foi bom! Foi bom! E continua sendo bom.

Eu aprendi mais experiência. Aprendi mais geografia, matemática, estudos sociais. Eu gostei das aulas, também tiveram as viagens para o Cefet. Eu gostei também, foram muito boas, aprendemos mais algumas coisas. Eu gostaria de fazer o profissionalizante do curso de corte e costura.

Meus pais eram agricultores e são até hoje. Comecei a trabalhar no roçado com sete anos. Às seis e meia da manhã já tava levantada. Aí trabalhava até as dez e meia, e de onze horas tava em casa para entrar na escola de uma e meia da tarde. Ficava cansada, mas, na época, os pais não queriam saber se os filhos estavam cansados. Tinha que ir, tinha que obedecer, tinha que trabalhar! Eu estudei até a terceira série. Eu era atrasada nos estudos, não passava no final de ano, era reprovada. Foi o tempo que casei, desisti. Casei com 16 anos e tava na terceira série.

Eu resolvi voltar a estudar porque eu deixei muitas coisas para trás. No estudo, o pouco que eu aprendi não é o suficiente para mim. Eu queria





aprender mais, entender mais, chegar mais a leitura para ter um conhecimento melhor, porque o meu conhecimento da leitura ainda tava pouco.

Eu estou gostando muito do projeto. Para mim, quanto mais aprender, melhor será. Já leio, já escrevo. A gente vai pegando mais um conhecimento de coisas que não conhecia. Eu adoro. Eu lembro assim, tinha dificuldade na leitura, não era para ler, era para escrever. Muitas palavras, muitas letras eu não acertava escrever corretamente. Agora já conheço as letras bem direitinho, já escrevo tudo OK. As professoras são excelentes, eu gosto muito das minhas professoras.

Moro aqui há 15 anos e tenho 12 filhos. Seis moram comigo e seis moram fora. Quando cheguei aqui era só mato, depois o pessoal desmatou e foram feitas as casas. Eu não cheguei a morar em barracas, vim depois que as casas de taipa tavam prontas, porque tinha filhos pequenos estudando lá onde eu morava. Meu marido resolveu vir para cá porque lá onde nós morávamos era na cidade, em Ceará-Mirim, e ele nasceu e se criou na agricultura e não tinha terra para trabalhar. Por isso, ele procurou um acampamento e depois passou a ser um assentado, para trabalhar e sobreviver. Ele trabalha na agricultura, no roçado. Este ano não tá bom, porque não houve inverno, e, não havendo inverno, não há fartura.

Uma criança que começa a trabalhar muito cedo, quando chega à idade dos seus 40 anos, já tá muito cansada. Que é o meu caso e de muitas pessoas. E ainda trabalho na roça. Quando chega o inverno, é plantar, é colher. Quando não é inverno, é só em casa mesmo, é cuidando da casa e dos filhos, lavar roupa, cozinhar, varrer. À noite é ir para escola. Fico cansada, mas tem que enfrentar. Tem horas que eu cochilo dentro do colégio. Aí a professora diz: “Dona Josirene!” – “Eu tô aqui professora!”, respondo. Cansada, mas tô lá. [Risos]

“Eu acho que estudar melhora o conhecimento; através do estudo a gente pode ter uma vida melhor.”



Pela minha idade eu não tenho como sonhar mais alto não, só aprender mais, ter mais conhecimento. Eu sei que eu não formo mais. Meu marido diz: “Josinha, tu com essa idade, estudando? O que tu tinha de aprender, já aprendeu!”. Aí, eu digo: “Mas eu quero aprender mais!”. Eu sei que eu não me formo mais uma médica, não me formo mais uma engenheira.

Eu acho esse projeto importante. Eu acho que estudar melhora o conheci-

mento; através do estudo a gente pode ter uma vida melhor. Umas aqui desejam ser veterinária, outras sonham em ser nutricionista. Cada uma tem um sonho, né! Se eu pudesse me formar ia ser psicóloga, porque eu acho muito bonito, e a primeira pessoa que eu ia conversar era meu filho, porque ele é uma pessoa muito nervosa, tudo ele se agita. Ele estuda e é inteligente, mas sofreu muito para chegar no primeiro ano. Passava vários anos na mesma série. ■



CELLY



FILOMENA



Ji-PARANÁ



Jardim dos Migrantes e Novo Ji-Paraná são os dois bairros beneficiados com o Mulheres Mil e também com a chegada do Instituto Federal no Estado de Rondônia, que foi criado em 2008. Em Ji-Paraná, que fica a 373 km de Porto Velho, capital do Estado, o *campus* tem aquele cheiro peculiar de prédio novo – começou a funcionar em 2009 –, e melhor: com os portões abertos à comunidade que nunca teve acesso à educação profissional.

Lá, o processo de expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica salta aos olhos e há muitos desafios, entre eles o de criar uma oferta educacional que atenda às necessidades e à vocação da região e que respeite e inclua cidadãos que por décadas estiveram à margem do direito e do acesso à educação.

As comunidades que serão beneficiadas pelo projeto são vizinhas e parecem ainda áreas rurais. Há pouco comércio, casas com certa distância umas das outras, sem saneamento básico, com iluminação pública precária e quando chove é difícil se movimentar, a lama toma conta das ruas.

Nos bairros, é fácil encontrar alunas vindas de norte a sul do Brasil. As histórias dessas mulheres se entrelaçam de tal forma que até podiam ser de uma mesma família. Na verdade, podiam ser de qualquer uma das 14 comunidades atendidas pelo Mulheres Mil. Trabalho infantil, falta de tempo para a escola, violência doméstica, baixa autoestima e uma força imensurável para cuidar dos filhos são pontos de encontro. Por lá, o Mulheres Mil está começando. Até o fechamento da publicação, janeiro de 2011, elas tinham tido algumas aulas em novembro e dezembro de 2010. Por isso, aqui, elas falam de expectativas.

A capacitação será na área de artesanato e bijoias, e o Instituto Federal está buscando parcerias para garantir a elevação da escolaridade e a comercialização dos produtos que serão elaborados pelas alunas. A promoção do diálogo e do acesso da comunidade ao *campus* é uma ação inédita no local e, no futuro, deve gerar outros desdobramentos. A maior parte das alunas trabalha de em-

pregada doméstica e o sonho é conseguir um emprego melhor para garantir perspectiva de futuro para os filhos.



CELLY SANTOS SILVA



Celly Santos Silva tem 25 anos, quatro filhos, dois casamentos. Parte da infância, trabalhou na roça, a outra, em casa de família, para ajudar a criar os irmãos. Na adolescência, chegaram os filhos. Teve o primeiro com 14 anos e a partir de então não sobrou tempo para estudar. O sonho, como o da maior parte das mulheres, é crescer para ajudar os filhos. Contrariando as previsões da mãe, Celly pretende fazer faculdade.

1. Com o nome de Seringueiras, o município foi criado pela Lei nº 370, de 13 de fevereiro de 1992, assinada pelo governador Oswaldo Piana Filho.

**Eu fiz até a quinta série.
Meu sonho é terminar meus estudos.**

Eu acho que é uma oportunidade pra gente agarrar com unha, força e vontade. É uma oportunidade de a gente sair da vida que viveu até agora. Por exemplo, eu não tive muita oportunidade de estudar.

Nós morávamos em Seringueiras¹. Éramos seis irmãos. Lá a gente só tem dinheiro de ano em ano. Tem os maquinistas que compram café e durante esse ano a gente pode ir pegando dinheiro com eles. Eu lembro





que, na época, meu pai se matou. Ele bebeu veneno porque tava devendo muito. Eu tinha um irmão que tava mexendo com droga e meu pai fazia de tudo pra ele não roubar. A gente ficou devendo 240 sacas de café. Minha mãe ficou com aquela conta nas costas pra pagar. Daí eu tive que encontrar um jeito pra ganhar dinheiro extra pra ajudar minha mãe. Saí de casa com 11 anos pra trabalhar na casa dos outros.

Naquele tempo, tudo que eu pensava era em parar de trabalhar



na casa dos outros e ter minha própria casa, mas eu não pensava no problema que eu poderia arrumar, arrumando um marido. Na época, eu não sabia me prevenir pra não ter filho, eu não tinha com quem conversar sobre isso. Muito jovem fui morar com um cara. Eu tinha 13 anos. Aí ele começou a me bater, se chegasse em casa – ele trabalhava na roça – e tivesse qualquer coisa fora do lugar, batia em mim e nos meninos. Tive dois filhos com ele.

Vim pra Ji-Paraná fugida. Peguei só uma roupa minha e dos me-

“Quero concluir o terceiro ano e fazer um técnico de enfermagem, e do técnico de enfermagem, se Deus quiser, ser pediatra.

ninos e fui pra casa da minha mãe. Eu tinha 16 anos e comecei a trabalhar de novo na casa dos outros pra ajudar minha mãe a sustentar eles, porque o que eu ganhava não dava pra manter eles sozinha.

Eu espero, com o Mulheres Mil, fazer um curso, pra que eu possa arrumar um serviço que não seja de doméstica. Quero conseguir um dinheiro pra terminar meus estudos: concluir o terceiro ano e fazer um técnico de enfermagem, e do técnico de enfermagem, se Deus quiser, quero ver se consigo pagar a minha faculdade e ser pediatra.

Eu amei as aulas. Foi mais conversa pra gente conhecer as colegas de sala de aula, mas eu estou gostando demais. Eu tinha um pouquinho de medo; aí, com as explicações do professor, eu perdi o medo. É mais fácil do que eu imaginava; eu tinha muito medo de mexer no computador, de apagar, agora não tenho mais.

Eu me acho uma pessoa simples, às vezes, sem conhecimento nenhum; sou uma pessoa alegre, sou uma pessoa animada. Eu me acho muito corajosa, por não ter medo de enfrentar a vida; tem gente que olha qualquer obstáculo e diz: “Isso pra mim não dá, isso não pode acontecer”.



☺ Daqui a dez anos, eu imagino, pode ser até ali onde eu moro, ter uma casa confortável.



mais velho a fazer a faculdade dele também. É isso que eu imagino daqui a dez anos. ■

Voltar a estudar pode mudar completamente minha vida. Pode mudar pra mim, pode mudar para os meus filhos. Daqui a dez anos, eu imagino, pode ser até ali onde eu moro, ter uma casa confortável. O meu filho mais velho vai estar com 21 anos, o outro, com 18 para 19 anos, sei que o meu caçula vai estar com seus 12 para 13 anos, e o outro com 16. Se eu ainda não tiver terminado, é pra eu já estar fazendo minha faculdade e num emprego bom, podendo ajudar meu filho



FILOMENA FERREIRA DE ABREU



Entre as décadas de 1970 a 1990, milhares de trabalhadores do Sudeste migraram para o Norte do país em busca de terra. A história de Filomena Ferreira de Abreu está diretamente ligada a esse processo de migração. Natural de Minas Gerais, ainda criança se mudou com os pais para os arredores de Ji-Paraná. Morava em um sítio e cedo começou a trabalhar na roça. Com 43 anos, três filhos, um dos sonhos é voltar à sua cidade natal e conhecer o restante da família. O outro, conhecer a praia. Calada, relata que só agora está conseguindo falar mais e pretende terminar o ensino médio para conseguir um emprego melhor e ver o mar.

Minha mãe trabalhou bastante, e nós ajudávamos a plantar e colher.

Depois que meu pai morreu, minha mãe vendeu o sítio, que ficava no KM 12 e comprou uma casa no Jardim dos Imigrantes e veio pra cá. Nessa época, eu já tinha 14 anos. E aí a vida ficou mais difícil ainda, por-





que na cidade grande é mais difícil, e ela não tinha estudo. Meu irmão, com 14 anos, começou a trabalhar, ela trabalhava em casa de família, e eu tomava conta da casa e dos irmãos pequenos.

Eu tive o meu primeiro filho com 16 anos. Minha mãe não deixava eu namorar, aí fugi com o primeiro rapaz que saí. Meu marido não gostava muito de trabalhar. Aí eu voltei pra casa da minha mãe grávida. Depois, eu casei de novo. A vida melhorou por um tempo, tive dois filhos. Ele bebia muito, era violento, levei até um tiro. Eu não denunciei porque ele foi junto comigo na ambulância e dizendo que, se eu falasse, ele matava a menina e se matava. Eu nunca falei. Eu me separei, fiquei morando em Porto Velho. Agora está com quatro anos que eu estou aqui de novo.

Quando criança eu estudei até a quinta série. Eu gostava de ir pra escola pra encontrar os amigos, pra aprender também. Todo dia a professora escolhia duas meninas pra ir fazer a merenda, porque não tinha fogão, tudo era cozido à lenha. A gente ia acender o fogo, apanhava uns panelões para cozinhar, fazia sopa ou arroz doce. Tinha umas sopas salgadas que nunca mais vi delas, vinham em um pacote grande. Era só pôr na água e deixar ferver, ficava muito bom.

Depois de 24 anos, voltei a estudar. Eu estudei até a oitava série, a escola era longe, chegava cansada. Meu sonho é terminar meus estudos e



“Quando criança eu estudei até a quinta série. Eu gostava de ir pra escola pra encontrar os amigos, pra aprender também.”



arranjar um emprego bom. Hoje em dia, eu sou diarista, é difícil. Ganho pouco. Eu queria dar condições de vida melhor para os meus filhos. Um sonha em fazer uma faculdade, e eu não tenho como ajudar.

Eu primeiro matriculei minha filha, depois é que eu vim para o projeto. Eu tô achando ótimo, porque a gente vai aprender bastante, já tivemos umas aulinhas de computador, pouquinho. Eu tenho vontade de aprender a mexer. Alguma coisa eu já sei mexer, mas é pouco. Foi legal; a professora deixou a gente à vontade, eu mesma tinha medo de mexer e estragar.

Eu me sinto acolhida, as pessoas conversam bastante, as professoras perguntam bastante coisa, como a gente tem passado. Aí a gente se sente bem. As pessoas olham mais, esperam mais da gente; é bom, é muito bom. Isso incentiva bastante. É bom conhecer gente nova, com outras cabeças. A gente vai aprendendo bastante com a história dos outros. Eu aprendi que a gente tem que aceitar os outros com os seus defeitos; ninguém é perfeito, todo mundo erra, todo mundo tem problemas.

Melhora bastante a autoestima, que é a gente se sentir bem com a gente mesma e se sentir feliz, con-



“Eu me sinto acolhida, as pessoas conversam bastante, as professoras perguntam bastante coisa, como a gente tem passado.



tenho é de madeira e eu quero fazer de alvenaria. E tenho o sonho também, que eu não sei quando que eu vou realizar: eu quero ir à praia. Sempre vejo pela televisão. ■

versar mais. Eu estou aprendendo a conversar bastante, porque eu acho que eu tive poucas amigas por causa disso, porque eu sempre fui muito tímida, quase não conversava, era muito calada.

Eu espero terminar meus estudos, aprender o máximo que eu puder, e talvez arrumar um emprego melhor, pode ser na área de vendedora, uma coisa assim, até pela prefeitura. Na real, eu queria passar num concurso.

Eu tenho o sonho de construir minha casa, e quero começar a construir no ano que vem. A casa que eu



SIMONE



SÔNGLILA



BOA VISTA



Fronteira com a Venezuela e Guiana Inglesa, Roraima é usada como corredor do tráfico. A atividade vitima várias mulheres que, por diversas razões, acabam sendo presas. Na penitenciária Feminina de Boa Vista, são mais de 100 reclusas cumprindo pena, quase todas por tráfico. Há mulheres de todas as faixas etárias, jovens de 18 anos e adultas com mais de 50.

Vindas de várias partes do Brasil e de outros países, incluindo índias das etnias macuxi e wapichana, muitas são usadas como “mulas”. Sem saber, são negociadas, entregues pelos traficantes à polícia para mascarar a entrada de carregamentos maiores. Algumas nunca se envolveram, mas, como não denunciaram os filhos e maridos, são consideradas cúmplices.

A penitenciária é pequena e elas dividem a cela com até quatro mulheres. As camas são beliches e em todas há uma pequena cozinha para fazer lanches. O difícil é aguentar o calor; alguns espaços são cobertos com telhas de amianto e a sensação térmica dá a impressão de uns 50 graus. Chega a faltar ar. A carência de recursos para pagar um advogado faz com que algumas esperem até mais de dois anos pelo julgamento, e o abandono da família leva várias a uma profunda crise de tristeza. No berçário, o choro e os gritos das crianças as tiram do presente, nem parece que se está num presídio, mas o olhar e o desespero de algumas reeducandas retratam a necessidade de construir alternativas para o futuro. Um dia elas sairão.

Em Boa Vista, houve um encontro de intenções. A direção do presídio buscava alternativas de oferta de educação e o Instituto Federal de Roraima (IFRR) estava discutindo o Mulheres Mil. Para viabilizar o projeto dentro do presídio, o IF assumiu o papel de articulador, sensibilizando várias instituições locais, imprescindíveis para que as ações cotidianas pudessem acontecer, desde as mais simples, como garantir a permissão da justiça para que os servidores pudessem ministrar aulas no presídio, até as mais complexas, como conseguir permissão e escolta para deslocar as reeducandas para as aulas práticas.

A junção de esforços teve um final feliz. Oitenta mulheres foram capacitadas na área de alimentos e estão elevando a escolaridade. Algumas já foram soltas e conseguiram trabalho na área, e uma montou um negócio no presídio masculino.

As entidades continuam planejando ações para garantir a inserção dessas mulheres no mundo do trabalho. Uma das propostas é ajudá-las a organizar uma cooperativa para que possam fornecer as suas próprias refeições no presídio. Hoje, o Governo do Estado contrata uma empresa privada.

A meta é ajudá-las a organizar uma cooperativa para que possam produzir e fornecer as próprias refeições, que hoje é terceirizada.



SIMONE PIRES LOPES



Simone Pires Lopes tem 40 anos, é natural de Manaus e teve uma infância e adolescência tranquilas. Pôde estudar, terminou o ensino médio, mas optou por não fazer faculdade e escolheu o tráfico. Presa pela segunda vez, Simone assumiu o papel de representante da turma e ajuda na organização do coral. Evangélica, o desafio de Simone é não cair na sedução do dinheiro fácil quando terminar de cumprir pena. O sonho é abrir um comércio com o marido, que também cumpre pena.

Aquela que começou, que foi até o finalzinho, até o último dia, que foi subir

no palco lá do Cefet e receber o certificado, viu o quanto foi importante na vida de cada uma de nós que participou desse curso. Sabe aquela história da estrela guia, que está à nossa frente e vai nos levando? É esse projeto Mulheres Mil.

Eu vi, no decorrer desse projeto, a recuperação de algumas das minhas colegas. Quem passou por ele não esquece, porque abriu a nossa men-





te a ter mais oportunidade na nossa vida. Ensinou a importância da decisão de mudar de vida, de agarrar as oportunidades boas que aparecerem na nossa frente, como esse curso. As que já fizeram e as que estão fazendo, é uma oportunidade a que elas estão se agarrando, se segurando.

Eu aprendi com o Mulheres Mil a colocar em prática que toda aquela garra, aquela coragem para fazer coisas ilícitas, eu posso usar de outra forma, com a mesma garra, o mesmo peito, só que agora com o ego mais baixo, porque o ego alto não faz bem. O tratamento com as pessoas é bem diferente; aplicação do dinheiro, o retorno, que a gente aprendeu a trabalhar com retorno.

Eu não tinha medo de polícia, não tinha medo de vagabundo, não tinha medo de nada. Enfrentava mesmo, botava marra, andava armada; se tivesse que atirar, atirava. Graças a Deus, nunca foi preciso, mas eu era peituda demais em relação a isso. Eu me achava a última coca-cola do deserto. Aí descobri que eu não sou, não era nada disso, pelo contrário, eu era muito era idiota, pensando isso tudo. Você pensa que tá com tudo, mas não está com nada. Você não passa de uma boboca, de uma idiota, se achando, porque está com certa quantidade de droga, certa quantidade de dinheiro, porque pode ter quando quiser na sua mão, numa noite gastar quanto quiser, porque era desse jeito a minha vida.

O curso foi um conteúdo que veio preencher várias lacunas na nossa vida. Desde o começo, ele veio trabalhar nossa autoestima, aquela parte que em muitas pessoas se encontra vazia, que é trabalhar tipo assim: você pode, você consegue, você faz, você muda, basta querer. Então, algumas de nós não tinham essas lacunas preenchidas, precisava preencher. E esse curso veio para isso, veio nos ensinar que a gente pode mudar. Basta querer.

Depois que a gente se encontra aqui neste local, dentro do sistema penitenciário, todo mundo é igual. Eu nasci e cresci no meio de uma famí-

“ E esse curso veio para isso, veio nos ensinar que a gente pode mudar. Basta querer.

lia muito boa. Sempre fui assim muito querida, por ser a única menina da família, sempre fui ganhando brinquedo, atenção, paparcos, manha e fui crescendo nesse ritmo.

Eu me apaixonei, o tal do amor bandido apareceu na minha vida. Eu vim pra Boa Vista passar 15 dias e fiquei dois anos. Daí comecei a traficar, mas não por incentivo dele, mas porque vi ali um modo de ganho rápido, fácil. A gente tem pressa de cuidar da nossa vida. Cegamente, a gente pensa assim, porque a realidade é bem outra. Eu já tinha terminado o ensino médio, foi uma coisa que eu deixei tudo para lá. Eu ia fazer faculdade de Ciências Biológicas.

A gente fez o curso de empreendedorismo, isso ampliou muito a mente da gente. Quando eu sair daqui, a expectativa pra mim e pra maioria das mulheres que se encontra aqui é de percorrer um caminho novo. Aliás, esse caminho novo já começa desde aqui de dentro. A partir do momento que a gente começou a se dedicar nesse curso, que pessoas passaram a participar da nossa vida.

O Mulheres Mil é uma porta, mesmo para a pessoa que já teve oportunidade de estudar. Às vezes, a gente até brincava: “Nós somos descartadas da sociedade”, mas a gente vê que lá fora tem pessoas que pensam o contrário, porque daqui vão sair pessoas para a sociedade. E a expectativa é justamente a gente poder buscar, porque a perda da gente vir pra cá não é só pra nós, a perda é, principalmente, para a nossa família, porque a gente perde a autoestima, tem o constrangimento.



“E a mulher é um ser humano que, quando parte para a luta assim, não parte só. Ela engloba filho, marido.



Participar do Mulheres Mil também me mostrou que eu não existo sozinha, existem outras pessoas ao meu redor, mesmo que não tenha aquele vínculo de sangue, mas a gente passa a ter vínculo de amizade, de carinho, de afeto. Aqui mesmo, foi necessário a gente se unir várias vezes na cozinha para fazer salgadinhos, comida. E a mulher é um ser humano que, quando parte para a luta assim, não parte só. Ela engloba filho, marido. Quando ela busca, não busca só para si. A mulher é isso, é companheirismo.

Quero aplicar tudo o que a gente aprendeu. Eu penso em trabalhar com mercadinho, vender arroz, feijão e nos finais de semana colocar para vender, na porta da minha casa, frango com um baiãozinho e salada de maionese. Meu sonho é sair daqui com o meu companheiro, João Morais. Eu acho que eu sou a panela e ele é minha tampinha [risos]. Fundo musical da minha vida? “Amor sem limite”, do Roberto Carlos. ■



SÔNGLILA SOARES DE LIMA



Sôngila Soares de Lima, 47 anos, é o que se pode chamar de empreendedora nata. Montou um restaurante com o companheiro dentro da penitenciária masculina e tem uma venda de balas dentro da feminina. Paraense, filha de índia com português, ficar parada é algo complicado para quem trabalhou mais de 20 anos em garimpo. Na Penitenciária, ela estuda, faz limpeza na guarita dos policiais para diminuir a pena e toma conta do seu comércio.

Mesmo por tudo isso que eu passei,
eu nunca fui medrosa.

Sou muito divertida, muito popular, eu sou muito companheira, amiga. Vivo sorrindo. Para mim, não tem tempo ruim. Eu sou assim: mulher de atitude, de garra, de agir. Não sou de prometer, sou de fazer. Quando eu boto para fazer uma coisa, eu vou e faço mesmo. Confio no meu taco.

Eu não me sentia filha. Quando descobri que era adotada, tinha 16 anos. Um dia ouvi minha madrasta conversando com a minha própria mãe





biológica. Eu já tinha visto várias vezes aquela mulher na casa e nunca imaginei que eu era filha adotiva. Nunca consegui e até hoje nunca chamei de mãe, porque ela me via apanhando, via meu sofrimento e nunca tomou uma atitude. Os filhos, a minha madrasta não maltratava.

Em 2008, chegou esse benefício do Mulheres Mil; como eu já tinha vontade de fazer esse curso lá fora, mas eu não tinha condição, aproveitei. Tinha feito até a quinta série e tava com 20 anos que eu não estudava. Aí retornei a estudar, fui me capacitando, estudando, aprendendo sobre empreendedorismo, sobre cálculo, sobre o ambiente, como é trabalhar com o povo, pra botar o meu próprio negócio.

Eu tinha uma tia de criação, que era cozinheira e doceira de mão-cheia. Eu ficava lá na cozinha ao lado dela, ficava vendo, aprendendo aquilo ali. Ela gostava muito de mim; acho que era o meu dom mesmo ser cozinheira. Eu tinha muita facilidade de aprender as coisas.

Eu nunca trafiquei, sempre trabalhei no garimpo, em firma, em restaurantes. Eu cozinhava para o dono do barraco, que era dono da terra, e para os peões e ganhava dois gramas de ouro por dia. Quando eu entrei no garimpo era tudo manual, depois é que chegaram as máquinas. Trabalhei na Colômbia, na Venezuela e na Guiana Inglesa. Quando eu vim presa, eu recém tinha vindo da Guiana. Foi lá que conheci esse meu companheiro e foi aí minha perdição pra chegar aqui. Ele me ajudou a construir minha casa; eu, com meu dinheiro, meu diamante, e ele com o dele.



“Em 2008, chegou esse benefício do Mulheres Mil; como eu já tinha vontade de fazer esse curso lá fora, mas eu não tinha condição, aproveitei.



Agora eu estou com restaurante no presídio masculino, são sete, mas, graças a Deus, o meu está em primeiro lugar na concorrência. Fiz o curso e repassei tudo que eu aprendi, ensinei meu marido e os reeducandos. Eu tenho cinco funcionários lá dentro e eles têm que estar equipados, com touca, mãos limpas, barba feitiinha, nada nas mãos, nem relógio ou anel. Eu vou todos os domingos e quando eu chego lá tá todo mundo de barbinha feita, cheirosinha. E eles fazem tudo direitinho.

Eu peguei 12 anos. O juiz me colocou como comparsa, disse que eu tava lúcida, ciente e, por ele estar devendo à justiça, porque ele tinha sido preso e fugiu quando tava em semiaberto, então eu era cúmplice, estava acobertando e não tomei a atitude de denunciar. Já cumpri o tempo que eu tinha no fechado, agora vou ficar no semiaberto.

Eu fiquei oito meses sem ver ninguém da minha família. Sou mãe de nove filhos; tem dois em Manaus, os outros vivem aqui, mas só vem uma filha me visitar. Quando a gente cai aqui, a família se afasta. No início, começam a vir, aí depois vai diminuindo. Dói muito porque a gente se sente abandonada.

Nós éramos 40 mulheres, 20 na parte da manhã e 20 na parte da tarde. Todo dia nos levavam para o Senac¹, para a parte prática do nosso curso de Gastronomia. Eu aprendi muito, desenvolvi muito. Antes de começar a fazer esse curso, eu já tinha uma venda de bombom, e tenho até hoje, e é o que está me ajudando a puxar minha cadeia para eu me manter.

Eu já tinha conhecimento com várias receitas, só que eu não tinha a prática era do total; os materiais que eu ia gastar, ver o número de pessoas,

1. O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) de Roraima é um dos parceiros do projeto em Boa Vista.

☺ Pretendo continuar, porque não é interessante ser uma empresária e não ter um estudo avançado.



porque, às vezes, eu fazia e sobrava, estragava. Ia tudo para o mato. Aprendi tudo no curso. Aprendi como trabalhar com meu dinheiro, porque tudo que eu pegava eu gastava, eu comprava coisa que não tinha precisão. Hoje eu sei como economizar o meu dinheiro, como fazer ele render na minha mão. Eu desenvolvi muito na matemática, tudo que eu faço é na base da caneta. Eu tive várias aulas aqui dentro, tive aulas de boas maneiras, de bom comportamento, de conviver com as pessoas, como se dirigir às pessoas.

Esse projeto é para abrir portas para as mulheres que sabem cozinhar, querem levar em frente, procuraram aprender mais, se desenvolver, porque ela pode, lá na frente, botar na porta da sua casa a sua própria venda, pra não ficar só dependendo do marido.

Agora estou terminando a sétima, já estou passada, e vou para a oitava. Pretendo continuar, porque não é interessante ser uma empresária e não ter um estudo avançado. O projeto, quando eu sair daqui, é continuar, é colocar meu ponto de lanche e colocar outro comércio na porta da minha casa, mexer com refrigerante, com bebida, laticínio, essas coisas. ■



ELENILDE



VALDENICE



ARACAJU E NOSSA SENHORA DO SOCORRO



1 Bairro Santa Maria

2 Taiçoca de Fora

O bairro Santa Maria, também conhecido como Terra Dura, fica na zona sul de Aracaju e é onde ainda é depositado parte do lixo produzido na capital. Mesmo com a proibição do Ministério Público, segundo os moradores, famílias ainda tiram o seu sustento dos resíduos trazidos de Aracaju, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro. Já o povoado de Taiçoca de Fora fica no município de Nossa Senhora do Socorro, área litorânea de Sergipe, e a maioria dos moradores sobrevive da atividade da pesca.

A paisagem e a forma de garantir o sustento nessas localidades são diferentes, mas as realidades socioeconômicas das mulheres se assemelham. Tanto no Santa Maria como em Taiçoca de Fora, o trabalho chegou ainda na infância. Em função disso, a escolaridade é baixa, a maternidade foi precoce e a falta de qualificação profissional dificulta o acesso ao mundo do trabalho.

Com as mulheres do Santa Maria, o desafio foi torná-las visíveis para si mesmas. Era preciso amolecer as camadas de medo, baixa autoestima e preconceito acumuladas durante anos de trabalho no lixo. Em Taiçoca de Fora, enfrenta-se a resistência dos maridos e a desconfiança das mulheres, calejadas de promessas políticas nunca cumpridas. Com ambas, a meta foi explorar e aprimorar talentos que elas trazem da trajetória de vida.

Para trabalhar com essas realidades e atender às necessidades das mulheres, o Instituto Federal de Sergipe criou qualificações nas áreas de resíduos sólidos e artesanato, que não faziam parte da sua oferta tradicional.



A celebração de parcerias foi fundamental para garantir a elevação de escolaridade das moradores de Taiçoca de Fora, para a oferta da capacitação profissional e a inserção das artesãs em feiras locais e nacionais. Essas ações garantiram articulação com diversas entidades, que formaram uma rede de atendimento que pode ser reproduzida em outras localidades do estado.

Em relação às alunas, os resultados são diversos. Das egressas, algumas optaram pelo caminho do artesanato, estão produzindo e vendendo em feiras. Outras continuam trabalhando na Cooperativa de Catadores Autônomos de Aracaju (Care) e há casos das que estão buscando outros caminhos profissionais. As mulheres de Taiçoca de Fora discutem a possibilidade de organizar uma associação de produção.

ELENILDE DO ESPÍRITO SANTO



Elenilde do Espírito Santo herdou dos pais, além do sobrenome e dos traços físicos, a profissão: catadora de marisco. Aos 32 anos, tem uma longa experiência com mangues e mar. São 23 anos de atividade, nos quais aprendeu a pescar, quebrar e limpar. Só não deu para aprender a vender, depende do atravessador. Alegre e objetiva, fala o que pensa sem se deixar levar por censuras. Da escola, lembra das brigas que tinha com os colegas e ainda hoje não leva desaforo para casa.

Foi muito bom estudar informática e gostaríamos era de ter mais aulas.

No início, ficamos com medo de quebrar o computador, aí perguntamos: “Se quebrar vamos ter que pagar?” Aí disseram: “Não, não paga nada!” Aprendi a entrar na internet, fiquei muito curiosa. Começamos a procurar namorado, aprendemos a bater papo [risos].

Eu me senti alegre em voltar para a escola, porque chega o momento que a gente tem que aprender, mesmo depois de velha. Esse curso



“Hoje, eu já sei fazer um bordado com casco de sururu, de ostra, coisa que a gente nunca fez e nunca imaginou, porque a gente jogava o cascalho era no lixo.



vai ser bom pra mim e pra ensinar aos meus filhos que estudar vai ser a melhor coisa da vida, pra não fazer como eu fiz: deixar passar.

Nas aulas de português, nós fizemos texto falando sobre a vida da gente, o que tinha feito na nossa infância. A minha infância foi de trabalho, não tive tempo pra brincar, meus brinquedos foram os meus filhos. Eu comecei a trabalhar a partir dos nove anos. Minha mãe acordava a gente a meia-noite, dizendo que era quatro da manhã, pra quebrar marisco. Aí eu dizia: “Vixe! E o dia não amanhece não?”. Era a única solução que a gente tinha, porque só trabalhava de pesca.



A gente também ia para o mangue, tirar o sururu e ostras. Minha mãe levava pra gente não ficar solta. Eu fiz só até a terceira série. Quando chegava na escola tava cansada; só pensava no serviço quando chegasse em casa: era prato, era água para pegar. Quando eu deixei a escola tinha 13 anos. Aí, pronto, fui trabalhar tomando conta de crianças e até hoje tomo conta dos meus filhos e trabalho no marisco. Eu trabalho de tudo, mas eu gosto é de tomar conta de criança.

Quando eu vou pra maré, saio de casa às quatro horas e chego entre duas e meia e três da tarde. Nós vamos de canoa e eu não sei nadar. O marisco tem semana que dá e semana que não dá.

A gente também quebra em casa o marisco tirado do fundo do mar e passa pra outra pessoa vender. Ele vai pra Bahia e vende por quilo. Cada quilo custa cinco reais. Eu quebro 10 a 12 kg por dia, de quatro e meia da manhã até as oito da noite.

Tem muitas de nós que ficam inseguras, têm medo, mas com o estudo eu me sinto mais segura e tenho mais confiança. Na sala de aula, é outro momento, porque a gente fica mais entretida, mais concentrada pra poder aprender, pra ver o que realmente os professores têm de coisas boas pra ensinar pra gente.

As pessoas aprendem em qualquer idade, basta só querer. A gente vai aprendendo coisas que não teve tempo de aprender na vida. Hoje, eu já sei fazer um bordado com casco de sururu, de ostra, coisa que a gente nunca fez e nunca imaginou, porque a gente jogava o cascalho era no lixo. Nós estamos aprendendo a fazer arte com a casca do marisco. Hoje nós sabemos que o casco que a gente jogava é dinheiro.

Gostei muito do professor de matemática. Ele é uma pessoa muito alegre e tem vontade que a gente aprenda, porque é difícil pra fazer conta. Na escola, eu não era muito boa em matemática, mas, pelo jeito que ele tava ensinando, mostra que a gente tem capacidade de aprender, de se desenvolver mais na vida. Eu aprendi a dividir as contas. Eu sou muito atrapalhada para dividir, mas aprendi.





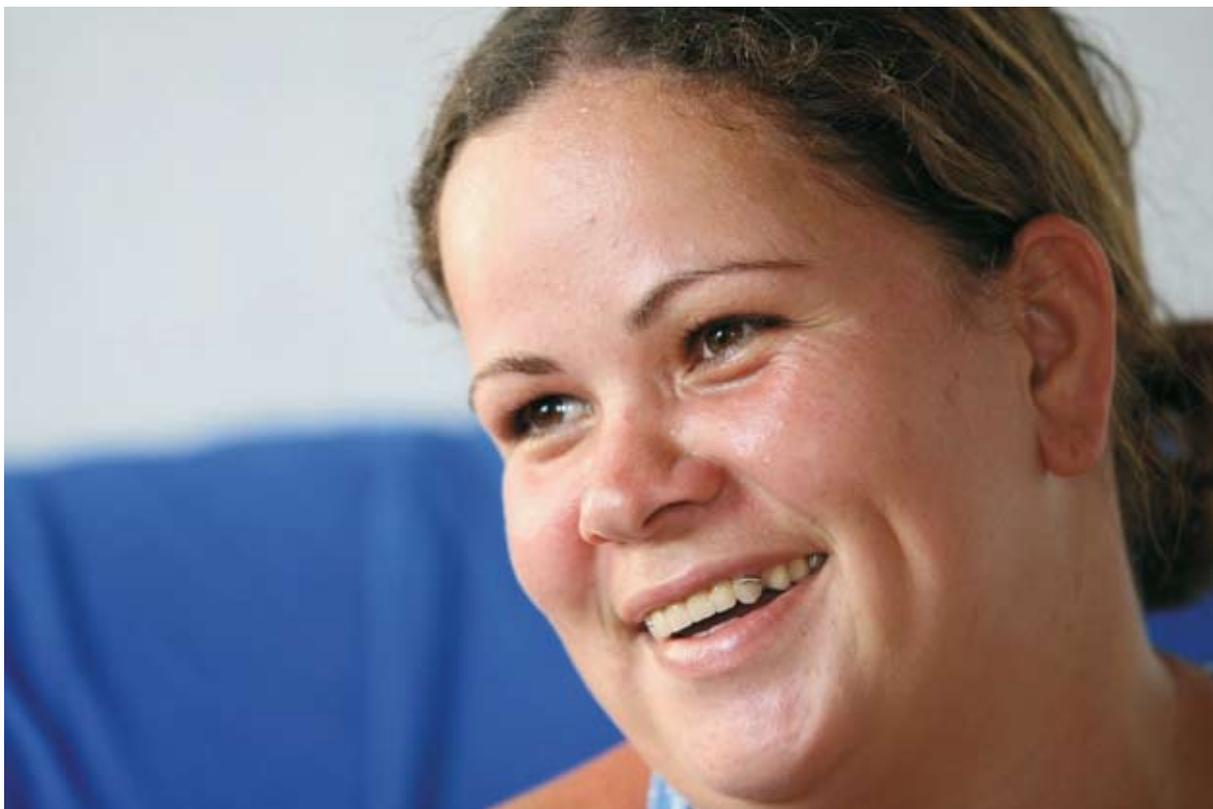
“O curso me ajudou a ter paciência com meus filhos. Agora eu chego, brinco com eles, levo pra passear.

O curso me ajudou a ter paciência com meus filhos. Agora eu chego, brinco com eles, levo pra passear. Vou à praia, ao *shopping*, porque eu gosto muito de passear. Tomar a minha cervejinha bem geladinha. Estou aprendendo a dar mais amor aos meus filhos, porque eu não tive muito amor de brincar com os meus pais, de beijar, de abraçar, e hoje eu brinco, abraço, beijo e bato, quando merece.

Meus filhos não trabalham. Eles são crianças. Eu tenho um de dez, um de cinco e um de dois anos e cinco meses. Cleidiane, a mais velha, Adriano e Raquele. Me qualificando, eu espero dar uma vida melhor aos meus filhos. Através dos meus estudos, do projeto que estou fazendo, eu pretendo dar muitas coisas boas para os meus filhos. ■



VALDENICE ALVES



Valdenice Alves não é de muita conversa. Reservada, fala pouco, talvez pelo fato de já ter nascido grande no tamanho da responsabilidade. Começou a se preocupar com o sustento da mãe cedo. Natural de Alagoas, por volta dos 10 anos, ajudava a vender caranguejo e marisco. Aos 11, a família mudou para Aracaju, onde ela e dois irmãos enfrentaram, durante anos, o lixão da Terra Dura, como é chamado o bairro de Santa Maria, para garantir o sustento da mãe. O estudo era um luxo que só dava para desfrutar de vez enquanto.

Eu gostei do nome do projeto - Mulheres Mil - porque eu me acho uma vencedora.

Eu enfrento qualquer trabalho, porque uma pessoa trabalhar numa lixeira desde os 11 anos não é fácil. Tenho 24 anos, sou de Maceió, mas moro em Aracaju faz 12 anos. Quando a gente chegou aqui, eu saía de oito horas e ficava até cinco horas da tarde. Às vezes, virava a noite,





porque tinha muita gente que trabalhava de noite. Quando o meu pai começava a beber, a gente tinha que se virar, porque ele custava a parar e, se não fosse a gente, minha mãe passava dificuldade. Eu e os gêmeos sustentávamos a casa.

Eu soube do projeto através da Care¹, eu era uma das cooperadas.

Foi bom voltar pra sala de aula depois de tanto tempo. Este projeto deixou uma experiência muito boa, conheci várias pessoas do bairro e gostei muito das outras mulheres.

Gostei da psicóloga, porque a professora deixava a gente à vontade, fazia a gente se sentir bem. Gostei da aula de computação. Tinham muitas que nunca pegaram num computador. Teve uma que ficou tão alegre só porque conseguiu ligar e desligar. Eu também fiquei, porque a gente nunca tinha mexido. Para quem nunca pegou o computador, fica assim com medo mesmo, dá um nervoso. Eu chamava a professora direto. A gente se sentia em casa, eu me sentia à vontade, e os professores também ajudaram muito, porque eles eram bastante simples.

Eu estudei até a quarta série. Na época, foi uma vizinha que matriculou. Ela pediu os registros a minha mãe e foi matriculando eu, meu irmão, meus primos, que estavam tudo na lixeira. Eu gostava de ir à escola, eu tinha vontade de ir. Às vezes, eu sentia vergonha das minhas colegas quando o ônibus ia buscar a gente lá na lixeira. Eles botavam a cabeça do lado de fora e ficava chamando a gente de lixeiro. Uma vez briguei com um menino, pisei em cima dele, porque ele me chamou de lixeira.

Tem muita gente que tem preconceito quando diz que é do Santa Maria ou do Terra Dura. É um sentimento muito ruim, assim de humilhação. Mesmo com a farda da Care, quando eu entrava no mercadinho para pegar resíduos sólidos já ficavam olhando. Se eu pudesse, xingava, dizia: “Tá olhando o quê? É da sua conta? É melhor trabalhar do que tá roubando”. Essas coisas... Eu brigava muito por causa disso, por isso que eu era assim, meio revoltada.

Antes do curso, eu só pensava em trabalhar para comer, só isso. Agora, não! Eu penso em trabalhar, comprar uma roupa, comprar um calçado. Naquele tempo, eu só pensava em trabalhar e em construir minha casa e pronto. Não pensava em mim. Hoje eu penso mais em mim. Eu acho que foi o modo que eu fui criada, porque meu pai era assim. Para ele, botou o arroz e o feijão, botou tudo. Eu nunca tive um brinquedo, uma roupa que preste. Ele era muito ignorante com a gente.

1. A Cooperativa dos Agentes Autônomos de Reciclagem (Care) de Aracaju foi criada em 1999 com o objetivo de tirar famílias do lixo.



“Depois da lixeira, meu segundo emprego foi lá na Care, foi com uma coisa que eu já sabia lidar, que é com lixo.

Eu aprendi a fazer fuxico e o artesanato com jornal. Foi bom, mas devia ter mais aula. Gostaria que voltasse uma segunda etapa do projeto. Eu faço a xuxinha de cabelo. Umas eu dei para as minhas sobrinhas e outras eu vendi. Dá para vender legal. Eu parei porque comecei a trabalhar na casa da mulher, lá na Atalaia. Depois saí porque a mulher queria que eu dormisse lá.

Através do curso, fui pensando mais em mim, na minha vida, do que tava precisando. Antes só vivia doente, mas comecei a pensar mais na minha saúde. A gente para pra pensar num projeto de vida melhor, um emprego melhor.

Eu só parei de trabalhar uns anos, quando eu fiquei grávida, com oito meses, que eu não fui mais para lixeira, e quando eu tive meu filho. Eu engravidei aos 15 anos, e não tinha planejado nada; depois que veio fiquei me prevenindo, e ele já tem nove anos. Eu conheci o pai do meu filho desde pequena.

Depois da lixeira, meu segundo emprego foi lá na Care, foi com uma coisa que eu já sabia lidar, que é com lixo. Entrei lá com 20 anos, fiquei três anos e nove meses. Saí porque adoeci, eu peguei uma infecção no sangue e no pulmão. Na formatura do curso, eu tava no hospital; fiquei 13 dias internada. Antes, eu nunca tinha procurado trabalho fora da Care, eu tinha medo de sair de lá e não conseguir outro emprego. Eu trabalhava doente, calada ali, para não sair.

No começo, foi um pouco diferente, porque tava acostumada a trabalhar diferente, só com lixo. O trabalho da faxina é mais leve. Se tiver a faxina certinha, é melhor.



“O curso ajudou a me comunicar melhor, que eu era muito calada, não gostava de estar falando com as pessoas sem conhecer.



Tanto você ganha mais como é melhor, é mais leve, e o dinheiro é melhor. Eu também faço unha, lá em casa mesmo.

O projeto levanta a autoestima de muitas mulheres. Às vezes, a gente tá passando por dificuldades, aí já levanta, e a gente se dá mais valor, se valoriza mais. A gente já sofreu muito, já trabalhou muito nessa vida; aí tem que pensar mais na gente.

O curso ajudou a me comunicar melhor, que eu era muito calada, não gostava de estar falando com as pessoas sem conhecer. Era oi, tudo bem e pronto! Agora, não, eu me comunico melhor. A participação no projeto mudou muitas coisas, o modo de eu tratar em casa, a forma de conversar com o meu filho. Participar do projeto foi bom para mim. Hoje eu me sinto melhor.

Eu tenho muitas colegas que trabalham na lixeira. Ainda tem muita criança e muita mulher. Tem muitas que trabalham mais que homem, é nas carroças, pulando nas coletas. Eu acho bonito porque é o jeito delas agirem. É não ter medo de enfrentar a vida, mas é muito doloroso.

Eu sou uma pessoa que já passou por muitas dificuldades na vida e nunca desistiu. E não vou desistir nunca. Não vou desistir de ver minha casa toda reformada, de ver meu filho estudando, de ter um emprego que nunca tive.

Eu queria trabalhar assim, exercer como manicure. Eu vou fazer uns currículos para ficar botando lá nas empresas para ver se consigo trabalho de serviços gerais. Me sinto mais qualificada para o mercado. Meu sonho é ter um emprego de carteira assinada e construir minha casa; e quero dar ao meu filho o que nunca tive. ■



LÚCIA



SHEILANE



PALMAS E TAQUARUÇU



2

1 Palmas

2 Taquaruçu

As alunas do distrito de Taquaruçu e do bairro Santa Bárbara têm histórias de vidas com pontos em comum: muitas trabalharam na infância, a maioria casou cedo, várias assumem sozinhas o sustento da casa, algumas escondem as marcas da violência doméstica, diversas não acreditavam em si mesmas e nenhuma tinha frequentado os bancos da universidade ou de um curso técnico.

O distrito de Taquaruçu está a 32 km de Palmas, onde fica a sede do Instituto Federal de Tocantins (IFTO). O distrito é uma cidade pequena e tem aquele ar de tranquilidade, como se o tempo tivesse parado e a correria do mundo moderno fizesse parte de outro planeta. O bairro Santa Bárbara, em Palmas, tem um ar de medo, as casas são próximas, há falta de saneamento, de acesso à saúde, de planejamento urbano e muita violência, e a maioria dos moradores vive abaixo da linha da miséria. Em comum, esses locais têm carências de ações do poder público e muitos moradores vivem à margem dos direitos à educação e ao trabalho.

Para promover o acesso das mulheres dessas comunidades, o Instituto abriu interlocução com a associação de moradores. Depois, vieram outros desafios: garantir o transporte, assegurar a permanência na escola e ofertar a profissionalização para um grupo heterogêneo na

faixa etária – as alunas têm entre 18 e 60 anos – e na escolarização – desde o ensino fundamental incompleto ao ensino médio. No Colégio Estadual Santa Bárbara, não havia oferta de Educação de Jovens e Adultos, e a interlocução do IFTO com a prefeitura de Palmas garantiu que mulheres que estavam há décadas longe dos bancos escolares pudessem ter a chance de dar continuidade aos estudos.

A instituição também celebrou parcerias com entidades locais para ofertar qualificação em áreas diversas. Hoje, além de artesanato, capacitação ofertada para as moradoras de Taquaruçu, as alunas do Santa Bárbara podem fazer cursos na área de corte e costura e alimentos. Os impactos na vida das que já receberam a certificação são diversos. Muitas conseguiram trabalho em áreas diferentes da qualificação, um grupo continua produzindo e comercializando artesanato e a maioria voltou a estudar.



LÚCIA ARAÚJO MENDES



O bom humor e a disposição para viver são marcas fortes em Lúcia Araújo Mendes. Ela é da terra do “reggae”, maranhense, e tem orgulho de onde vem. Com 51 anos, viveu a maior parte da sua vida na área rural, plantando, colhendo e criando irmãos e filhos. Na trajetória, embalou 19 crianças, cria uma neta de 13 anos e ajuda na criação de outros quatro. Vai completar seis anos que está em Palmas e hoje vive da reciclagem e do artesanato.

Quando eu comecei a mexer com artesanato, eu vim chamada por uma colega,

mas sem vontade; e não é que eu gostei! Está com quatro anos que eu trabalho com artesanato. Eu estou convencida e gosto mesmo. Eu também trabalho na reciclagem. Eu junto ferro, latinhas, plástico, faço artesanato, faço papel reciclado. Hoje, só trabalho eu, porque meu marido tá doente. Aí eu vendo para o atravessador.



☺ Gostei de tudo que já participei nesse grupo. Eu fiz o curso de culinária. Aprendemos a fazer salgados, tortas, doces, coxinhas, pastel, empadinha.



Fiquei alegre quando me falaram que no projeto iam dar um curso de artesanato para gente. Gostei de tudo que já participei nesse grupo. Eu fiz o curso de culinária. Aprendemos a fazer salgados, tortas, doces, coxinhas, pastel, empadinha. Eu gostei muito da oficina de artesanato de caixinhas; fiquei apaixonada por aquelas caixinhas.

Eu morava no interior, na roça, trabalhava no plantio, na colheita. Disso eu entendo tudo. A gente plantava arroz, feijão, milho, fava, mandioca. Tinha ano que dava pra todo mundo comer, mas tinha ano



que faltava. Minha mãe teve pouquinho filhos, teve 15, e se criaram 13. Eu sou a segunda, então tive que ajudar a criar meus irmãos. Os que mais sofrem são os primeiros, por isso nem crescer eu pude de tanto carregar meninos aqui! Quando eu era menina, até os 11 anos, não tinha escola, era só na roça mesmo. Eu casei criança ainda, tinha entre 13 e 14 anos. Eu me sentia muita presa, meu pai não me deixava sair com minhas colegas.

Esse projeto pra mim foi tudo de bom, porque eu não assinava ainda meu nome. Hoje eu boto meu nome, eu já conheço todas as letras, mas ainda não sei juntar quando tem um nome grande. Estudei no Mobral¹, mas naquele tempo eu tive que largar por causa dos filhos. Comecei a estudar aqui no Santa Bárbara, mas, como acabou o EJA², tive que largar também.

Eu acho que esse curso ajudou em tudo pra nós. Não saber ler nem escrever é muito ruim. Já tive dentro da capital de Teresina, com minha guria doente e eu, com papel escrito na mão, sem saber onde era pra ficar. Pedia informação, e o povo me botava para um lado, me botava para outro. É muito ruim.

Hoje eu já não tenho mais medo de escrever meu nome quando é preciso assinar algum papel. Tô me sentindo mais confiante. Agora já leio um pouco, todas as letras grandes eu já conheço. Mas juntar os nomes grandes é muito difícil para mim.

O Mulheres Mil mudou a vida das mulheres aqui no bairro. Eu te digo isso porque minha menina falou: “Mãe! Eu estou muito feliz, porque fiz a oitava série, mas não tinha o conhecimento que tenho hoje”. Agora, graças a Deus, com esse projeto, ela disse que não vai mais parar de estudar.



1. Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização.

2. EJA – Educação de Jovens e Adultos.



“Abriu os olhos, a mente melhorou em tudo, pra mim está muito bom. Melhor se eu continuar aqui.”



Nós recebemos bolsa; pra mim é muito importante. São R\$ 100, mas pra mim é muito dinheiro. Eu pago água, pago energia, às vezes, compro arroz, carne, compro as coisas pra casa.

Abriu os olhos, a mente melhorou em tudo, pra mim está muito bom. Melhor se eu continuar aqui. Muitas mulheres eram como eu: não sabiam nem botar o nome. Agora já sabem e se animaram para estudar, para continuar. Mesmo que encerre o curso, elas querem continuar. ■

SHEILANE ALVES



Sheilane Alves é dona de casa, trabalha na Câmara de Vereadores de Palmas e é estudante do curso técnico de música do Colégio Militar. Ela parou de estudar na sétima série e esteve por 17 anos longe dos bancos escolares. Voltou para a sala de aula com o projeto e, aos 37 anos, traça novos objetivos, entre eles, fazer faculdade de Serviço Social. Gosta de cantar, a voz sai solta, principalmente quando canta a música que lembra o início do namoro com o segundo marido. “Quero colo”, de Leandro e Leonardo.

Eu fico imaginando por que eu parei tanto tempo no tempo.

Eu posso estar cansada, porque esse serviço exige muito de mim, mas quando eu tô indo para o colégio dá uma alegria tão grande, uma satisfação tão grande de saber que eu vou estudar! Eu saio de casa dez para cinco da tarde e só chego meia-noite e meia. E, às vezes, eu estudo até quatro e meia da manhã para dar conta de fazer meus trabalhos, minhas provas.





essa vontade de estudar foi no projeto, porque eu não tinha incentivo e também não tinha vontade. Eu achava que tinha só que trabalhar e correr atrás para cuidar da família. Hoje, não! Eu aprendi lá que eu posso contornar toda essa situação: posso cuidar da minha casa, fazer aquilo que eu gosto e posso estudar.

Nós somos quatro filhos e até hoje meu pai manda na gente; e a gente sempre respeita a opinião dele. E eu casei pra fazer gosto ao meu pai. Ia fazer 16 anos. Meu pai gostava muito do namorado que eu tinha. Nós brigamos e terminamos. Aí ele foi na casa do pai, que não sabia que a gente tinha terminado, e pediu minha mão em casamento. Eu tive uma certa resistência, mas não queria dar desgosto para o meu pai. Então, eu aceitei casar e casei.

Eu fazia a sétima série e não voltei mais, porque eu trabalhava, não tinha mais muito tempo para os estudos. O esposo também não ajudava. Dois anos depois, meu filho nasceu, o primeiro filho. Foi quando eu me dediquei cada vez mais à casa, ao filho, ao serviço, aí eu não lembrei mais de estudar. Cinco anos depois nós separamos – vai fazer mais de 20 anos que somos separados – e casei de novo. Vou fazer onze anos de casada. A gente vive muito bem, é uma das pessoas que me incentiva muito. Me ajudou muito na época do projeto.

O Colégio Militar eu ouvi a oportunidade no rádio. Tavam abrindo inscrições para os cursos de música e informática. Fui lá, me inscrevi e hoje eu faço música. A gente tanto aprende a tocar como também aprende a ser professor de música. Eu amo o meu curso. A gente acha que música é uma coisa simples, mas não é. Hoje, pra você ser um professor de música ou aprender a cantar ou tocar bem, tem que estudar, porque nós temos partitura para ser estudada, têm regras para serem estudadas, obedecidas.

Com esse projeto, eu também tive a oportunidade de trabalhar. Vai fazer dois anos, no dia 1º de janeiro, que eu sou funcionária da Câmara Municipal de Palmas. Foi



“O projeto me ensinou a olhar para mim, a me amar mais, a não achar que eu não tinha mais direito de lutar, de persistir...”

através do Mulheres Mil que as pessoas viram o meu valor, viram que eu tinha um potencial muito grande de liderar, de levar as coisas com compromisso, de trabalhar e de sobreviver.

Uma coisa que me marcou muito foi a viagem que nós fizemos para Brasília, e lá tinham 13 comunidades participantes do Mulheres Mil. Eu conheci uma pessoa muito especial, foi a Marta de Lima¹, marisqueira da Paraíba. Com toda a dificuldade, ela não desistiu, ela acreditou. Eu queria que tivessem muitas “Martas”.



Mudou muita coisa. Eu sempre digo que o projeto me fez voltar a ver a vida diferente, porque até então eu era uma dona de casa, não tinha expectativa de nada e, de repente, o projeto abriu novos horizontes. Eu tive vontade de voltar a estudar, de voltar a crescer, porque eu tinha desistido. E essa Sheilane de 2011, é uma Sheilane que aprendeu a ser batalhadora, que aprendeu a ir atrás dos ideais. Foi uma das coisas que eu aprendi no projeto: não desista, não importa a sua dificuldade.

As meninas todas que fizeram o mapa da vida colocaram muito foi a questão do ônibus, porque vinha um ônibus buscar para levar a gente lá. Quando a gente chegou, eu lembro como se fosse hoje, todo mundo olhava o Instituto e falava: “Meu Deus! Isso aqui tudo é pra gente mesmo?”. Quando colocaram a gente dentro de uma sala, que começou a falar do projeto, eu disse para uma amiga, com os olhos cheios d’água: “Aqui, muitas de nós, se quiserem, vão crescer”. Quando a gente voltou para casa, todo mundo maravilhado, todo mundo queria contar o que tinha passado, o que tinha achado. Eu nunca imaginei que ia ser tratada tão bem, que as pessoas iam respeitar a gente tão bem.

O projeto me ensinou a olhar para mim, a me amar mais, a não achar que eu não tinha mais direito de lutar, de persistir, porque eu achava que com essa minha idade aqui eu não ia conseguir muita coisa não. E o projeto me mostrou que não tem idade pra você vencer na vida. Não tem idade pra você achar que é velha e que o seu tempo passou. Não! Ele me mostrou que, se eu quiser, minha idade não importa, eu posso vencer e ir atrás dos meus objetivos. Hoje eu estou com 37 anos e daqui a um ano e meio termino meu curso de música.

1. Veja história de Marta de Lima na página 67.

“Eu aprendi lá que eu posso contornar toda essa situação: posso cuidar da minha casa, fazer aquilo que eu gosto e posso estudar.



As mulheres de Taquaruçu, eu tenho certeza absoluta, sem ter medo de errar, muitas delas não tinham aquela dignidade, aquele amor próprio e hoje nós temos mulheres diferentes. A maioria de nós conseguiu trabalhar, tem aquelas que não prosseguiram com o trabalho de artesanato, mas todo mundo tá trabalhando.

Minha meta agora é terminar meus estudos na escola militar e fazer uma faculdade de Serviço Social, porque eu acho que eu tenho jeito para isso.

É um projeto que veio para mudar a história das mulheres que precisam de ajuda. E nesse projeto realmente vale a pena investir, porque ele ajuda o ser humano a descobrir o seu valor, a ter sua autoestima, a se desenvolver, a procurar ser melhor como ser humano, procurar vencer na vida, sem se importar com as barreiras, porque tem pessoas que desistem por tão pouca coisa. ■



PROJETOS POR ESTADO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas

O Doce Sabor de Ser

Área de Formação: Alimentos

Parcerias Brasileiras: Secretaria de Estado de Educação de Alagoas, ECAPEL (papelaria), Projeto Raízes de África – ONG Maria Mariá, Cooperativa de Funcionários do Banco do Brasil, Pastoral da Barra Nova – Freiras Canadenses, Aeroturismo

Colleges Parceiros: Red River College e Cégep Régional de Lanaudière

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

Transformação, Cidadania e Renda

Área de Formação: Turismo

Parcerias Brasileiras: Governo do Estado do Amazonas/Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-AM)

Colleges Parceiros: Niagara College, George Brown College e Collège Montmorency

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

Um Tour em Novos Horizontes

Áreas de Formação: Turismo e Cuidador domiciliar

Parcerias Brasileiras: Terreiro Mokambo, Centro de Meditação Raja Yoga Brahma Kumaris, Associação de Moradores da Comunidade Vila Dois de Julho (Amovila), Igreja Batista Betesda, Paróquia de São Lázaro, Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares do IFBA

Colleges Parceiros: Niagara College, George Brown College e Collège Montmorency

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará

Mulheres de Fortaleza

Áreas de Formação: Turismo, Manipulação de alimentos e Governança

Parcerias Brasileiras: ONG Emaús, Associações de Bairro do Pirambu, Centro de Pesquisa e Qualificação Tecnológica (CPQT) e Associação Brasileira da Indústria de Hotéis – Ceará

Colleges Parceiros: Niagara College, George Brown College e Collège Montmorency

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

Alimento da Inclusão Social

Área de Formação: Técnicas de conservação e manipulação de alimentos

Parcerias Brasileiras: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-MA), Fundação de Apoio à Educação e ao Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão (Funcema), Associação Comercial do Maranhão (Ascom), Olívio J. Fonseca, Bondiboca, Panificadora Pão Nosso, Panificadora e Confeitaria Sabor e Qualidade, Fundação José Sarney

Colleges Parceiros: Red River College e Cégep Régional de Lanaudière

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba
Desenvolvimento Comunitário – Impacto na Qualidade de Vida e Ambiental**

Áreas de Formação: Pesca, Artesanato e Meio ambiente

Colleges Parceiros: Cégep de la Gaspésie et des Îles

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco
Culinária Solidária**

Área de Formação: Culinária

Parcerias Brasileiras: Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-PE) e Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Colleges Parceiros: Red River College e Cégep Régional de Lanaudière

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
Vestindo a Cidadania**

Área de Formação: Moda e confecção

Parcerias Brasileiras: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-PI), Prefeitura Municipal de Teresina, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo e Casa de Zabelê (Ação Social Arquidiocesana – ASA)

Colleges Parceiros: New Brunswick College of Craft and Design e Cégep Marie-Victorin

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Casa da Tilápia**

Áreas de Formação: Beneficiamento do couro do peixe, Alimentos e Artesanato

Parcerias Brasileiras: Fundação de Apoio à Educação e ao Desenvolvimento Tecnológico do Rio Grande do Norte (Funcern), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Prefeituras Municipais de Ceará-Mirim, João Câmara, Pureza e Touros

Colleges Parceiros: Cégep de la Gaspésie et des Îles

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia
Biojoias – Rede de Vida**

Área de Formação: Artesanato

Parcerias Brasileiras: Secretaria Municipal de Educação de Ji-Paraná e Secretaria Estadual de Educação de Rondônia

Colleges Parceiros: New Brunswick College of Craft and Design e Cégep Marie-Victorin

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima
Inclusão com Educação**

Área de Formação: Alimentos

Parcerias Brasileiras: Secretaria de Educação do Estado de Roraima, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-RR), Serviço Nacional

da Indústria (Sesi-RR), Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-RR), Fórum da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Secretaria de Justiça do Estado, Universidade Federal de Roraima (UFR), Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP)

Colleges Parceiros: Red River College e Cégep Régional de Lanaudière

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe
Do Lixo à Cidadania/Pescando Cidadania e Arte**

Áreas de Formação: Artesanato com reaproveitamento de resíduos sólidos e Arte na culinária

Parcerias Brasileiras: Ministério Público Estadual, Universidade Federal de Sergipe (UFS), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-SE), Secretaria Estadual de Inclusão Social, Grupo de Saúde e Prevenção nas Escolas, Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Socorro, Cooperativa de Agentes Autônomos de Reciclagem de Aracaju (Care), Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico de Sergipe (FUNCEFETSE), Instituto de Beleza Cida Duarte e educadores voluntários

Colleges Parceiros: New Brunswick College of Craft and Design e Cégep Marie-Victorin

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Tocantins
Cidadania pela Arte**

Áreas de Formação: Artesanato e Bioarte

Parcerias Brasileiras: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-TO), Prefeitura de Palmas, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-TO), Instituto Ecológica

Colleges Parceiros: New Brunswick College of Craft and Design e Cégep Marie-Victorin

MULHERES MIL

Educação, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável



Association of
Canadian
Community
Colleges



Association
des collèges
communautaires
du Canada



Canadian
International
Development
Agency

Agence
canadienne de
développement
international



CONIF
CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO



Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA